

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Caio Fernando Flores Coelho

A DÁDIVA DE SI:

ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE MOVIMENTO ESCOTEIRO

Porto Alegre
2013

CAIO FERNANDO FLORES COELHO

A DÁDIVA DE SI:
ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE MOVIMENTO ESCOTEIRO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Eunice de Souza Maciel

Porto Alegre
2013

CIP - Catalogação na Publicação

COELHO, Caio Fernando Flores.

A Dádiva de Si: estudo etnográfico sobre movimento escoteiro / Caio Fernando Flores Coelho -- 2013. 159 f.

Orientador(a): MACIEL, Maria Eunice Araújo

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Etnografia. 2. Juventude. 3. Voluntariado. I. Coelho, Caio Fernando Flores, Maciel, Maria Eunice de Souza. II. A Dádiva de Si: estudo etnográfico sobre movimento escoteiro.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CAIO FERNANDO FLORES COELHO

A DÁDIVA DE SI:

ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE MOVIMENTO ESCOTEIRO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Eunice de Souza Maciel

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Eduardo Robinson Achutti

UFRGS

Prof. Dr. José Alberto Baldissera

UNISINOS

Prof^a Dr^a Ceres Gomes Victora

UFRGS

Porto Alegre, setembro de 2013.

AGRADECIMENTOS

Por medo de não conseguir agradecer a todos, prefiro não mencionar muitos nomes neste espaço. Agradeço imensamente aos meus interlocutores, especialmente a Áquila Paz da Rosa, Diogo Laux, Rebeca Pizzi e Marcelo Melchionna Torres, por toda colaboração para que esta pesquisa se realizasse, especialmente ao Áquila que deve ser considerado coautor de todo este texto. Da mesma forma, desejo agradecer a meus amigos que acompanharam o processo de escrita deste texto: Bruna Schaab que foi meu alento em momentos de necessidade e que proporcionou momentos de grande felicidade na querida cidade de Picada Café, Gibran Laux que acompanhou o nascimento deste estudo, Leida Cantanhêde que está junto comigo há muitos anos, Beatriz Belém Buendgens que agüentou minhas ligações da madrugada, Clarissa de Baumont e Mailing Berwanger pelo carinho, Camila Saito por sempre me escutar, Luan Ott pela paz de espírito, Maitê de Alencastro e Ju “Fera” Dutra pela cumplicidade, Ingrid e Juliana Borchhardt pelo apoio e torcida, e William “Ogro” Bonalume, Bernardo Pavim, Léo Neiss, Cássio Esteves, Gustavo Schutz e Evelise Rodrigues, pelo exemplo do que é verdadeiramente ser um escoteiro. Agradeço imensamente, da mesma forma, à minha mãe Janice Flores e à minha família por ter dado suporte emocional, financeiro, logístico e físico neste processo do mestrado, assim como agradeço a minha orientadora Maria Eunice Maciel por ter me guiado até aqui. Agradeço da mesma forma aos professores Bernardo Lewgoy, Luiz Eduardo Robinson Achutti, Ceres Gomes Víctora e José Alberto Baldissera por tudo que me ensinaram. Agradeço a compreensão e estímulo de Inácio Neutzling, Jacinto Schneider e da equipe do IHU. Agradeço aos meus colegas de mestrado que tiveram a coragem de “parar para pensar” diante dos diversos imperativos institucionais. Foi uma experiência enobrecedora passar por todo este processo com vocês, certamente repetiria a experiência, se possível. Metade desta dissertação foi construída nos debates pós-aula e é impossível não citar os nomes de meus caríssimos Alex “Ivanovich” Moraes, Tomas Guzmán Sanchez, Ana Paula Arosi, Patricia Kunrath Silva, Rodrigo Dornelles, Larissa Maria Guimarães, Cristhiano “Crisko” Kolinski, Natália Silveira, Stéphanie Bexiga, Gabriela Sevilla, Luana Emil, Roberta Grudzinski, Norberto Neto, Caetano Sordi, Luciano Vianna, Priscila Farfan Barroso, Talita Eger, Priscila Borges, Widney de Lima e Cássio Maffioletti. A todos vocês, somente posso deixar o meu obrigado. Obrigado por existirem, obrigado por permitirem que eu compartilhasse destas vivências com vocês. Obrigado por tudo que me ensinaram.

Pense na última cena do filme Noites de Cabíria do Fellini. Lembra daquela cena em que Cabíria acaba de ser lograda por seu “amor”? Aquela em que ela pede por morte diante da desilusão. Aquela em que ela, malgradadamente, cai na mesma armadilha do destino. A morte não vem, e tudo que lhe resta é sair caminhando, ninguém sabe exatamente para onde... Várias pessoas, então, surgem de lugares diferentes e começam a cantar, dançar e fazer firulas em volta dela. Muito bem, pense bem naquela cena, lembre bem. Aquele sorriso que Cabíria mostra ao olhar para a câmera na última tomada. Aquele último e derradeiro sorriso... é minha epígrafe.

RESUMO

Este estudo disserta sobre práticas de membros do movimento escoteiro no Rio Grande do Sul, com especial foco no trabalho voluntário. Assim como investiga o momento de passagem da etapa etária chamada de *ramo pioneiro*, que caracteriza para o movimento escoteiro o período de três anos onde um *jovem* se torna um *adulto* ao completar seus 21 anos de idade. Para tanto, foi realizada pesquisa de campo através de observação-participante durante período aproximado de dois anos (de janeiro de 2011 a novembro de 2012), além de quatro entrevistas em profundidade. Como recurso adicional foi ainda realizada prática fotoetnográfica, cujo resultado está aqui integrado. Tendo como principal problemática investigar os sentidos que são dados para os valores defendidos pelo movimento escoteiro em relação ao voluntariado, utilizou-se as categorias de “dádiva de si” e de “engajamento” para explicar questões levantadas ao longo deste estudo sobre a ideologia que defende o trabalho voluntário como fator essencial no programa pedagógico e na conformação de identidades destes jovens.

Palavras-chave:

Movimento escoteiro, voluntariado, engajamento, dádiva, identidade.

ABSTRACT

This study dissertates about the practices of the scout movement's members in Rio Grande do Sul, Brazil, with special focus on voluntary work. Otherwise, it investigates the passing moment of an age stage called *rover section*, which characterizes for the scout movement the period of three years where a *young* becomes an *adult* by turning 21 years old. It was realized a fieldwork research through participant-observation for a period of approximately two years (from January, 2011 to November, 2012), and four interviews as compliment. As additional resource it was realized photoethnographic practices, which results are integrated to this study. Having as principal aim to investigate the senses that are given for values defended by the Scout Movement in relation to voluntarism, it was used the categories of "give of self" and "engagement" to explicate questions raised along this study about the ideology that defends the voluntary work as essential factor in the educational program and in the conformation of identities of this youths.

Keywords:

Scout movement, voluntarism, engagement, the gift, identity.

A DÁDIVA DE SI: ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE MOVIMENTO ESCOTEIRO

SUMÁRIO

<u>Introdução: Uma etnografia com escoteiros</u>	8
I. Metodologia de pesquisa	15
II. Posições	20
III. A Dissertação	22
<u>Cap. 1 Uma aproximação etnohistórica do movimento escoteiro</u>	<u>24</u>
1.1. O ajudante de Mafeking, o “pós-escoteiro” na I Guerra Mundial e o cerne do movimento escoteiro	28
1.2. Paradigma fundacional, ou o que devemos a um evento (ou dois)	29
1.3. O Movimento Escoteiro, hoje, ou sobre escotismo, movimento escoteiro e a instituição União dos Escoteiros do Brasil	38
<u>Cap. 2 Memorabilia</u>	<u>44</u>
<u>Cap. 3 Ensaios sobre uma comunidade imaginada</u>	<u>60</u>
3.1. O Encontro com a “Natureza Selvagem” ou sobre como o acampamento faz o escoteiro	60
3.2. Jamboree, muitas trocas, mesmo lenço	70
<u>Cap. 4 Biophilia</u>	<u>79</u>
<u>Cap. 5 O que os pioneiros fazem? Ou o que faz dos pioneiros, pioneiros?</u>	<u>96</u>
5.1. Vivência do ramo pioneiro	98
5.2 Trabalho Voluntário	113
<u>Cap. 6 Cosmogonia</u>	<u>119</u>
<u>Cap. 7. O que é a dádiva de si no movimento escoteiro? Ou sobre engajamentos</u>	<u>132</u>
<u>Considerações finais: Conversa de Fogo de Conselho n °. 29</u>	<u>146</u>
<u>Referências Bibliográficas</u>	<u>152</u>

INTRODUÇÃO

Uma etnografia com escoteiros

*“One said and I quote I just read this thing that you wrote in college
A trenchant critique of anthropology being accepted as a social science
And not the art of educated observation
And all the things that we can learn about ourselves in the context of
someone else” (Mike Kinsella, “A Trenchant Critique”, Owen)*

Este estudo busca colaborar para um maior entendimento sobre o movimento escoteiro brasileiro e abrir novas perspectivas sobre a pesquisa acadêmica em relação a movimentos de juventude. O movimento escoteiro é um tema pouco abordado pelos estudos acadêmicos no Brasil, salvo algumas exceções, especialmente localizadas nas pesquisas de história da educação. Neste caso específico, desejo enfatizar o caráter de busca por uma nova abordagem em relação ao objeto, pois até onde pôde ser verificado pela pesquisa bibliográfica, não existe na produção antropológica brasileira estudos que dissertem sobre o escotismo conforme praticado pela União dos Escoteiros do Brasil. De outro modo é importante frisar a constituição da problemática deste estudo, focado no movimento escoteiro, porém centrado nas perspectivas de voluntariado, movimentos de juventude e “formação” de jovens.

Segundo levantamento da Organização Mundial do Movimento Escoteiro, os escoteiros de associações afiliadas a esta organização somam mais de 30 milhões de membros (fato especialmente veiculado no XXII Jamboree Mundial Escoteiro, julho-agosto de 2011, Suécia), com presença em 161 países e territórios¹. No caso do Brasil, a União dos Escoteiros do Brasil conta com mais de 69 mil afiliados, dos quais cerca de 8 mil pertencem à Região Escoteira do Rio Grande do Sul². A partir destes números, o movimento escoteiro se afirma como o “maior movimento de jovens do mundo”. Apesar desta afirmação ser dificilmente verificável por algum estudo comparativo, é inegável que este movimento constitui-se de extrema importância para o entendimento dos movimentos de juventude, devido à sua

¹ World Organization of the Scout Movement: http://www.scout.org/es/acerca_de_scouting/estadisticas/censos

² União dos Escoteiros do Brasil. Relatório Anual 2011: http://www.escoteiros.org.br/arquivos/relatorios_anuais/relatorio_anual_2011.pdf

abrangência territorial e a seu método particular de trabalho, baseado na pedagogia proposta nas obras de Robert Stephenson Smyth Baden-Powell (1857-1941), comumente referido sob a sigla *B-P* (que meus interlocutores lêem conforme a pronúncia na língua inglesa: “Bi-Pi”), tenente-general do exército britânico, escritor e desenhista, que usufruiu de grande fama no Império Britânico a partir do ano de 1899, devido ao sucesso na liderança da defesa do Cerco de Mafeking (durante a Segunda Guerra dos Bôers na África do Sul) e por causa de seus vários livros publicados sobre suas experiências militares e sobre movimento escoteiro.

Os estudos elaborados até o momento não possuíam cunho etnográfico, e é este ponto que acredito ser interessante na abordagem que desenvolvi. Um estudo de imersão baseado na experiência que estes jovens vivenciam através do escotismo, como são planejadas e executadas suas atividades e qual a filosofia que as guia. A partir da vivência da pesquisa de campo, encontrei-me interpelado constantemente por falas sobre “servir” ao próximo e sobre o movimento escoteiro ser uma maneira de formar “melhores cidadãos”, ou seja, um discurso deste movimento sobre o trabalho voluntário, sobre engajamentos e práticas e discursos estabelecidos a partir destes. Doravante, minha proposta com este estudo é etnografar como práticas e discursos no movimento escoteiro relacionam categorias como “trabalho voluntário” e “juventude” através de um “processo pedagógico” visando gerar engajamentos específicos.

Pude observar, diversas vezes, práticas a partir dos escoteiros que corroboram a afirmação de que *ser escoteiro* corresponde a um estilo de vida. Para além do sistema simbólico próprio dos escoteiros, é possível afirmar um modo de agir e pensar que se não é exatamente próprio, é construído através da vivência do escotismo, através do envolvimento dos jovens com seu grupo escoteiro, e por isso possui suas particularidades. Seja nos sinais que escoteiros usam para reconhecer-se entre outras pessoas, seja por certas condutas que condizem com certos parâmetros de moralidades, seja através de experiências similares entre diversos locais que este movimento proporciona.

Quando comecei a pensar este estudo, nos últimos meses de 2010, meu objetivo era realizar um estudo sobre o *ramo pioneiro*³, no Rio Grande do Sul, porém buscando o código

³ Abordarei o que é o *ramo pioneiro* com mais vigor em outros pontos da dissertação, especialmente no capítulo 1, subcapítulo 1.3. Para este momento, é necessário apenas saber que o programa pedagógico do Movimento Escoteiro possui quatro divisões etárias, chamadas de *ramos*. O ramo pioneiro compreende a fase em que o jovem se encontra entre 18 e 21 anos incompletos e se especializa em atividades que podem ser resumidas no seu

de rituais que eles chamam de “mística”, que nada mais é do que uma temática utilizada pelos *clãs* em seus cerimoniais. O pendor para esta idéia veio do meu interesse por clãs de “mística medieval” que se configuravam como uma das tantas releituras da Idade Média na cultura contemporânea, seguindo uma linha direta com minha monografia de conclusão da graduação em História⁴. Pensava que poderia estabelecer assim, uma ligação com minhas pesquisas anteriores, que justamente investigavam as releituras da Idade Média no Cinema, focando as lendas arturianas (estudos inspirados especialmente por obras de Peter Burke, Jacques Le Goff e François de la Bretèche).

Esta hipótese já não consta como tema deste estudo. E a mudança na direção da pesquisa se deve ao contato com o aparato conceitual antropológico e à revisão bibliográfica de estudos sobre escotismo realizada para esta pesquisa, assim como a pesquisa de campo realizada em 2011 e 2012.

A pesquisa de campo “preliminar” começou em janeiro de 2011 e se estendeu até agosto de 2011, contou com minha participação em dois eventos internacionais (XI Fórum Mundial de Jovens Escoteiros, Blumenau/SC, janeiro de 2011 e XXII Jamboree Mundial Escoteiro, Suécia, julho-agosto de 2011), três visitas a *clãs pioneiros* em cidades do interior do estado (Erechim, Passo Fundo e Santa Maria) e participação em alguns outros eventos regionais e locais (região metropolitana e região da serra gaúcha).

Pretendia para o começo de minha pesquisa obter um quadro mais amplo do ramo pioneiro no estado do Rio Grande do Sul, para poder fundamentar uma futura escolha para um estudo mais localizado, assim como queria saber se existia potencial para um estudo sobre a “mística” dos clãs.

Tenho de reconhecer que a “mística” ainda poderia ser abordada em um estudo, mas eu não mais via nela o sentido centralizador das práticas destes escoteiros, o que era minha hipótese inicial. Esta ideia de escoteiros que se viam romanticamente na contemporaneidade como os “servis cavaleiros da Idade Média” era, de certa forma, uma visão romântica das minhas perspectivas.

De outra forma, o que sempre pautou a ideia de estudar somente o ramo pioneiro, em

lema: “servir”, que é o assunto desta dissertação.

⁴ COELHO, Caio F. F. *De Gildas a Antoine Fuqua: Rei Arthur e o Cinema*. São Leopoldo, Unisinos: 2008.

detrimento dos outros ramos ou do movimento escoteiro como um todo⁵, foi o lugar que este ramo ocupa na estrutura do programa de formação de jovens do movimento escoteiro. Como pergunta Meira (2009:11): “Se as faixas e os graus etários variam de cultura para outra, seguem-se as indagações: na sociedade moderna, o que diferencia um jovem de um adulto? Existem ritos de passagem da juventude para o status de adulto?” (Meira, 2009:11)

O argumento deste estudo sempre se baseou na hipótese de que o ramo pioneiro se constitui como uma *passagem*, na estrutura etária proposta pelo movimento escoteiro, por ser o estágio que prepara o jovem para se tornar um *adulto*. É importante neste momento compreender que a discussão sobre o conceito “adulto” na sociedade moderna é um tema complicado, pois como afirma Meira:

O rito de passagem de forma institucionalizada nas sociedades modernas parece suprimido. Sem sua celebração, perdem-se elementos importantes. Muito mais do que elaborações ou dramatizações secundárias que, à primeira vista, parecem apagar os conflitos gerados pela transição difícil de uma posição a outra, o foco dos ritos de passagem não é apenas o jovem. Alcançam a dimensão do indivíduo como proposição da mudança de status, promovem o voltar-se para o outro, um sentir por intermédio do estar e fazer juntos. (Meira, 2009:15):

Em termos, é possível afirmar que o ramo pioneiro se constitui como uma passagem, não exatamente um rito de passagem (Turner, 1974. Van Gennep, 1978) por causa de sua longa duração, mas sim um *momento* de passagem, marcado por diversos rituais, de passagem e de outras especificidades: uma zona de transição para a vida adulta (Guedes, 1997). Na visão do movimento escoteiro, o ramo pioneiro se constitui pelo arrefecimento da competição entre equipes e por certos tipos específicos de atividades que valorizam a colaboração, a articulação política, a execução de projetos voluntários em equipes de interesse, o “estar e fazer juntos”.

Foi através da constatação destes elementos, voluntariado e momento de passagem, que finalmente enxerguei o elemento central, o cerne constituinte da formação de identidades de jovens através do movimento escoteiro.

Vi pessoas que acabavam mais cansadas em finais-de-semana do que em seu cotidiano

⁵ Ver Capítulo 1, subcapítulo 1.3.

de semana, vi pessoas que declaravam o escotismo como norte para seu “estar no mundo”, vi pessoas que abdicavam de suas horas de lazer para pintar um hospital, montar brinquedos em praças públicas, fazer mutirões para recolher doação de roupas...

Não estou afirmando aqui uma observação romantizada do escotismo. Estou apenas afirmando que existe *ad nauseam* um discurso de *serviço ao próximo*, como os próprios escoteiros dizem (na versão mais judaico-cristã possível). Estou afirmando que estes escoteiros possuem uma ideologia que objetiva este discurso em certas práticas, que a União dos Escoteiros do Brasil pode ser caracterizada como uma organização “guardiã de valores”, segundo a categorização de Krammer (*apud* Fonseca 2001:18).

Neste sentido, afirma Fonseca, baseada na categoria de Krammer, que “as organizações voluntárias (guardiãs de valores) devem promover a participação dos cidadãos, desenvolver qualidades de liderança, proteger os interesses especiais de grupos minoritários bem como assegurar a vitalidade de valores sociais como o voluntarismo e a solidariedade.”

Porém o voluntariado não pode aqui ser tratado levemente. Em um primeiro momento, é comum que se aceite voluntariado como sendo constituído por altruísmo. Porém conforme afirma Fonseca:

“o voluntariado não seria necessariamente determinado por motivações altruísticas, uma vez que é geralmente assumido que recompensas diversas são colhidas pelos voluntários na sequência do seu serviço e existiria base para identificar motivações instrumentais paralelamente às primeiras. Nesta sequência o altruísmo como característica central da operacionalização de motivos ligados à decisão de aceitar e manter uma linha de acção voluntária seria um objecto de inquirição empírica em vez de um item definitório.” (Fonseca, 2001:20)

Então, a questão que deve ser pensada é: qual o motivo para estes jovens realizarem estas atividades voluntárias e por quê o escotismo defende este *serviço ao próximo*?

Para responder esta questão é preciso dissertar sobre uma característica que penso ser essencial para a constituição de uma identidade própria aos membros do movimento escoteiro. Baseada não em relação ao que é mais estereotipicamente notado quando se fala sobre este movimento⁶, mas sim de um tópico mais subjacente, de certa forma mais subjetivo, que se

⁶ Que poderia ser dito como “o que eu porto, levo ou mostro em mim mesmo”.

resume na frase: “ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião”, ou seja, doar-se.

Estas palavras citadas acima fazem parte de uma fala utilizada em uma cerimônia de juramento e investidura feita quando os membros entram no movimento escoteiro. Chamada simplesmente de *Promessa*, é a partir deste momento que o indivíduo ganha o direito de utilizar certos símbolos sobre si que demonstram sua afiliação ao movimento, especialmente o lenço ao redor do pescoço. Nota-se que a grande maioria sabe este texto de cor: “Prometo pela minha honra fazer o melhor possível para cumprir meus deveres para com Deus e a minha Pátria, ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião e obedecer a Lei do Escoteiro”.

Diogo: Eu acho que o movimento escoteiro é reflexo da sociedade, em todos os pontos. Na verdade, ele... Quando a sociedade evolui, quando a sociedade cria novos meios de comunicação, quando a sociedade cria novas culturas, novos jeitos de se relacionar, o movimento escoteiro acompanha ela, e não é intencional, ninguém manda nisso, é natural. É que nem a linguagem, eu acho... As pessoas estão mudando e o movimento escoteiro, ele vai mudar, independente. Ele vai ser puxado, 100 anos foi isso. Quando o cara⁷ criou isso, o mundo era outro, totalmente arcaico, nada do que a gente tem hoje existia. E a regra básica do que ele criou segue, o cerne continua intacto, se tu para para pensar. A questão dos valores, a questão de... E mais do que isso, eu acho que a questão do civismo, do patriotismo, eu acho que tinha coisas que eram muito mais fortes. E hoje, eu acho que só nós restamos com isso. Acho que só o movimento escoteiro ainda tem algum ponto de trabalhar a questão do amor à pátria.

Caio: Este civismo?

Diogo: É. Esses valores de se sentir parte de um país, e junto com isso essa questão de ter uma família, essa questão própria da religião...ah, seja lá tua religião, acredite em alguma coisa, seja uma crença, seja alguma coisa. Acho que as outras doutrinas são direcionadas. O Colégio Militar, o que ele quer? Ele quer formar os caras que vão trabalhar, então. A igreja, o que é que ela quer? Ela quer formar o seu fiel. Eu acho que a gente é uma coisa mais universal, uma coisa mais...

Esta tríade *Deus-Pátria-Próximo* forma a base ontológica do movimento escoteiro e

⁷ Aqui, por “cara”, Diogo se refere a Baden-Powell. É comum encontrar vários apelidos que se referem ao fundador do movimento escoteiro: B-P, “o cara”, “velhinho”. Estes apelidos não devem ser tomados no sentido pejorativo, mas sim afetuosos, como um sinal de familiaridade e respeito ao mesmo tempo.

reforça a influência de tradições judaico-cristãs e anglo-saxãs nele. É claro que é necessário fazer ressalvas quanto a este ponto, pois estes conceitos são adaptados conforme a realidade local onde este fenômeno ocorre. Para o universo desta pesquisa, vejo estes elementos sendo operacionalizados por escoteiros gaúchos em vias de idealizar uma dispensa de seu próprio tempo, de seu próprio trabalho, de seu próprio sangue (já que é prática comum realizarem campanhas de doação de sangue entre escoteiros), de sua própria identidade em prol de uma coletividade instanciada em discursos específicos.

Entendo este texto como um questionamento, e nada além disto, por acreditar que uma boa abordagem do que poderia ser conceituado como a “dádiva de si” necessitaria de maior espaço e tempo de discussão⁸. Por agora, pretendo abordar dois pontos específicos: a) o que seria uma noção do doar-se em um sentido lato e b) uma defesa do doar-se enquanto conformador de um *habitus* para o movimento escoteiro.

“Troca”, “reciprocidade” e “dádiva” são categorias que podem ser facilmente interpretadas entre si como equivalentes. Porém, para os objetivos aqui postulados, atenho-me de iniciar uma discussão em torno das definições destes termos e pretendo focar o que busco neste texto, a noção ou o processo de desprender algo de si mesmo para oferecer a outra pessoa.

Conforme Sabourin, sobre a obra de Mauss:

“Mas (...) como a supremacia da sociedade ocidental sugere fortemente que a troca seja a forma mais evoluída das prestações humanas, a solução mais fácil para ligar troca e dádiva seria interpretar a reciprocidade das dádivas como uma troca arcaica. Precisaria, então, reduzir o *mana*, que segundo as referências indígenas comanda a reciprocidade, a um valor que pudesse ser trocado. Mauss atribui o *mana* ao doador, como uma propriedade espiritual; assim, dando algo, dá-se algo de si mesmo. A noção de dádiva de si leva à idéia de que a dádiva cria uma dependência para com o outro, porque o *mana*, o ser do doador, seria inalienável. Portanto, aquele que receberia esse símbolo seria obrigado a restituí-lo ou a ficar sob a sua dependência.” (Sabourin, 2008:134)

Enquanto que, segundo a afirmação acima, a troca arcaica seria esta reciprocidade das dádivas (dom, contra-dom), por envolver *mana*, *hau*, ou uma espécie de dimensão espiritual, Le Gall-Ely, Urbain e Gonzalez postulam outra perspectiva, ao afirmar que “a dádiva

⁸ Ver capítulo 7.

contribui à essência e participa da existência do indivíduo em diferentes níveis: a construção de um eu, a expressão de um eu e o pertencimento a um nós.”⁹ (2010:26).

O que me parece essencial, em todos os aspectos abordados até este ponto, é o fato de que o discurso do humanitarismo inspira um voluntariado que acaba por configurar um estilo de vida que constitui/implica um sistema simbólico ou um *cerne*. Desta forma é constituído um discurso comum e uma identidade comum aos escoteiros, enquanto pessoas que “fazem o bem” ou que “buscam criar um mundo melhor”.

I. Metodologia de pesquisa

Visei na pesquisa de campo acompanhar alguns pioneiros do estado do Rio Grande do Sul e, para tal, utilizei prioritariamente observação-participante (Malinowski, 1978), nas conversas informais e no acesso às redes de amizades destes jovens. Em um segundo momento, investi um maior esforço para certas tentativas fotoetnográficas e entrevistas em profundidade.

Este trabalho e a conformação da pesquisa de campo sempre foram objetivados para cultivar certa polifonia dos interlocutores (Clifford, 1998). E para tal fim, o caderno de campo e as entrevistas demonstraram grande relevância. A observação-participante na verdade deveria ser melhor entendida em relação a este estudo enquanto uma “participação-observante”. Este fato ocorreu devido às interpelações que eram postuladas para mim enquanto pesquisador nas saídas de campo, pois apesar de sempre declarar minhas intenções de pesquisa para meus interlocutores em muitos momentos, eles nunca me consideravam apenas um observador. Um acordo tácito estava firmado a partir do momento em que tivesse a autorização para estar em campo: eu deveria colaborar com as atividades desenvolvidas. Dessa forma, cabe afirmar que eu nunca fui apenas um etnógrafo em campo, mas um escotista¹⁰ e pesquisador, que estava realizando uma pesquisa sobre um “nós” do qual fazia parte.

⁹ Tradução minha a partir do original: “Le don contribue à l’essence et participe de l’existence de l’individu à différents niveaux: la construction d’un Je, l’expression du Je et l’appartenance à un Nous.”

¹⁰“Escotista” é o termo com o qual se denomina um adulto no movimento escoteiro (em geral, alguém com 21 anos ou mais) que trabalha com a formação de jovens (ou seja, um “chefe”), ao contrário do termo “escoteiro” que é deixado apenas para denominar os jovens menores de idade.

A partir deste ponto, comecei a exercer uma rigorosa vigilância epistemológica, pois estava a todo momento sendo interpelado de várias formas por pessoas que muitas vezes se esqueciam de minha pesquisa, apesar de o saberem. Especialmente com meus principais interlocutores, que frequentam minha casa e são amigos próximos, era difícil conseguir separar o que era intimidade/familiaridade e o que era material de pesquisa¹¹. Neste ponto, Ingold (2011:243) possui uma reflexão próxima ao afirmar que: “Nós (antropólogos) podemos ser nossos próprios filósofos, mas nós podemos fazer isto melhor graças à incorporação nos nossos engajamentos observacionais com o mundo e em nossas colaborações e correspondências com seus habitantes.”¹² Nesta questão, algumas crenças *naïves* romantizadas que eu possuía da antropologia se mostraram infrutíferas, pois eu passei a ser interpelado por meus interlocutores em minha própria casa.

Talvez seja uma conclusão precipitada, mas não vejo formas de realmente fazer uma pesquisa na forma como esta foi feita sem uma intenção de intervenção e um forte desejo de poder utilizar o conhecimento crítico antropológico desenvolvido aqui para tentar mudar alguma coisa em relação às práticas do movimento escoteiro, ao menos enquanto uma política institucional.

Ficou claro no último semestre de 2012 que toda a sistematização que procurei criar para a pesquisa de campo fora inútil. Quanto mais eu buscava esquematizar, quantificar, encaixar os diversos relatos de campo, fotografias, áudios com entrevistas, vídeos de pesquisa, *prints* de páginas escoteiras, mais confusa ficava a sistematização. A partir deste momento, apenas me preocupei em ter salvo todos estes arquivos digitais em diversos locais e busquei pensar em como interpelar estes diversos materiais. Deixei a sistematização para o momento da escrita desta dissertação. Outra forma que encontrei de dialogar melhor com meus interlocutores sobre o andamento da pesquisa foi através da internet. Em diversos momentos, *postei* fotos, pequenos parágrafos do diário de campo e vídeos recolhidos em campo. Isso se mostrou bastante frutífero, pois meus interlocutores depositavam mais confiança em mim (do que estava fazendo com este material que estava reunindo sobre eles) e o diálogo se tornou mais sincronizado.

¹¹ Ver primeiro excerto de diário de campo do capítulo 7.

¹² Tradução minha a partir do original: “We can be our own philosophers, but we can do it better thanks to its embedding in our observational engagements with the world and in our collaborations and correspondences with its inhabitants.”

Sim, o processo de interpelação constante, o estresse deles pelo que eu iria de fato escrever, as questões éticas envolvidas foram um processo cansativo e presente. Mas, não é isso que Favret-Saada (2005) falava sobre o ser afetado por seus interlocutores?

As entrevistas em profundidade foram feitas na fase final da pesquisa (oficialmente a pesquisa de campo começou em janeiro de 2011 e terminou em novembro de 2012) com o objetivo de realizar uma narrativa mais detalhada da vivência do ramo pioneiro com alguns jovens (algumas delas se encontram no capítulo 5, outras no capítulo 7). Cada uma delas foi realizada da seguinte forma: uma conversa informal com estes interlocutores cujas falas foram gravadas em suas próprias casas. A idéia era fazer uma retrospectiva destes anos de movimento escoteiro (após completar 18 anos) através de objetos de eventos que eles guardavam como *souvenir*. O convite foi feito informalmente, porém não me foi negada nenhuma destas entrevistas, penso que isto seja resultado da interação durante a observação-participante.

Devo admitir que a produção imagética deste estudo é completamente pautada pela obra de Achutti (1997, 2004) no viés estético, performativo e de registro, porém desejo fazer a ressalva de que não considero completamente satisfatória a busca da realização de uma fotoetnografia, no sentido de estabelecer, através da fotografia, narrativas sobre meu objeto de pesquisa, pois não acredito ser possível fazer uma leitura completa do objeto desta dissertação apenas através dos capítulos fotoetnográficos. De outra forma, nunca desejei subjugar a fotografia à mera.

Em vias de operacionalizar esta pesquisa, o trabalho de campo foi dividido em três partes: campo preliminar (ou exploratório), campo em nível regional (instâncias institucionais no RS) e nível local (dois grupos a nível municipal). Pensava eu, em um primeiro instante, que o campo preliminar¹³ e o campo em nível regional¹⁴ seriam apenas complementos para ajudar a estabelecer a problemática do estudo no ano de 2011¹⁵, porém ver a dimensão das relações de sociabilidade dos jovens pesquisados fez a pesquisa, em 2012 adquirir uma nova

¹³ Onde foram realizadas visitas a escoteiros em Erechim, Santa Maria, Porto Alegre, Três Coroas, Caxias do Sul e Passo Fundo, além da participação em eventos fora do RS, incluindo: XI World Scout Youth Fórum (Blumenau, janeiro de 2011) e XXII World Scout Jamboree (Kristianstad, Suécia, julho-agosto de 2011).

¹⁴ Campo mais líquido, no sentido baumaniano, caracterizado por participação em diferentes eventos estaduais, bem como diálogo constante com instâncias estaduais da instituição sediada no estado (período principal de coleta de dados entre março e novembro de 2011).

¹⁵ Com vistas à construção do projeto de dissertação na disciplina de Métodos.

roupagem, como abordo a seguir.

Sendo um estudo de antropologia urbana sobre um movimento social juvenil, inédito em suas particularidades, foi considerada a pequena escala como único meio de “análise” (ou, melhor dizendo, dentro de minhas possibilidades de análise), atentando para a falta de diálogo acadêmico que existe sobre este tema.

Ao mesmo tempo, parto de um comprometimento localizado nos embates políticos de membros e da organização sobre os quais falo ao estabelecer para esta pesquisa o privilégio dado aos interlocutores “jovens”, não buscando “defendê-los ou hegemonizá-los”, mas buscando privilegiá-los enquanto interlocutores principais, colocando em foco suas perspectivas. Face a discursos e jogos de poder existentes internamente na instituição pesquisada tive de fazer certas escolhas. Este comprometimento que marcou minha pesquisa desde o início partiu da própria idéia e vontade para este estudo. Ao fazer buscas em bancos de dados durante o ano de 2010, me vi confrontado com o fato de que não havia nenhuma produção acadêmica sobre escotismo no Brasil que abordasse a questão do voluntariado/cidadania/humanitarismo. E então, frente a esta ausência de debate acadêmico, me propus a tentar resolver o que considerava (e continuo considerando) um problema.

Porém, tenho um problema decorrente da minha posição neste coletivo social onde realizei minha pesquisa de campo: sou um “nativo”. Bruner (1986) em seus escritos atenta para a construção da etnografia enquanto uma narrativa, fato que eu, enquanto historiador, atento constantemente. A base da produção antropológica, ou mesmo etnográfica continua sendo letras, palavras e papel. Constituí ainda uma narrativa. Mas uma narrativa a quantas mãos? Clifford (1998) aponta a questão da autoridade etnográfica e afirma que um texto faz sentido tanto enquanto é produzido, como quando é lido, dependendo da criatividade do leitor.

De certa forma, por ser um “antropólogo-nativo” de um tema pouquíssimo abordado na academia, sofro de uma autoridade etnográfica às avessas. Poderia se dizer: “do meu campo, eu sei”. Tentei manter uma vigilância epistemológica sobre este fato através de dois modos: 1) através de diálogo constante com meus interlocutores por diversos canais e 2) através do diálogo constante com meus colegas e professores sobre o desenrolar da pesquisa (especialmente junto ao Grupo de Estudos de Antropologia Crítica/GEAC).

As conversas informais nos dois pontos se mostra como extremamente importante para manter uma “sanidade antropológica”. Claro que não é por ser nativo que não possuo

olhar crítico em relação ao que a pesquisa de campo está mostrando. É um processo de enfrentamento constante de noções, por vezes teorizadas de antemão, por vezes, violentamente inseridas na pesquisa pela conjuntura do campo.

Como minhas saídas de campo foram fluídas e, quase sempre, ocorriam em finais de semana, um fator que achava ser vital para a pesquisa era a longa exposição da observação-participante direcionada a aspectos específicos. O campo preliminar, era para ter um retrato mais geral do escotismo no estado; na fase regional, para me apropriar do discurso institucional para, em um terceiro momento, conseguir chegar ao centro da questão: o nível local.

A opção de pesquisar a nível estritamente local¹⁶, através da observação-participante, estava baseada no fato, que observei no campo de 2011, de que só poderia ser desenvolvida uma imersão completa através do estabelecimento de vínculos mais próximos com os interlocutores, pois é somente no pequeno núcleo local que geralmente se estabelecem vínculos afetivos mais duradouros. Ao mesmo tempo, me identificava com a proposta de Favret-Saada (2005) sobre ‘ser afetado’ durante a pesquisa de campo.

Errado estava neste ponto, e é sempre um exercício interessante observar como o campo tem o poder de modificar perspectivas de uma pesquisa. O *método escoteiro*¹⁷ acontece realmente no nível local, é lá que é aplicado o processo pedagógico, nisto não estava errado. Porém os núcleos locais não são autômatos divorciados uns dos outros.

São estabelecidas redes de sociabilidade entre estes jovens que mostram importância na constituição de suas identidades. E neste ponto, se tornou necessário observar uma forma de dar conta destas relações inter-grupos, das relações entre pessoas pertencentes a diferentes núcleos locais. Como não havia encarado a necessidade de abarcar a internet nesta pesquisa?

Este fator foi incorporado à pesquisa, e através dele é que estou procurando “coletivizar” de certa forma a autoria desta. Meu estudo não se trata de uma etnografia virtual, nem é a internet um ambiente que utilizei para recolher dados “brutos”, mas sim a utilizei para acompanhar os indivíduos que estão sendo pesquisados e a utilizo para ser passível de

¹⁶ Ver capítulo 1, subcapítulo 1.3, no que tange à definição de *Grupo Escoteiro*.

¹⁷ O método escoteiro caracteriza-se pelo conjunto dos seguintes pontos: 1) aceitação da Promessa e da Lei Escoteira, 2) aprender fazendo, 3) vida em equipe, 4) atividades progressivas e 5) desenvolvimento pessoal com orientação individual.

interpelação a qualquer momento de meus interlocutores.

Bruce Albert (1997), em seu texto *'Ethnographic Situation' and Ethnic Movements: notes on post-Malinowskian fieldwork*, afirma que o determinante no “trabalho de campo pós-malinowskiano” é capacidade de interpelação dos “nativos” a diferentes instâncias e seu poder de conformação em frentes demandatórias de políticas específicas. Não posso afirmar que me coloco no papel de advogar antropologicamente em favor do movimento escoteiro aqui pesquisado, porém isto é algo que se torna inerente à pesquisa. Minha pesquisa, de certa forma, empodera o movimento escoteiro e o legitima de certa feita, não vejo nisto um fato negativo, sendo que não sou o primeiro a fazê-lo (ver Nascimento, 2008).

II. Posições

Como posso conseguir estabelecer categorias de análise em um movimento social do qual faço parte sem ser passível da acusação de ser este um estudo autoetnográfico? Bom, não posso negar que tenho um corpo, uma mente, um modo de estar e que transito no mundo através deles. Porém, preciso enfatizar a importância que teve para esta pesquisa estabelecer um olhar crítico sobre estes escoteiros. Primeiramente, era importante estabelecer perguntas válidas e ouvir respostas. Em um segundo momento, era necessário observar, ser aceito, afetar-me, afetar-me, vivenciar estas experiências.

Voltando a questão do “antropólogo-nativo”, eu não era um nativo aceito em sua completude, pois não era tido como um *pioneiro*. Eu não era exatamente um *deles*. Sim, eu era um escotista; sim, eu estou no movimento escoteiro há muito tempo; sim, eu conhecia as práticas, os símbolos, os rituais; sim, eu era interpelado como *um* entre um *nós*. Porém eu não era um pioneiro. Pois havia algo que os pioneiros vivem e fazem do qual eu não fazia parte¹⁸.

Esta percepção não era uniforme é claro, mas algumas características minhas (como a idade, por exemplo) não se encaixavam em um padrão perfeito. Enquanto para alguns eu era um *highlander*¹⁹, para outros eu era um adulto que queria voltar a ser jovem no movimento (e

¹⁸ Ver Capítulo 5.

¹⁹ Termo nativo que se dá a casos “incomuns” quando um membro do movimento já completou 21 anos e se recusa a sair do ramo pioneiro, ou seja, se recusa a deixar de ser jovem no movimento. A origem do termo deriva da famosa franquia de filmes da década de 1980, onde os “highlanders” eram seres imortais que competiam entre si para aumentar seus poderes.

nesta perspectiva havia encontrado um jeito de fazê-lo), para alguns eu era um possível adulto voluntário para futuramente trabalhar nos grupos que estava acompanhando... Mas estas percepções variavam demais, em toda uma sorte de constantes.

Um de meus principais interlocutores, chamado Áquila²⁰, me fazia críticas constantes por ser “crítico demais”. Durante todo o desenvolvimento da pesquisa, eu costumava comentar com ele minhas percepções após as saídas de campo. Estabelecemos, a partir disso, um diálogo muito profícuo e positivo nestes dois anos. Porém em casos especiais sobre tópicos que ele considerava delicados, costumávamos debater por horas.

Pelo fato de Áquila estar envolvido com as estruturas nacionais da instituição e ter um grande trânsito por estas instâncias, muitas vezes, os seus argumentos são similares às posições políticas da União dos Escoteiros do Brasil. E justamente por causa disso esse diálogo era muito importante para mim.

Para citar alguns exemplos, os últimos tópicos de 2012 foram: o novo Código Florestal Brasileiro, a participação de escoteiros brasileiros na Rio+20 e o caso do banimento de membros ateus, agnósticos e homossexuais da Boy Scouts of América (associação escoteira norte-americana). Resumidamente, o processo era sempre o mesmo, eu o interpelava (e através dele a instituição) de que a UEB deveria tomar uma posição clara em relação a estes assuntos.

Não importava tanto assim a posição, apenas era necessária (na minha visão) uma posição clara, para que então a instituição fosse passível de críticas (e/ou aprovações) de seus membros e do público em geral. Já ele, normalmente, me respondia que a instituição não podia tomar certas posições políticas sem baseá-las em diferentes aspectos.

Neste ínterim, sob a perspectiva dele (como foi verbalizada diversas vezes) eu estava sendo “crítico demais” em relação ao movimento, quando na verdade estava sendo crítico em relação à instituição sustentada por este movimento. Já por outro lado, na Academia (outra instância que freqüentei cotidianamente durante o tempo desta pesquisa), por vezes fui interpelado enquanto um pesquisador “comprometido demais com este campo *up*”. Ou, como

²⁰ Optei por não trocar os nomes dos interlocutores desta pesquisa, tendo autorização deles para fazê-lo, pois a partir das narrativas aqui contadas eles seriam facilmente identificados por outros membros do movimento escoteiro que circulam nas mesmas redes e pelo fato de que eles não viam razão para que houvesse necessidade de “preservar” suas identidades.

passei a denominar isto mentalmente (perdoe-me pelo termo, cara leitora), um “defensorêmico”.

Para mim, era um exercício constante conseguir equilibrar o que seria uma crítica interna possível ao movimento escoteiro (e este trabalho tem como pretensão uma intervenção) e uma possível não-defesa, não-apologia deste movimento perante à antropologia. Ao mesmo tempo que me dissocio, busco uma compreensão interna e este processo pode se tornar confuso.

III. A Dissertação

Esta dissertação está dividida em sete capítulos.

O primeiro capítulo está dividido em três partes onde busco uma abordagem de cunho etnohistórico do movimento escoteiro. Na primeira seção, faço referência a personagens construídos na literatura escoteira sobre dois eventos históricos: a campanha de resistência no Cerco de Mafeking e a atuação de escoteiros ingleses na região litorânea inglesa na I Guerra Mundial. Na segunda seção, realizo uma discussão sobre a “quimera das origens” envolvendo o primeiro acampamento escoteiro na Inglaterra em 1907, o lançamento do livro *Escotismo para Rapazes* de Baden-Powell e a *promessa escoteira*, lançando um debate mais generalizado sobre a noção de evento histórico. Na terceira parte faço um apanhado das duas primeiras seções e tento oferecer um olhar a partir delas para este movimento hoje. No segundo capítulo, intitulado *Memorabilia* reúno uma série fotográfica sobre objetos, lugares e imagens-de-memória de alguns interlocutores.

No terceiro capítulo, escrevo dois ensaios sobre temas um tanto quanto pontuais da constituição identitária de uma comunidade imaginada no movimento escoteiro. O primeiro ponto trata da questão do acampamento como um espaço de experiência e aprendizado dinâmico no processo de formação do escoteiro. O segundo aborda a celebração desta comunidade imaginada em um acampamento mundial ocorrido na Suécia em 2011, além de descrever certas práticas observadas em tal evento. O quarto capítulo, que optei por chamar de *Biophilia*, dá rosto aos jovens sobre os quais falo através de retratos de diversos interlocutores em atividades escoteiras. No quinto capítulo, realizo uma reflexão sobre o que é o ramo pioneiro, focando especialmente na importância do trabalho voluntário enquanto ápice do sistema de formação pedagógica do movimento escoteiro para jovens entre 18 e 21 anos de

idade. Assim como busco discutir o que este voluntariado significa para estes jovens. O sexto capítulo, intitulado *Cosmogonia*, traz fotografias especificamente tiradas em atividades voluntárias, ações sociais e mutirões comunitários, ou seja, fotografias que buscam mostrar este jovens em suas ações, dinâmicas que dão sentido ao seu estar no mundo a partir destas lógicas suscitadas neste estudo. O sétimo capítulo privilegia, assim como o quinto, vozes de alguns interlocutores entrevistados. Busco, a partir desta polifonia, realizar um debate entre estas falas para propor um sentido comum de engajamento (Ramos, 2007. Hobsbawm, 2010), trabalho voluntário, humanitarismo, processo de passagem para a “vida adulta” e constituição identitária enquanto escoteiros.

Optei por estabelecer uma distinção sobre os textos extraídos diretamente do caderno de campo. Meu objetivo é de que eles sejam facilmente identificados e, para isso, a forma que encontrei de fazê-lo é colocando-os em outra fonte. Não posso negar também que a fonte de inspiração para isto vem do livro “A História sem Fim” de Michael Ende, onde a escrita se desenvolve em duas cores de fonte diferentes (no caso, vinho e verde-escuro) conforme a narrativa se desenvolve: uma reflete quando o personagem principal (Bastian) está lendo a história, a outra quando ele entra no livro e está participando da história. Convido-os, desta forma, a deixarem-se afetar pela percepção que tive nesta caminhada que realizei entre os escoteiros em minhas saídas de campo. Quanto às fotografias que fazem parte desta dissertação todas foram feitas por mim (a única exceção são as três primeiras do Cap. 2 que foram tiradas por Nicolas Erwig) com câmeras diferentes, principalmente com uma Nikon D50 que me foi emprestada por meu amigo Alex Moraes, a quem gentilmente agradeço a cedência, uma outra Nikon D3100 de minha propriedade e algumas outras câmeras digitais portáteis que foram sendo utilizadas ao longo do caminho.

Da mesma forma, as falas de interlocutores serão destacadas com o uso da fonte em itálico. Desta forma, objetivo fazer distinção entre o que foi escrito por mim no caderno de campo e o que foi coletado e transcrito tal qual a partir de gravações de áudio.

CAPÍTULO 1

Uma aproximação etnohistórica do movimento escoteiro

“É mais fácil formular perguntas que respostas, e este ensaio tomou o caminho mais fácil em lugar do mais difícil. E no entanto, pode ser que fazer perguntas, principalmente sobre as experiências que tendemos a tomar como dadas, não seja uma ocupação sem valor. Nadamos no passado como o peixe na água, e não podemos fugir disso.” (Hobsbawm em Sobre História, p. 35)

Neste capítulo, dividido em três movimentos, disserto sobre uma apresentação, na medida do que considero possível, para o movimento escoteiro. Nos dois primeiros teço uma aproximação histórica do objeto desta dissertação e no terceiro busco um apanhado de caráter epistemológico do tema de forma a, resumidamente, compor um mosaico complexo sobre afirmações que o conceito de escotismo e o movimento escoteiro sofrem, em um primeiro momento do texto a níveis generalizantes para, na sequência, dar maior ênfase ao caso do universo desta pesquisa.

Espero, com os dois primeiros movimentos, abordar uma dimensão um tanto mais complicada da história do movimento escoteiro, pois vejo que não há espaço, nem propósito, para uma discussão mais aprofundada sobre a “história oficial” do movimento escoteiro nesta dissertação. São referenciadas, constantemente, outras bibliografias para uma leitura complementar, caso se veja a necessidade para tal.

O objetivo do primeiro movimento fundamenta-se na análise de duas figuras encontradas na literatura referente ao movimento escoteiro e prima por analisar como estas são ressignificadas por jovens escoteiros como embasamento ideológico para certos engajamentos produzidos, especialmente aqueles que envolvem certas práticas de ações comunitárias. Na literatura produzida pelo movimento escoteiro para seus frequentadores são comumente utilizados momentos históricos que conformam o “as origens” deste movimento, dos quais este estudo aborda dois: o cerco de Mafeking de 1889-90 e a campanha militar da costa britânica na I Guerra Mundial.

O segundo título disserta sobre o “mito-fundador” deste movimento em uma discussão sobre a noção de evento histórico. Apesar de seu caráter não-etnográfico, peço esta licença,

pois esta parte será acompanhada de pequenos trechos do diário de campo do momento quando da visita de um dos locais aqui referenciados (no caso, a Ilha de Brownsea) e outros momentos da conversa que gerou o argumento principal desta parte (em uma visita a Gilwell Park), ambos durante a saída de campo realizada na Inglaterra em 2011.

O terceiro movimento faz um apanhado sobre a estruturação do movimento escoteiro no Brasil, hoje, além de um resumo do programa pedagógico deste movimento.

Busco neste primeiro capítulo exprimir o argumento desta dissertação, a dádiva de si, a partir de uma matriz específica, que me é mais familiar, ou seja, a história. Este tema será retomado ao longo dos outros capítulos, porém, acredito ser este um bom modo para que possamos compreender as “raízes históricas” deste movimento ao mesmo tempo em que lançamos alguns entendimentos sobre o que é descrito ao longo de todo este estudo.

Reconheço que o cunho “etnohistória” encontrado no título deste capítulo é de certa forma pretensioso e ainda me incomoda em certo sentido. Porém compartilho da noção de Cavalcante (2011), de que a proposta concernente à etnohistória não se restringe a uma história antes da história ou fora da história a partir de um ponto de vista nativo-indígena. Desta forma, esta é uma tentativa de utilizar a etnohistória enquanto um método ou uma acepção para *começar* um debate. Eu, um aprendiz de antropólogo e um nativo, falando de um local específico, categorizado enquanto *urbano* em um *sociedade complexa*. Ou melhor colocado nas palavras de Lilian Schwarcz:

“se a antropologia deve se debruçar sobre o que é considerado “nativamente” relevante, não pode deixar escapar a centralidade que a história ocupa em nosso pensamento: ela é parte fundamental das grandes narrativas sociais e da forma de nos auto-representar, costurando eventos. E, como mostrou Paul Veyne, “um evento é apenas o que se destaca sobre um fundo de uniformidade; é uma diferença.”, da mesma maneira como a “história no singular, e com maiúsculas, no limite não existe.” (Veyne, 1982).” (Schwarcz 2005:135)

A primeira idéia para esta pesquisa foi elaborada após a leitura do livro *A Escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil*, de Jorge Carvalho Nascimento (2008). O autor, neste estudo, realiza uma historiografia sobre o movimento escoteiro no Brasil, buscando compreender as formas como ele foi aplicado, nas duas categorias principais com que opera: a associação voluntária (enquanto um sistema de pedagogia ativa) e o escotismo de Estado (enquanto um método de treinamento nacionalista,

cívico e “paramilitar”).

Compartilho da concepção de Nascimento de que é “fundamental inventariar as práticas do movimento escoteiro, compreendendo ser este um importante objeto da História da Educação, buscando a sua etnografia, as suas evocações, a sedução produzida por este movimento na memória daqueles que foram escoteiros(...)” (2008:9). Pois o estudo deste movimento se faz necessário em diversas áreas do conhecimento, incluindo-se a antropologia social.

O único estudo antropológico sobre o movimento escoteiro, produzido no Brasil, é *Bandeirantismo no Brasil: um estudo de caso sobre mulher e modernidade* de Maria Inez Fernandes Motta, que realizou sua pesquisa com a Federação Brasileira de Bandeirantes (FBB), em 1988. Seu estudo baseou-se em entrevistas com mulheres da elite carioca, que foram bandeirantes entre 1945 e 1960, e analisou o papel desenvolvido pelo ‘bandeirantismo’ na formação destas mulheres durante sua adolescência, com especial atenção para “o fato de apresentar traços inovadores em sua proposta de educação feminina, sem romper, no entanto, com as bases conservadoras de sua educação tradicional.” (1988:VI)

Nas pesquisas produzidas nas ciências humanas, de modo mais geral, é possível encontrar estudos sobre este tema, especialmente na área da história da educação. Nascimento (2008) identifica um paradigma nestas produções sobre o escotismo. Afirma ele que enquanto alguns estudos preocupavam-se com a denúncia do escotismo como um movimento nacionalista, baseado em uma cultura conservadora fundada em valores cívicos, outros buscavam compreendê-lo como uma pedagogia ativa, uma proposta de ensino baseada na lógica do autogoverno. O autor não afirma ser este um paradigma que divide os estudos sobre o movimento escoteiro em duas partes incomunicáveis, apenas constata uma inclinação nestas pesquisas por analisar um certo viés.

Enquanto as análises sobre o “escotismo de Estado” se fazem necessárias, pois este esteve presente no Brasil especialmente a partir da década de 1930, outras focavam a associação voluntária, identificando as diversas formas como este movimento foi apreendido e utilizado por diferentes atores sociais. Esta pesquisa se circunscreve no segundo paradigma apresentado por Nascimento e busca compreender o escotismo “como prática social”. (Nascimento, 2008:14).

Além de uma prática social, o escotismo é um movimento de juventude e como tal

possui aspiração, método e programa que visa a um público “jovem”. Não estou afirmando que a tomada de decisão referente a um movimento hierarquizado como o escotismo é fruto somente da decisão de jovens, mas 1) é discurso recorrente entre as lideranças do movimento de que eles trabalham “pelos jovens” e 2) é inegável que o movimento escoteiro como um todo tem aumentado a participação de representações juvenis nas instâncias de decisão dentro da instituição nos últimos dez anos²¹.

Outra característica do movimento escoteiro, enquanto exemplo de um movimento juvenil, foi resumida por Melucci (1997:12): “Movimentos juvenis tomam a forma de uma rede de diferentes grupos, dispersos, fragmentados, imersos na vida diária”. Os preceitos deste movimento acabam por impregnar outras instâncias da vida de seus membros, especialmente aqueles que começam a frequentar o movimento em tenra idade.

Mas, primeiramente, devemos observar um entendimento mais amplo do movimento escoteiro, suas definições e como o encaro para esta pesquisa.

O Escotismo ou Movimento Escoteiro se define como um movimento internacional de jovens cujo objetivo, segundo expresso em sua missão, é: “contribuir para a educação dos jovens, por meio de um sistema de valores baseado na Promessa e na Lei Escoteiras, para construir um mundo melhor onde as pessoas se realizem como indivíduos e desempenhem um papel construtivo na sociedade” (World Scout Organization, 2008:60). Sua origem está ligada ao general inglês Baden-Powell que, em 1908, publicou um livro intitulado *Escotismo para Rapazes* (Scouting for Boys).

O marco histórico geralmente aceito como o início do movimento escoteiro é o acampamento experimental realizado por B-P na Ilha de Brownsea, sul da Inglaterra, em 1907. Neste acampamento, ele aplicou um protótipo de seu método de instrução para rapazes entre 12 e 16 anos, visando avaliar a possibilidade de adaptação de outro livro seu, *Aids to Scouting* (escrito para o exército britânico), em um método a ser utilizado por e para jovens. A partir do lançamento do *Escotismo para Rapazes*, o movimento escoteiro começa a se estruturar institucionalmente e a ser adotado e adaptado em diversos países. A rápida expansão do movimento escoteiro ocorreu especialmente nos países que possuíam grande

²¹ O maior exemplo que temos disso foi a criação da Rede de Jovens, que agrega membros do movimento escoteiro entre 18 e 26 anos, e possui representação eleita internamente a nível nacional e estadual.

contato comercial com o Reino Unido.

1.1. O ajudante de Mafeking, o “pós-escoteiro” na I Guerra Mundial e o cerne do movimento escoteiro

A questão aqui trata sobre as “origens” do movimento escoteiro, porém desejo determe por alguns momentos sobre um segundo ponto que para mim é vital na discussão aqui proposta. Ela é baseada em dois personagens criados em dois momentos históricos descritos por Baden-Powell em sua autobiografia *Lições da Escola da Vida*. Apesar deste escrito ser um exercício imaginário já que estes dois personagens especificamente nunca existiram, busco exprimir em um denominador comum: uma leitura a partir de experiências vividas por diferentes jovens através dos relatos de Baden-Powell e, de forma mais importante para a temática deste estudo, o que estas passagens buscam ensinar aos seus leitores em tempos atuais.

O primeiro personagem, nomeado *o ajudante de Mafeking*, é uma criança entre 10 e 12 anos de idade, habitante da cidade de Mafeking, que sofreu um cerco durante vários meses entre os anos de 1889 e 1890. As forças de resistência durante o cerco defendiam os interesses coloniais da Coroa Inglesa e estavam sob o comando de Baden-Powell. Por estar com falta de efetivo militar, o comandante inglês decidiu utilizar meninos habitantes desta vila para desempenharem funções auxiliares necessárias às forças militares, como serviços de cozinha, enfermaria, correio etc. Baden-Powell afirma em algumas passagens de suas obras que foi esta experiência de treinamento de jovens que primeiramente lhe deu a idéia de escrever um livro baseado em suas experiências militares de espionagem e de vida ao “ar livre” que fosse voltado para um público juvenil.

O segundo personagem aqui discutido é um jovem inglês que em 1914 estava próximo a seus 18 anos de idade e que respondeu à chamada feita por B-P para auxiliar como apoio na campanha de defesa da costa britânica na I Guerra Mundial e que tenha participado do movimento escoteiro em seus anos iniciais. O nome dado a este personagem, *pós-escoteiro*, foi aqui utilizado como uma expressão para sinalizar que este jovem já não era mais um freqüentador do movimento escoteiro. Em seus anos iniciais o movimento era voltado para jovens do sexo masculino entre as idades de 11 e 16 anos e não havia programas pedagógicos voltados para outras faixas etárias. Então um jovem nascido em 1896, teria 12

anos em 1908 (lançamento do livro *Escotismo para Rapazes*) e estaria completando 18 anos em 1914, no início da Guerra.

Seja o *ajudante de Mafeking*, seja o *pós-escoteiro* na I Guerra, estes dois personagens são referenciados em algumas bibliografias escoteiras especialmente por uma qualidade que, acredito, seja o valor fundamental para este movimento: “ajudar ao próximo”.

Viso esta abordagem do assunto a partir de uma análise de discurso aliada à vivência de minha pesquisa de campo, pois busco realizar um debate sobre os valores deste movimento face às teorias sobre a Dádiva. E é a partir disso que perguntas mais específicas tornam-se presentes: afinal, quem ajuda quem? E por que esta ajuda é necessária?

Tanto o pós-escoteiro quanto o ajudante de Mafeking são pessoas jovens em processo de se tornar um adulto, os dois atendem um chamado para auxílio de outros, baseados em valores ufanistas (e no caso do pós-escoteiro, patrióticos, pela “defesa da nação” em uma guerra) em uma comunidade. Ambos, voluntariamente, se dispõem a prestar apoio e auxílio visando o “bem comum” de um grupo social ao qual pertencem e, a partir disso, dão mais um passo para assumir responsabilidades, que nestes casos são qualidades pertencentes ao “mundo adulto”.

É através desta ação voluntária que eles ingressam em um grupo de pertencimento maior que seus núcleos familiares e buscam um sentido de unidade, tanto pessoal como social, o que pressupõe um processo de construção de si e um processo de construção de identidade e de uma noção de pessoa. Ou seja, “a evolução das representações e de práticas de dádiva parecem estar ligadas a evolução do indivíduo, sua empresa de autonomia e a formação de sua identidade.” (Le Gall-Ely, Urbain e Gonzalez, 2010:31)

1.2. Paradigma fundacional, ou o que devemos a um evento (ou dois)

Retrocesso, processo, progresso. Estas linhas de evolução que se busca ver nos fatos, nos eventos históricos, podem servir para auxiliar ao explicar determinado fenômeno. Mas não ajudam a compreendê-los de fato. Um processo histórico não se faz para se explicar. *Nós* buscamos explicações neles. Quem faz isso somos nós, não os “fatos” em si. Penso que as grandes linhas de explicação baseadas na *longa duração* conforme vemos na obra de Braudel (1972) e outros historiadores das diversas gerações da Escola dos Annales podem ser o melhor aporte para esta nossa busca da “quimera das origens”. *Nós*, seres “imperfeitos”, em

busca da *sophrosyne* grega, tentamos *nos* explicar, buscamos compreender esta origem de onde viemos para entender o que somos, onde estamos e para onde vamos. Refuto qualquer esforço futurologista que possa ser intentado nas pesquisas acadêmicas, mas reconheço que é difícil começar uma narrativa sem um começo factível.

Três fatos serão abordados neste texto. O acampamento que convenho adjetivar como *experimental*, que ocorreu na Ilha de Brownsea, no sul da Inglaterra, no começo de agosto de 1907; a obra *Escotismo para Rapazes* escrita por Baden-Powell a partir das experiências vivenciadas neste acampamento, contendo o modelo do que ele considerava como dicas úteis para desenvolvimento de jovens, publicada em 1908; e o momento, denominado *Cerimônia de Promessa*, que marca a entrada de um novo escoteiro neste movimento, bem como certas simbologias que o cercam.

Mas antes de tudo, precisamos começar em algum lugar.

**Excerto do Caderno de Campo,
16 de julho de 2011, sábado, 10h.
Visita a Gilwell Park²², Londres, Reino Unido.**

"(...) Estamos em uma sala da White House de Gilwell Park acompanhando um grupo de visitantes no começo do tour que teremos pela propriedade. Minha orelha parece ficar de pé ao ouvir nossa guia, Clair, dizer que de fato o primeiro evento inaugural do movimento escoteiro é um acampamento organizado em 1908. Mas este não era o acampamento experimental de Brownsea em 1907? O argumento dela me parece interessante, no final das contas, já que os jovens que estavam em Brownsea não tinham feito a cerimônia de promessa escoteira, eles, teoricamente não eram escoteiros, eram apenas "boys", sem o "scout". Alguém só passa a ser escoteiro, só pode dizer "eu sou" a partir do momento da promessa. Então, teoricamente, Brownsea foi apenas um evento que ajudou no processo, mas essas discussões sobre o "primeiro" na história sempre me cansam, afinal quem veio primeiro o ovo ou a galinha? Sempre tem algo antes. "They choose the Brownsea Island Experimental Camp as the first scout event for the Jamboree of 2007", bom isso faz sentido, nos anos 2000 a alta cúpula se reúne e decide que o 'primeiro' evento escoteiro foi Brownsea para realizar o Jamboree do centenário do Escotismo na Inglaterra em 2007. Mas espera um pouco, eu aprendi quando criança que o primeiro acampamento escoteiro havia sido o de Brownsea, isso foi antes ou depois da tal comissão inglesa decidir algo? Acho mais plausível que exista uma discordância entre os estudiosos "positivistas" do escotismo em relação a isso. De qualquer forma, sentido criado, tradição inventada. Hobsbawm deve estar com a orelha coçando neste momento. Clair continua, descrevendo como a propriedade de Gilwell foi doada por 'The Boy'

²² Gilwell Park é uma extensa área verde pertencente à associação escoteira britânica e o local de treinamento de chefes escoteiros de Londres, uma espécie de "Campo-Escola".

MacLaren para B-P, como suas diversas edificações foram sendo construídas por diferentes pessoas em nome de várias associações. Depois que saímos da propriedade, vimos algumas esculturas que estão no pátio cercano da White House. Essa sensação deve ser a mesma coisa que o Louvre para um amante de belas-artes. Eu vejo fotos da escultura "The Boy Scout" desde que eu sou criança. Causa, inclusive, a mesma impressão da Monalisa, na foto parece maior e mais interessante... Mas o Áquila percebeu que eu não estou curtindo tanto assim. Depois de algumas horas, o tour já havia terminado e ele me fala: "Tu curtiu mais a visita em Brownsea, né?". Ao que eu respondo: "É óbvio, Brownsea foi muito mais importante e o local é muito mais bacana." "Tu vê", me diz ele, "eu curti mais Gilwell e isso até se encaixa nos nossos perfis de atuação no movimento..." (...)"

Esta fantasia, esta intenção de que um momento único possa se tornar algo a partir do qual se pode explicar toda uma linha de práticas em uma longa linha temporal, esta vontade positivista, quando confrontada com este pequeno trecho escrito por Chartier (2002), pode ganhar nova roupagem. Conforme afirma o autor:

Quando sucumbe à "quimera da origem", a história carrega, sem ter clara consciência disso, vários pressupostos: de que cada momento histórico é uma totalidade homogênea, dotada de uma significação ideal e única presente em cada uma das manifestações que exprime; de que o devir histórico é organizado como uma continuidade necessária; de que os fatos encadeiam-se e engendram-se em um fluxo ininterrupto, que permite decidir que um é "causa" ou "origem" do outro. (Chartier, 2002:127)

Posso desvelar "origens" diferentes a partir das experiências vividas durante a pesquisa de campo entre os escoteiros. Digo "origens", no plural e entre aspas, por compreender que elas são apenas reflexos catárticos de experiências vividas por eles ou práticas cerimoniais pelas quais passam (ou passaram) ou ainda por acreditar que existe um certo dogma histórico-positivista-doutrinador sobre esta questão que envolve o surgimento do movimento escoteiro e o acampamento experimental realizado na Ilha de Brownsea, em agosto de 1907 (provavelmente algum escoteiro que vá ler este texto vai dizer: "Mas o acampamento começou com um fogo de conselho no dia 31 de julho de 1907! E alguns jovens foram para o local já no dia 30!") Reconheço este fato, simplesmente a data não importa tanto quanto o fato colocado dentro de um processo maior, ao menos na visão proposta para este texto).

Estas "origens" se referem, é claro, a mitos-fundadores que acabam por reificar estes processos de constituição de identidade que envolvem o movimento escoteiro. Continuando a

discussão, vou me ater a três pontos: o acampamento já citado, a cerimônia da promessa escoteira e o livro *Escotismo para Rapazes*.

Abrir o livro *Escotismo para Rapazes*, escrito por B-P e lançado em 1908, é uma experiência muito interessante. É um documento congelado de um momento muito específico na história dos fluxos de dominação que ocorriam no globo no começo do século XX. Ele pode ser lido como um reflexo da visão de um militar britânico branco que havia servido ao Império Britânico em várias de suas colônias, especialmente na Índia e no sul da África. E trata basicamente da visão deste militar formatada para práticas e coisas que ele acreditava serem importantes para treinar a juventude da época, que pensava estar defasada e entregue ao bel-prazer do destino, sem rumo, sem vontade e sem futuro.

Mas preciso colocar um ponto aqui, apesar de muitos pensarem que este livro, e o Escotismo por conseqüência, era uma maneira de tentar militarizar a infância, não é esta sua proposta. Para não fugir muito aos termos do autor: “eu também já fui criança.” (1986:21). Este livro busca compilar uma série de experiências que o próprio autor viveu, em várias passagens da sua trajetória, que sejam passíveis de reprodução, com vistas a dinamizar, engrandecer, ufanizar patrioticamente a juventude inglesa (especialmente a londrina) entregue “aos vícios”. Este é o mote principal do livro, criar uma base “moral” para a juventude através da prática do que seria a partir de então chamado Escotismo. Esta moralidade específica está baseada em uma promessa e em uma lei com dez artigos, mas, mais importante que isso, está baseada em uma prática, que é em parte projetada por este livro e em parte não, como veremos a seguir.

* * *

Pego o livro. É um volume publicado em 1986, tem exatamente a minha idade, a capa de uma folha branca mole, porém um pouco mais grossa do que as folhas internas, com impressões em verde mostra um garoto de aproximadamente 14 anos, branco, de cabelos curtos, sorridente e feliz. Ele carrega uma pequena mochila nas costas, um bastão em uma mão, abana uma chapéu com a outra e sorri feliz, como que me convidando para olhar as aventuras que posso ter em companhia dele e deste livro. Ele parece estar no topo de um monte.

Abro o livro. Passo as páginas iniciais, o sumário, uma introdução à edição norte-americana e outra à brasileira. Mais algumas folhas. E me deparo com o prefácio (“Eu

também já fui criança.”). “Pois é, eu também já fui criança, B-P. E fui criança contigo.” Rumino eu para o livro. “Ou ao menos parece. Parece que vivi estas passagens da minha vida contigo”. Viro a página e encontro o seguinte texto em letras garrafais:

PROMETO PELA MINHA HONRA FAZER

O MELHOR POSSÍVEL:

PARA CUMPRIR MEU DEVER PARA COM DEUS E A MINHA PÁTRIA, AJUDAR O PRÓXIMO EM TODA E QUALQUER OCASIÃO, OBEDECER A LEI DO ESCOTEIRO.

LEI DO ESCOTEIRO

- 1 – O ESCOTEIRO TEM UMA SÓ PALAVRA: SUA HONRA VALE MAIS QUE SUA PRÓPRIA VIDA.
- 2 – O ESCOTEIRO É LEAL.
- 3 – O ESCOTEIRO ESTÁ SEMPRE ALERTA PARA AJUDAR O PRÓXIMO EM TODA E QUALQUER OCASIÃO E PRÁTICA DIARIAMENTE UMA BOA AÇÃO.
- 4 – O ESCOTEIRO É AMIGO DE TODOS E IRMÃO DOS DEMAIS ESCOTEIROS.
- 5 – O ESCOTEIRO É CORTÊS.
- 6 – O ESCOTEIRO É BOM PARA AS PLANTAS E OS ANIMAIS.
- 7 – O ESCOTEIRO É OBEDEIENTE E DISCIPLINADO.
- 8 – O ESCOTEIRO É ALEGRE E SORRI NAS DIFICULDADES.
- 9 – O ESCOTEIRO É ECONÔMICO E RESPEITA O BEM ALHEIO.
- 10 – O ESCOTEIRO É LIMPO DE CORPO E ALMA.

Ao que não resisto a perguntar: por que é necessário que estas letras sejam tão gritantes? O resto do livro é escrito em uma padronização de fonte harmoniosa, leve ao olhar. Nas páginas seguintes, encontro um texto muito similar, pois se trata da tradução direta e literal da promessa e lei conforme escritas no original em inglês, estas que vi primeiramente são uma adaptação para o Brasil.

Chego no capítulo 1 (o livro é dividido em 9 capítulos, mas é dividido em 26 “conversas de fogo de conselho”²³) (o livro original em inglês possui 28), ele fala sobre estar preparado para diferentes situações baseado nas experiências de “exploradores”, vejo que Baden-Powell narra neste capítulo alguns episódios diferentes, histórias de espionagem, serviço auxiliar em exércitos... “Esteja preparado!” No capítulo 2, os primeiros textos falam

²³ Para uma descrição sobre o que é o ritual do “fogo de conselho”, olhar o terceiro capítulo, subcapítulo 3.2.

sobre acampar e as *artes mateiras*, outro sobre o “código dos cavaleiros da Idade Média” (ou melhor dizendo uma versão vitoriana do que seria um possível código dos cavaleiros medievais), outro sobre salvamento de vidas, amor à pátria e assim por diante. Já o capítulo 3 fala sobre como tornar-se um escoteiro (antes das instituições transformarem algo que foi imaginado para ser fluído em algo hierarquizado). Paro de revirar as páginas amareladas e borradas deste livro.

Fecho novamente o livro, e olho para sua capa. Ele foi plastificado há muito tempo atrás, com uma espécie de fita durex larga e transparente. A capa está solta há muito tempo.

* * *

**Excerto do Caderno de Campo,
22 de julho de 2011, 15h.
“Sobre Brownsea”,
Jardim de Luxemburgo, Paris, França.**

“Fomos a Brownsea no dia 15 de julho, em um dia ensolarado, tendo como guia e motorista um escoteiro britânico chamado Dave. Muito cedo pela manhã, embarcamos em seu carro e nos deslocamos para o porto, a velocidade com que Dave dirige nos fez vencer facilmente os cerca de 50 km que nos separava da ilha. O mar de Brownsea, para meu espanto, era de um verde-azulado que compete com as melhores praias do nordeste.

Pagamos cerca de 7 *pounds* e embarcamos na balsa, após parar para admirar a estátua em ferro de Baden-Powell que se encontra no ancoradouro. No barco, subimos ao segundo andar para poder observar melhor a paisagem. A ilha não é muito grande, metade dela é aberta ao público e na outra metade é proibido entrar por ser uma reserva ambiental.

Como posso explicar essa experiência? Estou tentando encontrar um ponto convergente entre Caio-projeto-de-antropólogo e Caio-escoteiro-a-vida-inteira. Em Brownsea, eu escolhi apenas ser Caio-escoteiro, pois seria impossível não me sentir desse modo naquele local. Queria poder registrar todos os suspiros e haustos que eu e meus amigos tivemos neste local “sagrado”! Ao descer da balsa fomos encaminhados por um píer de madeira em direção a um conjunto de construções antigas, onde pagamos uma entrada. Logo a direita se localizava uma loja de lembranças da ilha que optamos por conhecer na volta. Ao sair deste conjunto de construções nos deparamos com uma “rua” margeada de um lado por um muro de pedra que bordeava o pátio de uma mansão e do outro lado por uma junção de árvores que se tornariam nossas companheiras durante todo o passeio. Em sua maioria, abetos e carvalhos relativamente novos, com a presença de alguma árvores mais robustas entre eles.

É claro que eu estava usando o lenço azul-marinho do meu grupo escoteiro, assim como meus amigos também estavam. É uma honra poder levar as cores de seu grupo para Brownsea. Conversei muito pouco com todos durante o dia, estava com o humor “muito mexido”, e ainda estava me acostumando a falar inglês o tempo todo.

Como esquecer? Lobo, Corvo, Touro e Maçarico. As quatro primeiras patrulhas escoteiras da história. Eu, pisando neste solo sagrado, onde o ideal de vida de tantos foi imaginado. Baden-Powell realizou nesta ilha o acampamento experimental que acabou por gerar um movimento que quase cem anos depois eu faria parte! Posso apenas dizer que toda vez que eu leio algum escrito dele, a simplicidade, a simpatia dizem algo novo. Não que ele seja um gênio da literatura, simplesmente o que ele escreveu faz sentido de uma forma que poucos escritos fizeram. E nós aprendemos de cor a história do acampamento experimental da Ilha de Brownsea. Os nomes das patrulhas, as atividades de cada dia, os objetivos alcançados e detalhes, muitos detalhes. Eu sinto como se tivesse vivido parte disso. Será que foi ali, embaixo daquela árvore, que aconteceu o jogo do cabo-de-guerra do último dia do acampamento?...

Encontramos muitas pessoas na ilha, pois é verão e período de férias escolares na Inglaterra. A própria ilha possui um local para acampamentos atualmente, muito utilizado pelo que pude observar.

Dave, que estava nos guiando naquele dia, conhecia muito bem a ilha, por ter acampado lá diversas vezes e por ter auxiliado no planejamento das atividades que ocorreram em Brownsea no Jamboree Mundial de 2007. Nós o conhecemos hoje, e parece que já faz tempo, esse tipo de simpatia entre escoteiros que já vi ocorrer várias vezes. Ele tem um certo vício de falar tudo com "ish" no final. Estou tentando traduzir há horas, mas é difícil, ou melhor algo *hard"ish"* de se fazer.

Em um primeiro momento, passeamos pela ilha, visitamos uma capela que lá existe datada do séc. XVIII, mas totalmente decorada com motivos escoteiros. Além de conter vitrais, as bandeiras da WOSM e da WAGGGS²⁴, cada genuflexório contava com uma almofada bordada com o símbolo de cada Jamboree Mundial (o primeiro foi em 1920). Eu estou em Meca, Medina, Jerusalém, tudo ao mesmo tempo. Este é o meu solo sagrado. O ar rescende de outra forma, meu tato funciona de outro jeito... Visitamos também um pequeno museu que contava a história da ilha, sua ocupação desde os tempos pré-romanos, suas edificações da época medieval, seu papel na II Guerra Mundial...

(...) quando nos deparamos com a surpresa (que Dave já havia previsto) de que o local onde foi executado o acampamento de 1907, hoje está abaixo d'água! Este local foi um campo localizado a beira d'água, no extremo sudoeste da ilha e, hoje, com o aumento do nível do mar nos últimos cem anos, se encontra coberto por um ou dois metros de água. Não se pode dizer que talvez o mar tenha clamado para si a honra de ser o único a pisar o local do acampamento atualmente?

Após ficar um tempo observando o mar sobre o local do acampamento, subimos

²⁴ World Association of Girl Guides and Girl Scouts. Organização paralela à World Organization of the Scout Movement, pensada no início do séc. XX para congregar as associações nacionais do bandeirantismo, hoje porém as duas organizações possuem afiliados de ambos os gêneros em suas associações nacionais.

uma pequena elevação onde se localiza uma pedra comemorativa do acampamento²⁵. Ela é irregular, mais tendendo para um retângulo do que para outra coisa, com cerca de dois metros de altura e possui em volta dela um círculo de cerca de 5m de raio coberto de pedras calcárias da praia que margeia o famoso local. Não tenho mais palavras para descrever este local, até porque este texto não vai para a dissertação de qualquer jeito. Só me resta acrescentar a frase que ouvi do San Gil algumas semanas depois: “Mas tu sabe o que é sentir na pele aquela sensação, né Caio? Estar em Brownsea é único, aquele lugar é mágico!”

Ao falar de “origens”, em três pontos historicamente construídos, desejo buscar um cerne. Busco encontrar um ponto comum. “Teoricamente”, o acampamento experimental na Ilha de Brownsea foi o teste para uma idéia que já estava vicejando na mente de B-P, o livro Escotismo para Rapazes foi o documento gerado a partir das idéias iniciais e dos resultados do acampamento e a Promessa e Lei Escoteiras (reforço, apenas teoricamente) foram o extrato final deste processo.

Mas eu tenho de admitir que nenhum destes elementos citados é um reflexo direto do que encontrei nas minhas saídas de campo entre escoteiros no Rio Grande do Sul. “Claro, já se passaram cem anos” alguém poderia afirmar. Mas é isto de fato? Quando enunciei a *longa duração* no começo deste capítulo, buscava alertar que realmente pretendo obliterar em momentos oportunos estas barreiras temporais neste texto. Distâncias temporais, geográficas e culturais ainda importam, mas, caso meu exemplo se faça compreensível, posso ser perdoado por estas apropriações quase “ilógicas”.

O “ilógico” aqui se refere diretamente ao extrato deste cerne, deste sentido catalizador do movimento escoteiro. Um movimento, para exercitar (por falta de palavra melhor) e ensinar jovens, visando transformá-los em “prontos” ou pessoas preparadas. Como levar jovens para acampar pode prepará-los para a “vida em sociedade”? Como são estes acampamentos? Que projeto de ensino é esse? E o que este projeto pedagógico tem de relação direta com estes eventos ditos acampamentos? O escoteiro só acampa?

Sim, eu me deixo afetar por esta lógica. Para mim, um escoteiro deve estar “sempre alerta” e deve estar preparado para sobreviver, atuar, dinamizar momentos específicos. Não acredito ter nenhum “problema” em relação a isto. Mas o que está por trás desta lógica é instigante, ao menos em um sentido etnográfico.

²⁵ Primeira, segunda e terceira fotos do capítulo 2.

O acampamento experimental da ilha de Brownsea durou exatos oito dias. Deu-se em uma pequena ilha no sul da Inglaterra. Não envolveu mais do que quarenta pessoas ao todo. Hoje o movimento escoteiro conta com mais de trinta milhões de pessoas ao redor do globo. Eu mesmo fui em um acampamento com trinta e nove mil participantes, o que é quase o dobro da população de minha cidade natal. Isto parece de alguma forma bizarro? Em cem anos as coisas mudam de figura!

A “origem” de fato, aquele único fator originário e quimérico, se refere à “promessa escoteira”. Por que esta promessa tanto? É simples, um culto a Baden-Powell, um sentido de uma certa unidade específica e símbolos que os unificam em um livro congregador. Todo e qualquer escoteiro conhece e pode reconhecer a figura do “fundador”. O sentido de unidade do escotismo se dá de forma muito interessante, pois não está baseado especificamente em um uniforme (eles mudam muito), nem no lenço (não existem padrões e eles não são “universais”), nem na promessa (o texto também muda muito conforme o país). Mas cada escoteiro que conheci *prometeu alguma coisa para alguém*, seja valor, seja para com sua pátria/nação, seja para com Deus. E este sentido de “estar preparado” perpassa cada um destes juramentos a outrem.

Identifico ainda um outro valor mais fundamental no movimento escoteiro que será abordado a seguir e que possui estrita relação com o indivíduo estar preparado para “situações inusitadas”. Mas, não fugindo muito do tema que pretendia abordar aqui, tanto o acampamento quanto a equipe de pessoas, quanto o contato com a “natureza”, quanto as soluções possíveis para a juventude face aos problemas estruturais de “nossa sociedade” estão baseados nas experiências vividas por B-P em sua juventude e em sua carreira no exército. Este culto à sua personalidade, esta ufanização de sua figura, esta “quimera das origens” sobre sua vida é o cerne de que estava falando. Não se trata do que ele acreditava, se trata do que ele viveu e do que escreveu sobre isso e, mais importante, de como as pessoas leram e leem isso.

É necessário um desvelo extremamente crítico sobre isso. Eu não vou chegar neste texto ao que B-P *era*. Pretendo apenas chegar nesta imagem criada sobre a sua figura histórica. Não no que ele era, mas no que *pensam* que ele era. No *exemplo*.

Abrindo o livro de ficção infanto-juvenil *A Faca Sutil*, de Phillip Pullman, me deparo com a seguinte passagem:

_ Fez isso com magia? Ele perguntou ao entrar na barraca, dolorido e encharcado, e pegar a caneca que Grumman lhe estendeu.

_ Não, pode agradecer aos escoteiros – Grumman respondeu. _ Existem escoteiros no seu mundo? Um escoteiro prevenido vale por dois. De todas as maneiras de fazer fogo, a melhor é usar fósforos secos, e eu nunca viajo sem eles. Podíamos estar menos confortáveis num camping, Sr. Scoresby. (Pullman, 2009:320)

Escolhi pontuar este momento do texto com uma passagem deste livro apenas para referenciar o peso que a palavra “escoteiro” pode ter. Em um livro cuja história não tem nada a ver com esta dissertação, uma história de fantasia sobre universos paralelos, cuja narrativa mostra personagens que perpassam entre diferentes mundos e se encontram em certas passagens, a palavra é utilizada apenas para pontuar uma certo sentido constitutivo de qualidades específicas.

O personagem Grumman conseguiu armar uma barraca e acender uma fogueira rapidamente sob uma tempestade. Scoresby pergunta se ele utilizou magia para isso (se trata de uma ficção de fantasia, como expliquei), Grumman lhe responde com outra pergunta: “existem escoteiros no seu mundo?”

Saber acampar, antecipar necessidades, estar preparado (sempre alerta!) são as qualidades específicas ilustradas neste texto. Este é o lema dos escoteiros, *Be prepared* em inglês, traduzido para o Brasil como *sempre alerta*. Este é o primeiro elemento que se denota, muito primariamente eu diria, deste processo de formação que o escotismo busca criar.

Durante a pesquisa de campo, passei a ver uma segunda qualidade de maior apreço para os praticantes deste movimento. Uma prova de sua importância é o foco que o programa pedagógico do movimento escoteiro propõe, pois conforme o membro jovem vai envelhecendo e passando pelas faixas etárias propostas pelo movimento (são quatro ao todo e chamadas de *ramos*, como veremos mais adiante), o trabalho pedagógico direcionado a ele vai ser cada vez mais focado na individualidade trabalhando com um coletivo e focado em trabalhos que caracteriza aqui como voluntariado em ações sociais.

1.3. O Movimento Escoteiro, hoje: ou, sobre escotismo, movimento escoteiro e a instituição União dos Escoteiros do Brasil.

O período de estabelecimento do movimento escoteiro no Brasil ocorreu entre os anos de 1909 e 1924. Entre 1909-10, ocorreram os primeiros contatos de brasileiros com o

movimento escoteiro no Reino Unido, especialmente através da Marinha Brasileira, resultando em 1910 na fundação do *Centro de Boys Scouts do Brasil*, no Rio de Janeiro. A esta associação, segue-se a criação de várias outras em diferentes locais do país até que, em 1924, é fundada a União dos Escoteiros do Brasil - UEB, com o objetivo de centralizar todas as associações em uma única instituição.

No que se refere ao estado do Rio Grande do Sul, o movimento escoteiro teve seu primeiro espaço junto à Sociedade Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA) em 1913, quando foi fundado um grupo escoteiro²⁶ em suas instalações. A SOGIPA era apenas uma das inúmeras sociedades ginásticas alemãs no estado, e seu exemplo foi seguido em diversos locais, espalhando o escotismo pelo interior do estado. Em 1925, foi fundada a Associação Rio-Grandense de Escoteiros, que mais tarde se juntaria à União dos Escoteiros do Brasil (Santos Jr, 2001, p. 12).

Hoje, o que é conhecido como movimento escoteiro é organizado institucionalmente no Brasil a partir de três associações: a União dos Escoteiros do Brasil (associada à World Organization of the Scout Movement), a Federação Brasileira de Bandeirantes (ligada à World Association of Girl Guides and Girl Scouts) e a Associação Escoteira Baden-Powell (associada à World Federation of Independent Scouts). Assim, o movimento escoteiro possui variações conforme a instituição ao qual está ligado e sofre de disputas em torno de suas definições, embora sua raiz seja uma só.

Este estudo visa analisar o movimento escoteiro conforme praticado na União dos Escoteiros do Brasil, devido a: 1) sua presença em todo território nacional e por ser a associação que possui maior número de membros no Brasil²⁷; 2) se tratar da associação nacional escoteira mais antiga em funcionamento (fundada em 1924); 3) inserção na pesquisa de campo que esta instituição proporcionou; e 4) especialmente, devido ao discurso que esta instituição utiliza, pois afirma ser a única representante do escotismo no Brasil, expondo as outras associações como dissidências ou divisões desta primeira.

Conforme praticado pela União dos Escoteiros do Brasil, o movimento escoteiro é trabalhado em quatro estágios etários (que são chamados de *ramos*) que visam acompanhar e

²⁶ Este grupo escoteiro existe até os dias de hoje e se chama Grupo Escoteiro Georg Black 01/RS.

²⁷ Segundo o Relatório Nacional 2010 da União dos Escoteiros do Brasil, o efetivo de escoteiros no Brasil no ano de 2010 foi de 64.514 membros, distribuídos em um total de 1.118 unidades locais, tendo o estado de São Paulo o maior número de unidades, 253, e o estado do Rio Grande do Sul em segundo lugar com 153.

desenvolver o jovem de acordo com suas fases de vida, são eles: *ramo lobinho* (alfabetizados até 10 anos), *ramo escoteiro* (11 a 14 anos), *ramo sênior* (15 a 17 anos) e *ramo pioneiro* (18 a 21 anos). Cada um destes estágios possui enfoque e modo de trabalhar próprios.

O *ramo lobinho* é entendido como a fase de socialização da criança, utiliza-se como “pano de fundo” as histórias do ‘Livro da Jângal’ de Rudyard Kipling (também conhecido como a História de Mowgli, o menino-lobo). Neste *ramo*, a fantasia é utilizada como ferramenta de aprendizagem. Cada criança é um *lobinho*, que faz parte de uma *alcatéia*.

O *ramo escoteiro* é focado no senso de aventura ao ar livre. Estes jovens se organizam em uma tropa escoteira, que é composta de 4 equipes, chamadas patrulhas, com, no máximo, 8 integrantes cada. É nesta fase que o jovem inicia sua vida de acampador, já que no ramo lobinho, em geral, acantona (ou seja, pernoitam em uma casa de fazenda, galpão ou semelhantes).

O desafio aos limites de cada jovem é a prioridade do *ramo sênior*, sendo que toda experiência é vivenciada com a presença da competição (da mesma forma que o ramo escoteiro). O ramo escoteiro e o ramo sênior são os estágios originais imaginados na proposta de B-P para a aplicação do escotismo. Sendo que eles não foram imaginados como dois ramos separados. Porém quando aumentaram a idade limítrofe de 16 para 18 anos, foi estabelecido a divisão entre o escoteiro e o escoteiro-sênior (daí a origem do nome do ramo sênior) como melhor modo de trabalho.

No caso do *ramo pioneiro*, as atividades são voltadas para o “serviço ao próximo”, ou seja, trabalho voluntário em comunidades e a formação e fomento da rede de sociabilidades destes jovens. A competição é abolida do programa de atividades e os pioneiros passam a fazer parte do *clã pioneiro* que se organiza por *equipes de interesse* voltadas a projetos, permanentes ou transitórios, em sua maioria, de cunho social.

Principalmente no *ramo pioneiro* é trabalhada a inserção do pioneiro em seu coletivo, seja ele sua cidade, seu bairro ou sua família. Isto decorre principalmente por causa do lugar que o *ramo pioneiro* ocupa na estrutura de formação dos membros do escotismo.

Por se tratar do estágio que abrange as idades entre 18 e 21 anos, este *ramo* se caracteriza como uma zona de transição ou um momento de passagem. A partir do momento que o membro juvenil completar 21 anos, ele deixará de ser “um jovem” do movimento escoteiro e passará a ser um membro *adulto*. Em outros termos, é entendido pelo movimento

escoteiro que o jovem (com a idade limite de 21 anos) é um *membro beneficiário*, enquanto o adulto é um *voluntário*²⁸.

Porém para entender como este ramo se organiza no estado do Rio Grande do Sul, precisamos entender a estrutura adotada pela organização ao qual ele se filia.

A União dos Escoteiros do Brasil se estrutura em três níveis: nacional, regional e local. Resumidamente, os dois órgãos de decisão no nível nacional são o Conselho de Administração Nacional (CAN) e a Diretoria Executiva Nacional (DEN) subordinados à Assembléia Nacional. Existe toda uma sorte de comissões, equipes e grupos de trabalho, cuja função se estende desde as relações institucionais, comunicação, programa e método escoteiro e relações internacionais.

O nível regional se organiza conforme regiões geográficas que abrangem um estado brasileiro. No caso do estado do Rio Grande do Sul, existe uma região escoteira sediada em Porto Alegre, que trabalha em prol das unidades locais (também chamadas de *grupos escoteiros*). A Região Escoteira do Rio Grande do Sul é organizada a partir de sua Assembléia Regional, que elege uma diretoria executiva a cada três anos. Ligados a esta diretoria, existem vários grupos de trabalho, dos quais os seguintes são envolvidos com o ramo pioneiro: a Assistência Regional do Ramo Pioneiro, o Clã de Mestres Paulo de Tarso e a Equipe Regional Pioneira.

A *Assistência Regional do Ramo Pioneiro* é composta de um membro adulto do movimento escoteiro envolvido com o ramo pioneiro em sua unidade local, é um cargo voluntário nomeado pela diretoria regional após ouvido o Fórum Regional Pioneiro. Este assistente atua representando o ramo pioneiro perante a Região do Rio Grande do Sul, é responsável máximo pelo desenvolvimento de todas as atividades que envolvem este ramo no estado.

O *Clã de Mestres Paulo de Tarso* abrange todos os membros adultos que trabalham com o ramo pioneiro no estado. Possui uma equipe de coordenação e é responsável por ações que auxiliem no aprimoramento do ramo pioneiro no estado, promovendo cursos para

²⁸ Entenda-se voluntário no sentido de trabalhar gratuitamente em um grupo escoteiro, sem remuneração, não exatamente no sentido que estou utilizando para “voluntariado” como base da formação de uma identidade escoteira.

pioneiros e auxílio aos clãs pioneiros.

A *Equipe Regional Pioneira* se trata de uma junta de seis pioneiros (reiterando, membros jovens), eleitos a cada ano no Fórum Regional Pioneiro, responsáveis por representar os membros juvenis do ramo pioneiro. Atuam especialmente nas três atividades regionais do ramo pioneiro que acontecem a cada ano e são responsáveis por levar a opinião dos pioneiros do estado às reuniões da diretoria regional.

Das três atividades que a Equipe Regional Pioneira executa durante o ano, duas são chamadas de *Mutirão Regional Pioneiro*. Esta atividade ocorre no primeiro e no segundo semestre de cada ano e é um evento itinerante, pois ocorre em vários municípios do estado. Sua principal proposta é reunir pioneiros de diferentes locais para que executem atividades comunitárias durante um final de semana em associações de moradores, escolas, praças públicas e outros locais não-privados que necessitem de auxílio. Também este evento funciona como um dos principais espaços de encontro e fomento da rede de sociabilidades destes jovens.

O outro evento é chamado de *Fórum Regional Pioneiro* e se caracteriza por ser um momento de debate e discussão de diretrizes para o ramo pioneiro. Ocorre uma vez por ano, entre os meses de junho e agosto, e nele são definidas mudanças no regimento do ramo, a indicação de um assistente regional para o ramo pioneiro, a eleição dos membros da Equipe Regional, os locais que sediarão os próximos eventos regionais e outros debates.

O terceiro nível de organização da União dos Escoteiros do Brasil é o local. A unidade local ou *grupo escoteiro* é a base onde o método escoteiro realmente é aplicado. É no nível local que ocorre o desenvolvimento de todo método de instrução imaginado por B-P. Um grupo escoteiro é estruturado a partir de uma diretoria local, eleita pela Assembléia de Grupo, e é organizado em *seções*, sendo cada seção correspondente a um *ramo*. Ou seja, as quatro seções de um grupo escoteiro são: Alcatéia (ramo lobinho), Tropa Escoteira, Tropa Sênior e Clã Pioneiro.

O Clã Pioneiro congrega, normalmente, entre 3 e 12 pioneiros de ambos os sexos (raramente se encontra clãs com mais membros) e é apoiado por adultos (chamados Mestres) que auxiliam os pioneiros em suas atividades. O papel do Mestre é menos intrusivo se comparado com adultos de outras *seções*, pois o objetivo de sua atuação é orientar, permitindo aos pioneiros maior proatividade em relação aos projetos e equipes de interesse do Clã.

O *Clã* adota um modelo autogestionário, onde a cada período (normalmente 1 ano) é eleita uma Comissão de Administração (COMAD) composta de presidente, tesoureiro e secretário, entre outros, que são responsáveis por representar o Clã perante as reuniões administrativas do grupo escoteiro. Porém a instância máxima de decisão é chamada de *Conselho do Clã* onde todos os pioneiros participam.

Depois destas delimitações, podemos por enquanto afirmar que o movimento escoteiro é um movimento de juventude, que atua na formação de jovens, através de um método de ensino próprio e busca oferecer um trabalho “à sociedade”, tanto através das experiências que ele oferece aos escoteiros, como através de trabalho voluntário voltado para a comunidade onde o grupo escoteiro está inserido.

Cada um destes ramos constitui-se como um lugar de passagem (Guedes, 1997), mas, por excelência, o ramo pioneiro marca o fim de um processo, quando encontramos o membro juvenil do movimento se tornando um *adulto*. conforme o entendimento do programa de formação do movimento escoteiro.

CAPÍTULO 2

Memorabilia









Caio: foi uma troca qualquer que rolou?

Diogo: é! Eu não anoto tudo, também. Às vezes eu peço para a pessoa dizer o nome dela, daí eu sempre escrevo o nome dentro. Mas nem sempre peço isso para as pessoas. É, este eu troquei com Landi. Este aqui foi muito legal, consegui num curso básico. O cara estava com a perna quebrada no curso e ele estava de...com uma muleta, no curso básico, lá em Três Coroas. E no final do acampamento... eu o ajudei em vários momentos, assim, ele estava na minha patrulha, sabe? Chefe Jorge lá do Novo Horizonte. Eu ajudei ele em vários momentos do acampamento. Assim... A carregar. O pessoal ia embora e eu ficava pra dar uma mão pra ele e tal. Daí no final do curso, cada um podia dar uma palavra, falar alguma coisa. E aí, ele disse assim: “bah, eu queria agradecer a uma pessoa que conheci aqui, que foi muito importante para mim no final de semana”. Daí, ele tirou o lenço e todo mundo ficou assim: “bah, para quem será que ele vai dar, né?” Sim, eu nunca imaginei. “Eu queria agradecer alguém que me ajudou muito e que fez o curso realmente ser viável para mim, não sei o que...”. “Eu queria entregar para o Chefe Diogo lá do Taquató”.

Diogo: e eu fiquei parado assim ...

Caio: bah, é esse lenço de promessa dele cara?

Diogo: não sei.

Caio: porque se ele não estava esperando dar o lenço para alguém, podia até ser.

Diogo: pode ser. Tá bonito, né? E aí ele tirou o lenço e veio e botou o lenço em mim, depois eu abracei ele e meio que... Não sabia nem o que dizer pra ele. Daí, uns dois ou três anos depois eu encontrei ele numa atividade e eu disse para ele: “bah, nunca mais esqueço daquela “bandeira” que o senhor me entregou o lenço, assim, assado”.

Diogo: isso foi uma coisa que me marcou. Daí, depois, eu encontrei o filho dele numa atividade e eu disse: “bah, cara eu gosto um monte do teu pai, bah, não sei o que, blábláblá, e o cara nem me deu moral, assim”.

Caio: porque ele não te deu moral?

Diogo: bah, não sei. Ele deve ter pensando: “grandes coisas que o cara é amigo do meu pai”, né?

Caio: tu tem muitos lenços, Diogo? Ou não?

Diogo: não, eu vejo que tem muita gente que tem muito mais lenços que eu. Eu não acho que eu tenha muitos, acho que tem gente que tem muito mais lenços que eu, sabe, mas não é toda a atividade que eu vou que eu lembro de levar junto para trocar, sabe? Daí às vezes acaba por eu não trocar porque eu mesmo não levei.

Caio: e tu já recebeu muito lenço, que nem tu contou esta história aí desse cara. É muito comum isso rolar?

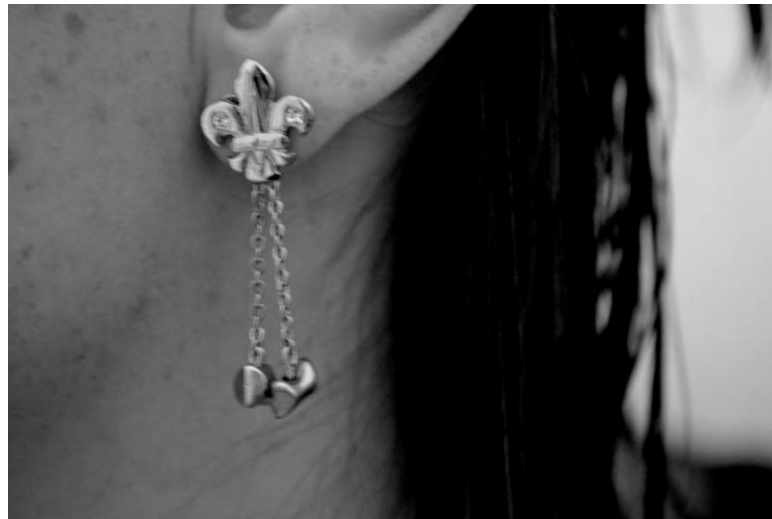
Diogo: não, acho que a maioria eu troquei mesmo. Eu dei para alguém, e a pessoa me deu também. Ou, “ah, que trocar lenço”, sabe? Às vezes no final de atividade eu penduro vários no pescoço e saio caminhando e o pessoal já sabe: aquele ali quer trocar lenço, sabe?

(Entrevista com Diogo, realizada em São Sebastião do Caí, fevereiro de 2013)























}

CAPÍTULO 3

Ensaio sobre uma comunidade imaginada

“Estar perto não é físico”
(Os Famosos e os Duendes da Morte)

3.1. O Encontro com a “Natureza Selvagem”, ou sobre como o acampamento faz o escoteiro

Este texto é uma tentativa de descrever o processo em que se desenvolve a experiência do acampamento, na visão dos escoteiros, como um espaço para se encontrar a “natureza selvagem”²⁹. Parte-se da premissa de que é comumente aceito entre escoteiros que este espaço constituído pelo acampamento é de vital importância, como ápice no sistema de formação (ou “adestramento”) do jovem que frequenta o movimento escoteiro.

Primeiramente, é necessário compreender a origem da palavra que no Brasil se utiliza para se referir a esse movimento: *escoteiro* é uma corruptela que foi adaptada na década de 1910 do verbete inglês *scout*. Esta palavra seria melhor traduzida conforme foi utilizada por Baden-Powell em seu livro *Aids to Scouting* como “batedor”, ou seja: um agente de algum exército, tropa ou junta militar que avança em terreno inimigo sorrateiramente, visando localizar objetivos de sua missão e conhecer quais locais podem ser utilizados para acampamentos ou rotas de passagem. A palavra alemã utilizada para designar o escoteiro, *pfadfinder*, corrobora melhor neste sentido original da palavra inglesa (significando “descobridor de caminhos”), enquanto que em português a adaptação foi apenas realizada sobre a fonética original da palavra e de como torná-la mais portuguesa.

²⁹ Esta expressão busca a acepção especialmente veiculada nas obras de Jack London e de Jon Krakauer, onde é utilizada a expressão inglesa *the wild*, que não possui uma tradução a contento em português, pois enquanto o adjetivo *wild* pode ser traduzido por selvagem, o substantivo *wild* se refere a uma qualidade selvagem independente de pessoas ou de coisas. Ou seja, ao justapor “selvagem” à palavra natureza, busco apenas uma tentativa de tornar a expressão “meeting the wild” inteligível à língua portuguesa. De outra forma, percebo que a concepção de natureza na obra de Baden-Powell possui características do que pode ser caracterizado como um pensamento ligado a certas ontologias nórdicas do séc. XIX, um *mélange* de fascínio e medo em relação à natureza selvagem (*the wild*) e a necessidade de domesticá-la, ou de poder sobreviver a ela.

O movimento escoteiro possui variações conforme a instituição ao qual está ligado e sofre de disputas em torno de suas definições, embora sua raiz seja uma só, baseada no método educativo proposto por Baden-Powell. Minha pesquisa de campo se desenvolveu junto à União dos Escoteiros do Brasil – UEB³⁰ – e este texto disserta sobre a concepção de escotismo e as metodologias de instrução defendidas por esta instituição. Porém, apenas cito este fato para situar, institucionalmente, minha pesquisa de campo, já que não me refiro a outros modos de acampamento, encontráveis entre montanhistas, bandeirantes ou peregrinos.

Ao falar em acampamento, não estou me referindo apenas a uma atividade recreativa que muitas pessoas praticam. O acampamento escoteiro possui uma dinâmica própria, uma performance específica. Ele conforma esta dinâmica dentro dos processos de aprendizagem propostos por uma “pedagogia escoteira”.

Enquanto que *ser escoteiro* caracteriza um estilo de vida, por possuir um cerne pelo qual se pautam ações (respeitando aqui as proporções efetivas de como isso é adaptado cotidianamente), o acampamento ou a experiência em meio à natureza é uma retradução simbólica de uma certa ideologia de formação de jovens. Para além do sistema simbólico próprio dos escoteiros, é possível afirmar um modo de agir e pensar que não exatamente é próprio, mas é construído através da vivência do escotismo, através do envolvimento dos jovens em seu grupo escoteiro, e por isso possui suas particularidades como fenômeno sociológico.

Ou seja, a experiência de *ser escoteiro* não acaba no acampamento, não é apenas acampar, pois envolve outros fatores ideológicos e práticos. Porém, devo reconhecer a importância do acampamento enquanto ápice de um conjunto de práticas, baseado ideologicamente em uma idéia de que, por se estar em meio à “natureza selvagem”, é possível desenvolver autonomamente certas características que, segundo a pedagogia escoteira, não se poderia de outra forma. São atividades que desenvolvem qualidades individuais, aprendidas coletivamente, ambas dependendo de um *savoir faire* derivado de um processo de aprendizagem cuja ênfase reside na prática ou em “um modo de inculcar implícito, prático e coletivo” (Wacquant, 2002:120).

Na pesquisa etnográfica que realizei, se torna claro que o acampamento, enquanto uma

³⁰ Ou como vem sendo autodenominado nos últimos anos, os *Escoteiros do Brasil*.

experiência sensível, é um fator que une escoteiros entre si e os diferencia de outros grupos sociais juvenis.

Desejo analisar especificamente o que é um acampamento escoteiro e o que este representa na dinâmica deste movimento. Reconhecendo a especificidade que esta experiência possui, pois não se trata de outros tipos de atividades lúdicas em meio à natureza. Desejo chamar a atenção para o fato de que o acampamento não era tido como uma atividade lúdica na primeira década do séc. XX (período inicial do escotismo), senão uma necessidade na locomoção de pessoas ou ao menos assim era considerado nos marcos ocidentais hegemônicos donde se originou o escotismo. De certo modo, neste sentido, o escotismo inaugura o acampamento como atividade lúdica. E observar que o “ato inaugural” do escotismo se trata do Acampamento da Ilha de Brownsea de 1907, apenas reforça a questão da importância desta atividade para os escoteiros.

3.1.1. Sobre *pata-tenra*, equipe e conforto

De forma alguma pretendo aqui realizar uma descrição detalhada sobre como funciona um acampamento escoteiro em seu todo. Apenas objetivo relatar alguns tópicos que considero de maior importância para o assunto abordado neste texto. Deve-se levar em conta que: existem alguns padrões similares de acampamento que se pode observar em todo o Brasil por se tratar de um método de ensino baseado em uma bibliografia editada e publicada nacionalmente. Porém com diferentes práticas conforme o grupo de escoteiros observado e neste escrito, me refiro majoritariamente a acampamentos de escoteiros conforme são realizados no Rio Grande do Sul. Existem modelos de acampamento com enfoques diferentes como, por exemplo, acampamento técnico³¹, acampamento de sobrevivência³², acampamento de integração³³ e acampamento volante³⁴.

Porém, existe um *padrão* que pode ser descrito como acampamento técnico, pois é

³¹ Foco em técnicas escoteiras/mateiras, montagem de barracas, construção de pioneirias, jogos interativos e competição entre as equipes.

³² Normalmente, um acampamento realizado sem ferramentas, barracas, toldos e sacos de dormir. O foco deste modelo está na obtenção de alimentação através da caça ou da conquista.

³³ Foco em atividades lúdicas, jogos recreativos, canções... Sem a presença da competição entre equipes.

³⁴ Chama-se acampamento volante atividades de jornada, trekking ou hiking que durem dois dias ou mais, os participantes realizam uma caminhada e ao longo do dia realizam sua alimentação ou descanso em locais diferentes durante sua locomoção.

este modelo de acampamento que permite mais dinamicamente a prática das *especialidades mateiras* dos escoteiros. O adjetivo *mateiro* é apenas um termo êmico que pode se referir às técnicas aprendidas e usadas por escoteiros em tudo que se refere à “arte de acampar”, desde formas de fazer fogo e formas de cozinhar sem utensílios de cozinha até a como montar pontes de corda e madeira para vadear um rio ou torres de observação (dá-se o nome de *pioneiria* a estas construções).

Posso distinguir duas categorias necessárias à descrição completa de um acampamento escoteiro: uma se relaciona à programação do acampamento e a segunda, ao modo de acampar. Apesar da primeira categoria ser de extrema importância em relação à formação educativa que o movimento escoteiro objetiva, acredito ser a segunda o ponto de maior interesse para este texto.

De que forma os escoteiros acampam? Primeiramente, é escolhido um local que possua certas características favoráveis: terreno plano e seco, de preferência com alguma proteção de árvores. A partir deste ponto, cada escoteiro começa a executar uma tarefa diferente: recolhimento de lenha, preparação do fogo, cercamento do local do campo, montagem das barracas, preparação de fossas para depósito de dejetos, montagem de bancos, mesas e barracas...

No acampamento, é aplicado o que se chama *sistema de patrulha*, a divisão destas tarefas e a concordância entre elas é o que pode tornar a experiência de estar em meio à “natureza selvagem” confortável. Estas patrulhas são pequenas equipes que segregam, de certa forma não-pejorativa, os jovens de um mesmo grupo em vias de que se estabeleça competição em certas atividades e integração em outras. No entanto, a identidade de pertencimento a uma patrulha se torna algo muito forte, cada uma possui um nome diferente que demarca esta identidade, além de utilizar outros símbolos destas divisões: cada uma destas equipes tem um grito de guerra específico, além de uma *bandeirola* (pequena peça de pano que não mede mais do que 50 cm de comprimento e que traz inscrita o nome da patrulha, possivelmente grafismos e outras modas que variam conforme a cultura local). O *sistema de patrulhas* se restringe aos *ramos escoteiro* e *sênior*, já na fase pioneira, todos os jovens são circunscritos a uma única equipe, chamada de *clã*, como já foi dito.

Escoteiros vão ao “encontro da natureza selvagem” como uma forma de buscar auto-

conhecimento e auto-desenvolvimento. Um dos principais elementos pedagógicos do movimento escoteiro se baseia no *aprender fazendo*³⁵. Busca-se, portanto, forjar uma exposição a elementos que teoricamente devem desenvolver dinamismo pessoal nestes jovens ou, como está na moda denominar, o conceito de *proatividade*.

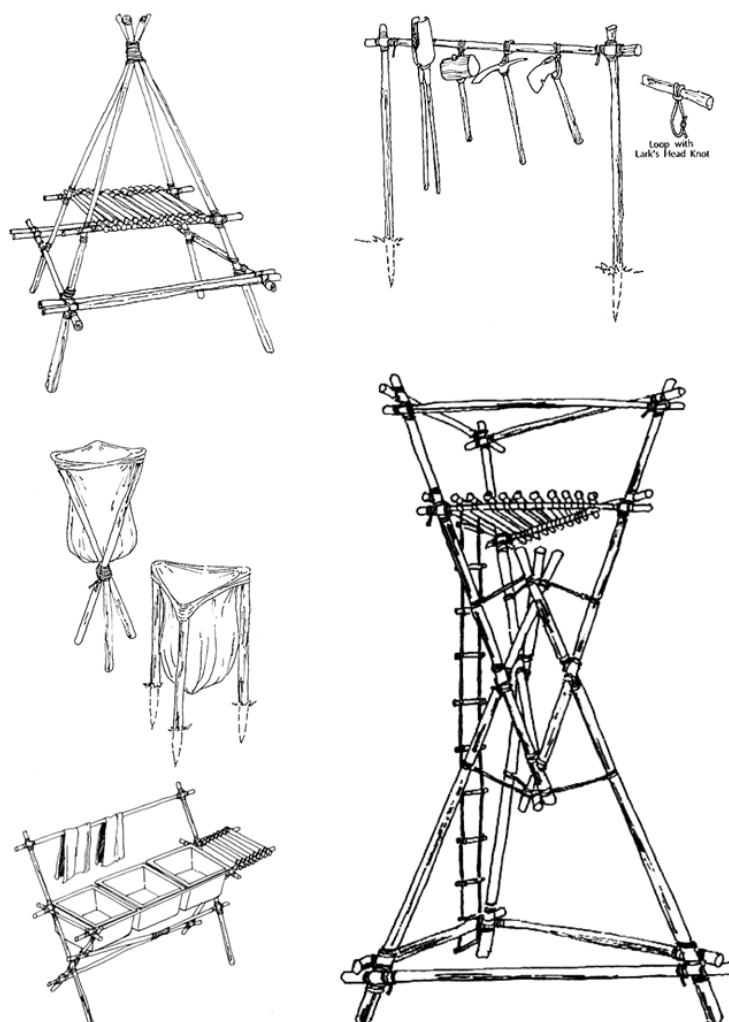
Porém, estes elementos (que em acampamentos seriam considerados “elementos naturais”) precisam ser domesticados para que os escoteiros possam estar em meio a eles. As figuras que encontramos na página a seguir são um dos melhores exemplos disso. *Pioneirias* são construtos utilizados durante o acampamento, variam de forma, tamanho e necessidade, mas sua construção é considerada uma “arte mateira” dos escoteiros.

O acampamento técnico, ao qual me referi anteriormente, é uma atividade especialmente planejada para a construção destes objetos e engenhocas. Em geral, não se aplica nenhuma espécie de metal em uma *pioneiria*, elas acabam por ser construídas basicamente com troncos e cordas.

Na área de acampamento os escoteiros constroem diferentes tipos de *pioneirias* conforme a necessidade do local, além de armar suas barracas/toldos, e preparam os itens necessários para manter aceso o fogo (retornarei a este ponto).

Ao redor deste espaço do acampamento, é feito um cercado de cordas, ele possui função prática e simbólica: prática no sentido de impedir a entrada de animais de grande porte no espaço do acampamento e simbólica por definir as divisões de campo de cada equipe. Neste cercado é feito um pórtico (também uma *pioneiria*) que é a única entrada do acampamento. Qualquer escoteiro que não pertence à equipe que montou determinado acampamento e deseja entrar neste espaço interno ao cercado deve pedir permissão. É um sinal de respeito, até mesmo membros adultos devem fazê-lo; no espaço do acampamento, quem manda é a *patrulha*.

³⁵ Um dos cinco princípios onde se baseia o *Método Escoteiro*.



Exemplos de pioneirias, em sentido horário: mesa com bancos, porta-ferramentas, torre de observação, pia de acampamento, tipos de lixeira. (ilustrações de <http://pioneeringprojects.org>)

A meu ver, muito pode ser notado a partir destes dois elementos: pioneirias e cercado. Os escoteiros se “expõem aos elementos naturais”, porém precisam domesticá-los, amansá-los, torná-los controláveis, ou simplesmente, tornar a “natureza selvagem” confortável.

Sentir-se confortável é um ponto vital para a aceção inicial deste texto, pois o acampamento é um ponto importante no processo de vivência do movimento escoteiro. O escotismo objetiva que o jovem tenha desenvoltura na adversidade, o modo de ensino-aprendizagem utilizado para isso se dá através desta exposição ao “meio natural”. Quando, então, proponho este tipo de questão em minha pesquisa de campo, encontro afirmações como a abaixo:

Tem gente que até acha bonitinho ser escoteiro, quer usar uniforme, sair na rua cumprimentando as pessoas. Só que quando chega no acampamento não sabe onde se enfiar, é o acampamento que define um escoteiro. (Lucas, Caderno de Campo, 21/05/11)

Uma palavra êmica muito encontrada na literatura escoteira, bem como verbalizada em geral entre escoteiros, é *pata-tenra*. Esta expressão nada mais é do que uma tradução da expressão *tenderfoot* utilizada por Baden-Powell em seus escritos para descrever pessoas que não possuem noções ou treinamento escoteiros, ou seja “no mato, ele é apenas um novato, um pata-tenra.” (Baden-Powell, 1986:37)

No movimento escoteiro, todos começam como *patas-tenras*. É deste ponto que deriva a importância do trabalho de equipe no escotismo, já que é entre seus pares que o jovem vai desenvolver as habilidades necessárias para se aprimorar.

É através do trabalho de equipe e da domesticação da natureza que os escoteiros buscam desenvolver *skill*, para que possam tornar o acampamento uma experiência prazerosa e possivelmente confortável. Esta aprendizagem, segundo percebo é “um processo de tornar-se um membro de uma autocontida comunidade de práticas. Desenvolver uma identidade como membro de uma comunidade e tornar-se conhecidamente detentor de certas habilidades são partes do mesmo processo, com motivação, conformação e significação concentradas neste último(...)”³⁶ (Lave, 1991:65).

Ou seja, o acampamento conforma uma prática específica dentro do “sistema pedagógico” do movimento escoteiro e, de certa forma, um ritual de passagem (Turner, 1974. Van Gennep, 1978) para o *pata-tenra*, que mostra sua recepção nas dinâmicas entre esses pequenos grupos locais de escoteiros e o auxilia a “entender a lógica” do que um escoteiro faz.

3.1.2. Fogo

Todos os itens de um acampamento escoteiro citados até este ponto são apenas

³⁶ Tradução minha a partir de: “a process of becoming a member of a sustained community of practice. Developing an identity as a member of a community and becoming knowledgeably skillful are part of the same process, with the former motivating, shaping, and giving meaning to the latter (...)”

secundários se colocados em nível de importância em relação ao fogo. O fogo³⁷ é necessário para cozinhar, para espantar possíveis ameaças de animais, para enxergar à noite, para aquecer nas noites frias... Enfim, são diversas utilidades que podem ser descritas para uma fogueira bem feita e bem mantida.

Em geral, uma fogueira nunca chega a apagar durante um acampamento de poucos dias. Porém, nos dias atuais, pode-se encontrar escoteiros utilizando outros meios para cozinhar (como fogões portáteis à gás). Mas como a fogueira clássica não envolve locomoção de peso até o local do acampamento e por sua praticidade, e também por uma certa nostalgia, normalmente se utiliza em acampamentos uma fogueira de chão alimentada com lenha seca.

O processo que envolve a manutenção desta fogueira é um bom exemplo do trabalho de equipe que é necessário em um acampamento. Como afirmei antes, cada membro da equipe realiza uma atividade específica, possui um *encargo*.

Para começar uma fogueira, a primeira necessidade é madeira seca, de vários tamanhos e formatos, para formar um estoque que deve ficar localizado perto do local do fogo. Esta tarefa de recolher preparar e manter o estoque de lenha é do *lenhador*³⁸ da equipe.

A segunda necessidade para uma fogueira é fazer um buraco para que o fogo não se alastre em consequência do vento. Para isso é necessário uma pá que deve ser mantida em condições de uso pelo *almoxarife*, que é responsável pelo material comum da equipe, especialmente no caso das ferramentas.

O membro da equipe responsável por mexer no fogo é chamado *foguista*, apenas ele tem permissão de fazer alterações no formato da fogueira conforme a necessidade do momento (maior iluminação com chamas, maior calor com brasas e assim por diante).

Até o momento, já temos três pessoas envolvidas no processo de fazer e manter uma fogueira. Uma das principais finalidades da fogueira é cozinhar os alimentos que a equipe vai comer durante a atividade, e para isso existe um *cozinheiro*.

Imagine a cena: uma fogueira com chamas altas demais, com um *cozinheiro*

³⁷ Note-se a distinção deste tipo de fogo a que me refiro neste texto face ao *fogo de conselho*, enquanto o último deve sua importância à carga simbólica que carrega por ser um rito cerimonial, este fogo aqui descrito é de um outro tipo, sua importância está em cozinhar alimentos, não em servir para se contar histórias. Mais detalhes no texto 3.2 deste capítulo.

³⁸ Estes papéis ou responsabilidades são distribuídos entre os membros da equipe, normalmente estes encargos não são trocados entre escoteiros de uma mesma equipe. Assinalarei o termo êmico (como este caso).

queimando os dedos tentando alcançar a panela que está em meio às chamas, enquanto um *foguista* tenta baixar a altura do fogo, para transformá-lo em brasas que reterão melhor o calor. Porém todo este processo é dificultado por um *lenhador* que não consegue encontrar madeiras grossas e acabou reunindo um estoque de gravetos secos que queimam mais rápido que papel e não geram calor nenhum, apenas chamas altas...

No caso desta cena hipotética, posso classificar o *lenhador* como um *pata-tenra*, pois não está conseguindo desenvolver sua função a contento, possivelmente por não ter plena noção do que precisava ser feito, cabe neste caso um enfoque maior de trabalho do adulto responsável por eles com este lenhador.

3.1.3. O acampamento, o hábito de acampar e o encontro com a natureza selvagem

Proponho a seguinte questão: a importância da experiência do acampamento se dá por crer-se no encontro com a natureza como o item fundacional da pedagogia escoteira?

Cara, não agüento ficar longe do mato por muito tempo, tem certos dias que eu preciso ver só verde em volta de mim e sentir a fumaça da fogueira na minha cara. (Gibran, Caderno de Campo, 10/09/11)

Parto de um pressuposto, levando em conta falas de meus informantes, de que escoteiros acreditam que estão imersos cotidianamente em um ambiente que não reconhecem como “natural”, e que este encontro com a natureza se daria durante a experiência do acampamento ou de outras atividades que eles realizam em meio a áreas com grande presença de árvores, animais, sejam áreas de preservação ou fazendas em áreas rurais.

É bom esse cotidiano que se estabelece: durante a semana é trabalho, é faculdade, mas daí no fim de semana eu posso ficar um pouco na natureza com a minha tropa. (Léo, Caderno de Campo, 12/11/11)

Ao primeiro olhar, esta construção do acampamento como momento de encontro com a natureza, e a vida cotidiana imersa na cidade como oposto a isso, nada mais é do que uma reelaboração de velhas dicotomias presentes na “cultura ocidental”. Opostos que podem ser questionados a partir do pensar antropológico crítico, seja em favor da noção relativista de ‘culturas’, seja reconhecendo a origem “ocidental” deste conceito, seja remetendo à noção de “civilização ocidental” normalmente referenciada em trabalhos de historiadores medievalistas.

Baseando-me em falas encontradas em pesquisa de campo, posso afirmar uma regularidade, entre meus informantes, na crença de que o diferencial do movimento escoteiro de outros projetos pedagógicos voltados à juventude é justamente proporcionar a vivência em “meio à natureza” de uma forma segura, controlada através de uma metodologia estrita e com base em certos fundamentos que foram compilados por Baden-Powell, em seu *Escotismo para Rapazes*:

“ (...) É por isso que um “pata-tenra”, na maior parte das vezes, sofre tanto durante um acampamento. Mas a vida do acampamento, para o Escoteiro que conhece o “jogo” é uma coisa simples. Sabe mil modos de conseguir conforto e quando regressa à civilização, pelo contraste, é muito maior sua satisfação em gozá-la. E mesmo lá na cidade, poderá fazer muito mais por si do que o comum dos mortais que nunca realmente aprendeu a prover as suas necessidades.” (Baden-Powell, 1986:82)

Assim como encontrei diversas vezes a concepção de que a formação através do *aprender fazendo* se dava especialmente no acampamento, com o confronto do escoteiro com o “meio natural”. Vejo que esta visão demonstra um forte apelo a um ideal romântico sobre a dominação da natureza, sobre o teste dos limites do homem em sua versão que de certa forma remete à animalidade.

“Assim, ele só entrou no grupo quando tinha 19 anos, então ele foi direto pros pioneiros, então ele não sabe acampar, acabou perdendo a melhor parte do movimento.” (Maitê, Caderno de Campo, 12/11/11)

Acaba por ser visto que pode se definir o “melhor” escoteiro de um grupo por suas habilidades. Se sabe montar barracas, fazer abrigos naturais, acender fogo em tempo chuvoso ou úmido, escolher o melhor local para acampar, saber se orientar sem uma bússola... A lista não tem fim. O que acaba por constituir um fator de distinção ou de diferenciação entre pares.

Este gosto por acampar acaba por desenvolver certo estilo de vida em relação ao grupo³⁹ em que a pessoa se insere. Da mesma forma, nota-se uma espécie de código de conduta que é praticado, sobremaneira, por escoteiros quando estão acampando.

“Cortar taquara pode, só não pode cortar árvores, a não ser que seja eucalipto que

³⁹ Refiro-me aqui a grupos sociais além do movimento escoteiro, círculos familiares ou de amizades, por exemplo.

não é daqui”. (Gibran, Caderno de Campo, 21/05/11)

Porém, o ideal de uma “natureza selvagem” se mostra infrutífero na medida de que não existe atividade escoteira em uma região alhures jamais “desvirginada” pelo homem. Da mesma forma, a domesticação deste espaço onde se acampa e a busca do conforto acabam por denegrir de certa forma esta concepção do acampamento enquanto uma experiência de retorno à uma origem selvagem.

Não defendo aqui que acampar é realmente *a meeting with the wilderness*. Porém, reconheço que, em um nível simbólico, é isso que aspira este tipo de atividade.

Ainda por ser um movimento baseado na *filosofia* judaico-cristã, encontramos ao fim, uma frase de pouco ou muito efeito, mas que possui o espírito desta *filosofia* pela simplicidade, nas palavras de Baden-Powell (1986:23): “Art. 06: O escoteiro é amigo das plantas e dos animais.”

Mas o que significa ser “amigo das plantas e dos animais”? Talvez fosse aqui o ponto para realizar um debate sobre noções de “sustentabilidade”, mas como estão além de minhas capacidades, volto-me para um pensamento final: talvez, ao fim e ao cabo, o objetivo metafísico desta exposição (idealizada) dos escoteiros aos “elementos naturais” ou ao *wild/veldt*, seja encontrar a natureza selvagem dentro de nós mesmos, experiência esta que só a sensação de *waldeinsamkeit*⁴⁰ pode fazer fruir.

3.2. Jamboree, muitas trocas, mesmo lenço

Esta pesquisa sobre o movimento escoteiro enfoca, principalmente o caso do Rio Grande do Sul, porém a experiência que aqui relato se passa em um acampamento internacional em um país europeu (mais precisamente, entre julho e agosto de 2011, na Suécia). Por que referencio este evento como parte de meu campo de pesquisa? Como excusa, esta parte da observação-participante em campo foi importante por apresentar um cenário maior do fenômeno sobre o qual estava pesquisando, além do momento no qual este acampamento se inscreveu na vida de um de meus interlocutores, Áquila, pois representou sua saída do ramo pioneiro e sua primeira atividade como adulto. Porém, devo ressaltar que o

⁴⁰ Palavra da língua alemã que pode ser parcamente traduzida como “a sensação de se estar sozinho em meio a um bosque”.

foco principal do que aqui é relatado jaz sobre uma descrição do acampamento em si.

O primeiro Jamboree Mundial Escoteiro se realizou em 1920, na Inglaterra, e seu objetivo fazia parte de um aprimoramento do Movimento Escoteiro, pois visava ser um espaço de intercâmbio cultural entre as nações para o “cultivo da paz”. A cada quatro anos (salvo raras exceções, como a II Guerra Mundial ou a Revolução Islâmica no Irã), ele realiza-se em diferentes países. Quanto ao significado desta expressão “jamboree”: “(...) de forma que chamamos a reunião de “Jamboree”. Perguntam-me muitas vezes: “Por que esse nome?” E minha resposta tem sido: “Qual outro, poderíamos escolher?” (Baden-Powell, 1986a:71).

Não existe uma forma de resumir esta experiência de modo satisfatório, são muitas atividades interessantes ocorrendo ao mesmo tempo, nenhum escoteiro consegue passar por esta experiência sem participar de algumas, mas perdendo a oportunidade de estar em outras.

O tema do Jamboree tinha como mote “Simplesmente Escotismo” e estava baseado em três tópicos: encontros, natureza e solidariedade. Os organizadores procuraram trabalhar todas as experiências e atividade oferecidas no Jamboree norteados por esta idéia, um retorno aos preceitos básicos do escotismo.

Todo participante do movimento quando faz sua promessa (e assim se torna de fato um escoteiro), ouve a frase: “e agora fazes parte da fraternidade mundial dos escoteiros”; o Jamboree é um dos principais momentos da vida do jovem escoteiro onde esta frase se apresenta de forma mais contundente, principalmente pelos fatores que unem a todos eles como escoteiros, apesar das diferenças nacionais.

O projeto de Baden-Powell, quando da criação do escotismo, era de promover um movimento que oportunizasse a crianças e adolescentes a oportunidade de uma mudança de seus hábitos. Acreditava que a vida ao ar livre proporcionava experiências sadias, além de desenvolver características como espírito de equipe e liderança. Hobsbawm exemplifica o escotismo como uma tradição nitidamente fabricada, pois foi “deliberadamente inventada e estruturada” (1984:13).

Esta invenção da tradição é o cerne do escotismo, pois está centrado em uma *Lei* e em uma *Cerimônia de Promessa* onde o futuro escoteiro promete seguir certos preceitos e jura seguir um código por toda vida resumido nos artigos da *Lei Escoteira*.

Este ritual, chamado comumente apenas como “*Promessa*”, se constitui como limiar, fronteira entre mundos, pois um escoteiro não deixa de ser escoteiro, ele pode não estar mais

praticando o escotismo em um grupo escoteiro, mas a um nível tradicional a máxima “uma vez escoteiro, sempre escoteiro” é repetida por vários antigos (e *não* ex-) membros do movimento escoteiro.

Qual a relação entre a Promessa Escoteira e o acampamento mundial?

No projeto do Movimento Escoteiro está a premissa de uma comunidade (Anderson, 2008) de irmãos a nível global, pois todos os escoteiros se reconhecem (ou deveriam) como irmãos, iguais, com experiências de vida muito semelhantes, já que a “tradição inventada” é aplicada em quase todo o globo, respeitando as especificidades de adaptações pelas quais o movimento passa conforme a cultura local.

O Jamboree Mundial Escoteiro é o principal momento para que isso ocorra. É claro que os gastos envolvidos neste tipo de evento, transporte, inscrição, seguro, burocracia e “enxoval” acaba por tolher a possibilidade de maior participação de membros do movimento. É um evento relativamente caro e o tempo que ele dura (em geral, duas semanas) também ajuda a dificultar a participação da maioria dos escoteiros do mundo⁴¹. Porém, posso afirmar que reunir 39 mil pessoas de mais de cem nações diferentes em um único local por duas semanas não é exatamente apenas um ato simbólico.

O Jamboree ao qual me dirigi no dia 26 de julho de 2011, realizou-se em um campo militar localizado no vilarejo de Rinkaby, no município de Kristianstad, extremo sul da Suécia. O acampamento oficialmente aconteceu entre os dias 27 de julho a 07 de agosto, contou com a presença de 143 países e cerca de 39 mil participantes.

Conforme o mapa do campo, o Jamboree estava acontecendo em um espaço que media aproximadamente 2km por 1,5km e estava dividido em 4 sub-acampamentos denominados conforme as quatro estações do ano. Três destes subcampos (Verão, Inverno e Outono) eram área de acampamento dos participantes (ou seja, jovens entre 12 e 17 anos e seus chefes responsáveis) e o outro (Primavera) era o campo onde ficavam membros da Equipe Internacional de Serviço que se compunha basicamente dos adultos que não estavam supervisionando jovens participantes do evento e trabalhavam em diferentes locais do

⁴¹ Para esclarecimento: se trata do Jamboree Mundial organizado pela Organização Mundial do Movimento Escoteiro (WOSM) à qual a União dos Escoteiros do Brasil está ligada. No caso do Brasil, neste mesmo evento também podem participar membros da Federação das Bandeirantes do Brasil.

acampamento, a entrada dos participantes menores de idade era vedada ao campo adulto.

Os participantes menores de idade (entre 12 e 17 anos) eram organizados em *patrulhas* de 8 pessoas (cada tropa era formada por quatro patrulhas). Essas patrulhas eram organizadas pelos comitês nacionais e, portanto, os jovens eram do mesmo país, cada *patrulha* era acompanhada por um adulto responsável por estes jovens, como já referido anteriormente.

Os participantes maiores de 18 anos podiam se inscrever em três modalidades: equipe de serviço internacional, equipe de organização de contingente (contingente é o nome da delegação de um país neste evento) ou chefe de patrulha (em inglês: international staff team ou IST, contingent management team ou CMT, e troop leader).

O programa do evento possuía dois tipos de atividades: modulares e espontâneas. As atividades modulares eram:

- Dream - atividade voltada para o “desenvolvimento espiritual e psicológico”, sempre realizada a noite. Em uma jornada noturna através de um bosque cada participante era levado a rever sua relação com seus amigos e consigo mesmo.
- Earth - atividade voltada à sustentabilidade, através de interação com a natureza e o meio natural, o jovem trabalhava os conceitos da importância do equilíbrio entre o homem e o planeta terra;
- Global Developmente Village - era um espaço localizado no centro do acampamento onde eram ofertadas diversas oficinas com temas como a sustentabilidade, a importância do desenvolvimento de projetos comunitários, a importância do conhecimento de outras culturas e palestras. Era uma atividade especialmente voltada para a interação entre pessoas de países diferentes, ao contrário dos outros módulos.
- People - atividade voltada para a interação de pessoas, onde era debatida a relação com o outro e o impacto disto em seu cotidiano.
- Quest - atividade com caráter físico de inspiração medieval, única destes módulos a usar o ímpeto competitivo dos jovens. Cada patrulha deveria competir em uma lista de tarefas propostas, contra outras patrulhas.

Estas atividades não podiam comportar todas as patrulhas que estavam participando do Jamboree ao mesmo tempo, portanto houve um cronograma de revezamento entre os dias do acampamento, para que todos pudessem participar dos cinco módulos. Porém, havia muito tempo vago para fazer outras atividades opcionais, chamadas no programa de “espontâneas”.

Para citar alguns exemplos, podia-se visitar uma praia do Mar Báltico que ficava próxima ao acampamento, podia-se visitar os estandes que os países haviam montado no campo central, praticar esportes radicais (alpinismo, rapel, tirolesa, estilingue humano...). Uma das atividades espontâneas que mais me chamou a atenção foi levada pela Finlândia, eles ofereciam um banho de sauna finlandês; outra atividade ainda era visitar a cidade de Kristianstad.

Ainda na programação contavam outras atividades como as cerimônias de abertura e encerramento, o Dia do Festival Cultural (quando cada país desfilou um pouco de sua cultura pelo acampamento com apresentações de música ou dança, acontecendo em cada canto do campo), e o *Be a Lighthouse* (cerimônia de cunho espiritual).

Além destas atividades programadas, outras dinâmicas não-programadas também ocorriam, como por exemplo, *fogos de conselho* clandestinos, como vemos no relato abaixo:

Excerto do diário de campo: Fogo de Conselho, Jamboree Mundial, Rinkaby, Suécia, 31 de julho de 2011.

(...)

Próximo às sete horas, saí da cantina dos adultos, pois havia terminado meu turno de trabalho servindo "Hallal Food" (comida especial para muçulmanos) junto com Britta e Felipe na *station* (como é chamado cada unidade de distribuição de comida da cantina). Eles (os escotistas muçulmanos) estavam um pouco irritados, pois os suecos não queriam abrir a cantina após as 22 horas e eles não podiam se alimentar antes do pôr-do-sol por causa do Ramadã. Ainda mais que o pôr-do-sol só ocorria após às 22h, ou seja, ou eles se alimentavam antes e violavam o Ramadã ou eles passavam na cantina e recolhiam comida a ser consumida após o crepúsculo.

Na metade do caminho em direção ao Noisy Café, notei que havia uma fogueira acesa em um canto do campo dos adultos! Até onde eu havia sido informado, era proibido acender fogueiras no Spring (campo dos adultos), pois nós não precisávamos cozinhar, ao contrário dos jovens (para retomar, o campo era dividido em quatro espaços que receberam o nome das estações do ano, um para adultos e os outros três para os jovens). A fogueira estava localizada em uma depressão do terreno, o que ajudava a ocultá-la da visão geral das pessoas, eu só a vi por estar a dez metros dela. Digamos que eles estavam contrariando as regras do acampamento, o que por si só já era estranho, pois o espírito presente no acampamento era muito pautado pelo "Safe from Harm" (curso online que todos os adultos envolvidos no acampamento tiveram de fazer para evitar problemas em relação à conduta que deveria ser seguida), ou seja, estrito e um pouco claustrofóbico.

Chegando mais perto, notei cerca de 20 pessoas sentadas, algumas usando

mantas de fogo de conselho, outras com grossos casacos, pois, apesar de ser verão aqui na Suécia, à noite fica muito frio. Dois dos integrantes do círculo estavam dedilhando em violões, quando me aproximei e pedi permissão para sentar junto com eles.

"Hey, could I join you guys?"

"Yeah, shure!"

O jovem que respondeu-me tinha um leve sotaque alemão, o que de fato ele era. Quando sentei no círculo e pude ver o reflexo do fogo no rosto das pessoas, percebi que não conhecia ninguém que ali estava.

Perguntei para meu vizinho de que países eram as pessoas que estavam participando do fogo, e ele me respondeu: "Some from Germany, some from Austria and Switzerland, these two guys are from Italy. From where are you?" Respondi que era brasileiro, ele me pareceu um pouco impressionado que tivesse sentado junto com eles sem conhecê-los.

Metade da conversa era feita em alemão, o que de jeito nenhum eu compreendia, mas depois de um tempo comecei a entender algumas coisas. Meu amigo me disse que eles estavam se reunindo naqueles fogos-de-conselho todas as noites. Quando perguntei porque eles não estavam indo nas festas (ocorriam a cada noite com temáticas diferentes), ele me disse que o fogo-de-conselho é a festa de um acampamento, são perfeitos para conversar, brincar e se aquecer na noite gelada do campo, e que para eles "festa"⁴² não é exatamente o sentido que deveria ser dado a um Jamboree Mundial.

Algumas das pessoas do círculo estavam com algumas folhas de papel e lanternas na mão, pois haviam trocado letras de músicas para cantarem juntos. Como alguns não conheciam as músicas de cor as letras ajudavam a não se perder.

D'Nase platt as Fänschter truckt, fahrt es chlises Meitli furt
 truurig luegt es zruug ond schluckt zweimal liislig läär.
 Träne rolled übers Gsicht, Papi, seit es, isch es wahr,
 müend mer wüerkli usegah, gits e keis vilicht?

Ciao, ciao Svizzera, ciao mia Patria
 Ciao, ciao Svizzera, wänd ihr mich nümme ha?⁴³

Eu mesmo não consegui cantar nenhuma das músicas que eles estavam cantando, mesmo com a letra na mão. Ao menos, creio que os italianos também não...

(...)

⁴² Entenda-se no sentido formal de uma discoteca, com música eletrônica.

⁴³ "Ciao Swizzera" (música folclórica suíça). autor: André Stürzinger.

A dinâmica deste fogo era totalmente voltada para canções, porém não havia um animador do fogo, nem um mestre de cerimônia como é a prática comum nos Fogos de que já participei. O Jamboree em si não contou com nenhum fogo de conselho “oficial”, imagino que manejar 39 mil pessoas para uma mesma cerimônia com fogos não esteja dentro dos parâmetros suecos de segurança... Era somente isso que aquele grupo queria fazer, ver o cair da noite no Jamboree Mundial ao pé do fogo, com violão e canto. Segundo meu amigo, eles se reuniam toda noite, em geral às 20h e ficavam lá reunidos até cerca de 23h ou um pouco mais.

Da mesma forma, não havia muita conversa entre eles, somente pequenos comentários entre as músicas sobre o modo como um tocou o violão, como o outro desafinou num momento da música ou se o fogo precisava de mais lenha... Mais para o final do fogo, eu já estava dividindo o cobertor de alguma alma caridosa que percebeu que eu estava com frio (pois ao contrário deles, eu estava indo para uma festa com um telhado em cima e, principalmente, sem sereno). E esse pequeno gesto, me lembrou a importância do que B.P. dizia sobre estar sempre alerta para ajudar o próximo, pois não adianta só querer ajudar, é necessário saber quando ajudar e também que o quarto artigo da lei escoteira diz que o “escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros”. Pois bem, eu estava me sentindo entre irmãos naquele momento.

Apenas senti certa tensão no grupo quando saquei minha filmadora, pois queria documentar um pouco das músicas que eles estavam cantando... Falei então com meu vizinho: “Could I film a little bit?”. Ele falou algo em alemão para o grupo, vi algumas cabeças balançando afirmativamente e ele me respondeu: “OK, just a little”.

No final do fogo, notei uma prática comum do Jamboree ocorrendo, a “doação do lenço”. Pois cada país possui um lenço próprio oficial, que os escoteiros costumam trocar entre si, às vezes doando, às vezes trocando. Nem todos os integrantes deste fogo se conheciam, então pode ser considerado normal a troca de informações (nome, país, local de trabalho no acampamento, email etc.) entre escoteiros de diferentes países.

Ajudei dois suíços a apagar o fogo, espalhando as brasas e depois as cobrindo com areia e uma garrafa d’água. Acabei descobrindo, enquanto conversávamos, que eles eram amigos da Josefine Sjöberg, e que trabalhavam na cantina também, só que no auxílio às máquinas lavadoras de louça, combinamos de nos encontrar no dia seguinte para andar na roda gigante feita de pioneiria, junto com Josefine e alguns outros integrantes da equipe da

cozinha.

Esta foi minha primeira participação em um Jamboree Mundial, experiência que muito me fascinou. Foi um momento de repensar os destinos de meu projeto de pesquisa, de descoberta de algumas coisas que não sabia serem importantes até então. Foi um momento de desenvolver um olhar específico para certas práticas que me pareciam comuns, mas que ao serem expostas em outras dimensões, com outra perspectiva, se revelaram mais agregadoras e dicotomizadoras em níveis difíceis de serem completamente entendidos.

Até o momento do Jamboree eu entendia o *lenço escoteiro* (em geral um triângulo de tecido enrolado e colocado ao pescoço) apenas como um denominador de um grupo escoteiro, e também como uma peça útil a ser aplicada de várias formas (torniquete, tipóia, maca, gaze...).

Mas ao ver essa prática de trocas de lenço entre pessoas de diferentes locais (no caso do Jamboree, países) entendi que existem formas de troca estabelecidas em cima deste objeto. Ele não é somente a apresentação física de um pertencimento institucional, mas também um item que os escoteiros gostam de usar para contar suas histórias de vida dentro do escotismo, pois cada um deles foi um presente ou uma troca com uma pessoa até então desconhecida. Por vezes se formam laços de amizade entre as pessoas que fazem estas trocas, mas por vezes apenas a vontade de ter um novo item na coleção é o que importa. Mas cheguei a presenciar escoteiros trocando os lenços com mensagens escritas no seu verso, como se fossem cartões de festividades ou postais.

Uma prática comum do Jamboree era a pessoa andar com todos os lenços que havia ganho/trocado no pescoço ao mesmo tempo, alguns chegavam a portar de 8 a 10 lenços ao mesmo tempo. Quando perguntei para alguns conhecidos brasileiros de onde tinham vindo os lenços, sempre dois itens constavam em sua descrição, o nome do doador e o nome do local de onde este lenço provinha, seguido às vezes de alguma anedota de como aquela transação específica aconteceu, claro que é comum o escoteiro que recebeu um lenço esquecer por vezes o nome do doador, mas é mais comum isso ocorrer nas vezes em que nada está assinalado nele.

Mas não eram somente lenços que eram trocados entre os escoteiros do Jamboree, distintivos, uniformes completos, canções locais ou folclóricas, danças, brincadeiras, histórias de fogo-de-conselho. Duas semanas após retornar ao Brasil, fui participar do Fórum Regional

Pioneiro em Gravataí e encontrei vários escoteiros (neste caso, da tropa escoteira do Grupo Escoteiro Murialdo) jogando o “Ninja”, que era uma brincadeira que observei se tornar comum em todo o acampamento do Jamboree e que foi trazido para cá e ensinado por algum membro deste grupo que estava na Suécia.

Os escoteiros de vários países se reconhecem como iguais por serem ou terem sido educados em um sistema similar de valores, que acaba por constituir um *ethos* específico, que desemboca em práticas comuns, rituais, reconhecimento e identidades.

Uma tradição inventada, mas que é reconhecida, incorporada e disseminada por seus membros. Enquanto que seu embrião sempre é a um nível local, pois é nos pequenos grupos que estas práticas são idealizadas, vividas, experienciadas, o escotismo obedece a um padrão (mesmo que bastante adaptado) mundial.

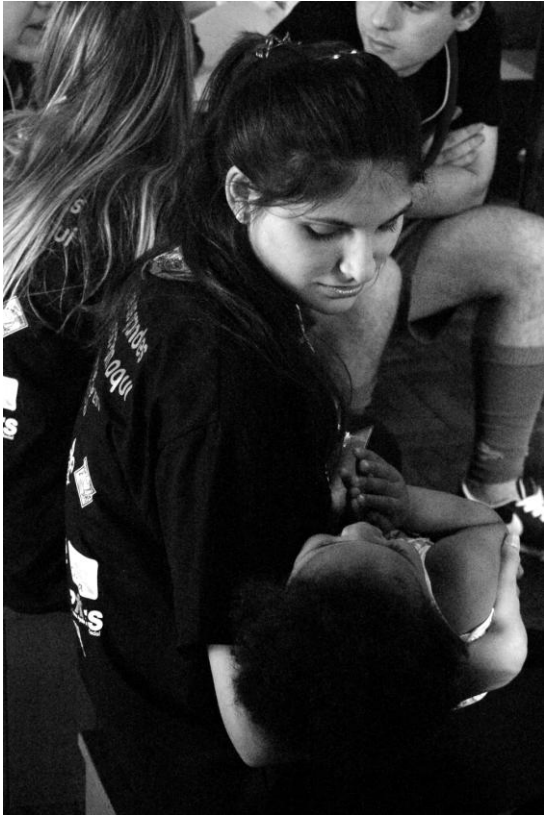
Uma situação interessante foi conversar sobre os *fogos de conselho* com alguns escoteiros de outros países, especialmente da Inglaterra, eles possuem por exemplo a prática de usar um *campfire blanket* em seus fogos-de-conselho, basicamente um pala ou poncho confeccionado de diferentes formas onde são afixados distintivos e outros materiais que recontam a história do seu dono conforme os itens nele presentes. Já vi no Brasil o uso do manto de fogo-de-conselho, porém não é prática comum. O que ouvi nestas conversas como “autenticação” do uso deste manto foi de que Baden-Powell idealizou este manto com seus distintivos para que os mais novos pudessem ver as cicatrizes de vida dos escoteiros mais velhos, sendo estas simbolizadas por estes distintivos.

Os escoteiros possuem práticas diferentes, tradições diferentes entre si, mas também possuem um cerne comum, através de uma tradição inventada (Hobsbawm, 1984), um reconhecimento mútuo, ou nas palavras de Bauman, a única maneira de incluir desconhecidos “em um “nós” era reuni-los como potenciais parceiros de rituais confessionais, tendentes a revelar um “interior” semelhante (e portanto familiar)(...)” (2004:49)

CAPÍTULO 4

Biophilia









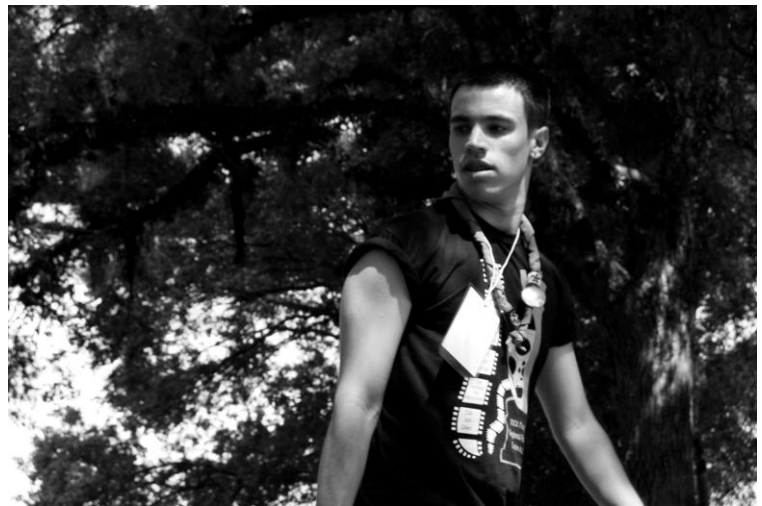




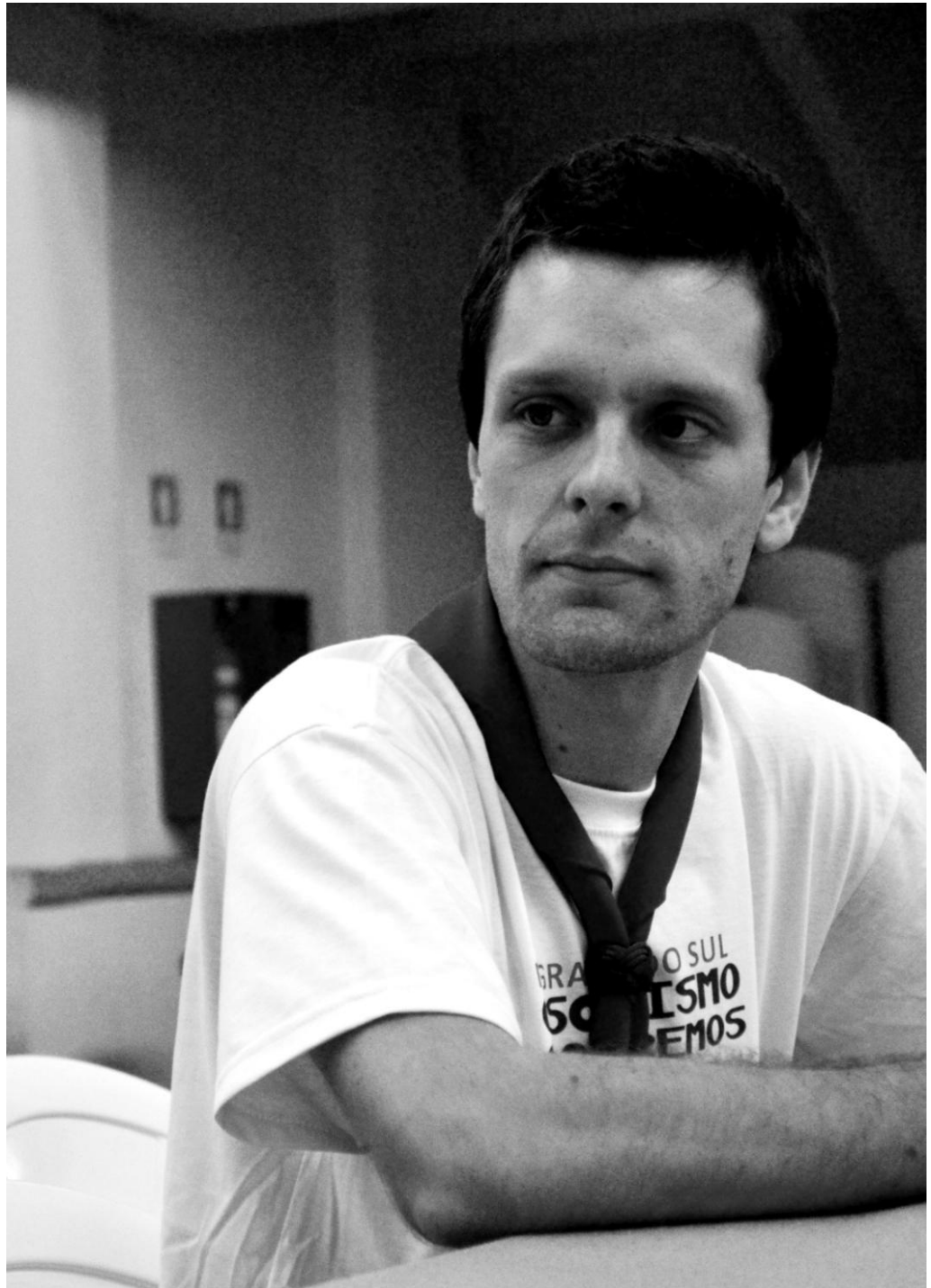






















CAPÍTULO 5

O que os pioneiros fazem? O que faz dos pioneiros, pioneiros?

Até este ponto descrevi questões que envolvem um espectro maior sobre o que é o movimento escoteiro. Parte desta cacofonia encontrada nos capítulos 1 e 3 é resultado, acredito, de minha própria experiência enquanto etnógrafo, já que demarcar limites entre objeto de estudo academicamente construído e frio na barriga em alguma dinâmica escoteira definida é algo difícil de se fazer.

Algo que esteve claro desde o início deste estudo era o “ponto” antropológico (Maciel, 2009:177) ao qual aspirava, baseado na noção de Favret-Saada (2005) sobre ser afetado. Sobre se tornar sensível aos imperativos de atores presentes no campo e buscar fazer uma conjunção disto, através de sua sistematização escrita na dissertação, com a fotoetnografia. Em resumo, um trabalho baseado nas sensibilidades. Em julho de 2012, minha orientadora pediu para que eu organizasse uma descrição de meus principais interlocutores em vias de operacionalizar e organizar melhor minhas práticas de campo.

Buscando um denominador comum, fiz em um primeiro momento um esquema “bola de neve” (Guedes, 1997) de como fui sendo introduzido a novos interlocutores ao longo de um ano e meio de campo. Mas não era o suficiente, pois a “bola de neve” não me ajudava a encontrar um foco já que contava com pessoas demais. Se eu buscasse deter a atenção em todas elas, acabaria não chegando a nenhuma profundidade e a nenhuma generalização possível e a nenhuma discussão possível, pois a vozes seriam demasiado destoantes.

Escolhi alguns interlocutores para a tarefa que havia sido proposta por minha orientadora baseado nas questões de pesquisa e também na abertura que tinha com estes. A nível de curiosidade, reproduzo na página seguinte o esquema “bola de neve” conforme consta em meu diário de campo. E buscarei traçar questões sobre voluntariado e escotismo que em um primeiro momento foram pontuadas nestes perfis de interlocutores-chave, reconhecendo como o papel ajuda a organizar coisas sobre as quais não pensamos tanto, pois em geral são tomadas como “naturais”.

5.1. Vivência do ramo pioneiro

O membro jovem do movimento escoteiro passa por etapas etárias de formação, como já expliquei em outra parte deste texto⁴⁴. E estas faixas etárias atingem em seu todo as idades entre 6-7 anos e 21 anos. O último ponto deste processo é a etapa chamada nativamente de *Ramo Pioneiro*. Já neste ponto da escrita não interessam tanto as questões etimológicas ou de como esta etapa etária de formação do movimento escoteiro foi criada (este ramo foi embrionado no período pós-I Guerra Mundial e seu marco é o livro, escrito por Baden-Powell, *Caminhos para o Sucesso*), mas como práticas do *ramo pioneiro* se dão na conjuntura atual no contexto gaúcho.

Como já expliquei no primeiro capítulo, existe uma estrutura organizacional a nível regional e as pequenas unidades locais onde o *método escoteiro* é aplicado. Em cada uma destas unidades (*Unidade Escoteira Local* no vernáculo institucional ou *Grupo Escoteiro* no vernáculo comum) existem sub-unidades que representam estas divisões etárias. Cada uma trabalha de forma diferente (porém não completamente independente) em vista às diferenças de idade, supervisionada por um (ou mais de um conforme o caso) adulto.

O nome que se dá à sub-unidade que congrega os jovens que se encontram nas idades entre 18 e 21 anos é *Clã Pioneiro*. Durante a pesquisa de campo, acompanhei diferentes clãs em diversos momentos (apenas para lembrar, a pesquisa de campo se iniciou em janeiro de 2011 e só foi oficialmente finalizada em novembro de 2012).

Vou prioritariamente me referir a dois *clãs* neste texto, por ter despendido maior atenção e tempo neles, porém escoteiros de outros lugares aparecerão no texto diversas vezes. As redes de amizade e convívio, assim como a facilidade de transporte entre os escoteiros na região metropolitana e serrana do Rio Grande do Sul acaba por potencializar a circulação destes jovens. De tal forma, que se torna difícil cartografar estes trânsitos e estes afetos de forma satisfatória. Deixarei que o contexto do campo fale por si mesmo.

Uma das primeiras interlocutoras que tive nesta pesquisa foi Evelise, ou melhor a “Mestre Evelise”. Ela atua no Grupo Escoteiro Charruas 003/RS em Porto Alegre. A idéia inicial da pesquisa derivou de conversas com ela em 2010, época em que tivemos maior convivência. Tem 35 anos, aproximadamente, e está no movimento desde os 11 anos.

⁴⁴ Capítulo 1, título 1.3.

Conquistou sua Insígnia da Madeira⁴⁵ em 2008. Foi o que se chamou de *Highlander*⁴⁶, um pioneiro que fica atuando no ramo como membro jovem além da idade permitida (21 anos), no caso, conseguiu permanecer no ramo até os 24. Depois disso, atuou como chefe em todas as faixas etárias, mas se considera satisfeita em trabalhar com o ramo pioneiro, pois diz que seu “perfil” é este. É uma pessoa conhecida e respeitada como um bom exemplo de membro adulto, porém sofre de uma pecha de intransigente, e por vezes anti-institucional. Por causa disso, nunca conseguiu assumir o cargo de assistente para o ramo pioneiro no RS (cargo de representação do ramo frente à diretoria estadual), não que esta seja sua pretensão, mas seu nome já foi cotado várias vezes para este cargo. Em 2011, realizou o projeto “Rio Grande Pioneiro” que visava visitar clãs pioneiros no interior do estado para estabelecer maior contato e troca entre a região metropolitana (onde se concentra o grande efetivo do ramo) e outros locais do estado (região de Sta. Maria, Erechim, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Caxias e serra). Trabalha como enfermeira na rede pública de saúde de Porto Alegre, tendo se formado pela UFRGS e feito especialização na mesma área pela Escola de Saúde Pública de POA.

Outro interlocutor que foi presente durante todo o processo de trabalho de campo é Áquila. Ele foi um dos primeiros escoteiros com quem fiz contato para a pesquisa. Entrou no movimento com 8 anos de idade e está ativamente no movimento desde então. Em uma parte de sua época escoteira e sênior (entre seus 12 e 16 anos, aproximadamente) acabou se mudando do RS e continuou atuando em outros grupos. Em sua época de pioneiro, fundou o Clã Maragatos no Grupo Escoteiro Anhanguera 96/RS (Sapucaia). Participou ativamente na construção de redes e é um dos maiores apoiadores das iniciativas de políticas para jovens dentro do movimento. Foi Coordenador do Núcleo Regional de Jovens Líderes (NRJL), entre 2009-11, e hoje é representante dos Escoteiros do Brasil junto ao Conselho Nacional da Juventude. Tem 22 anos. Em seu percurso como membro jovem conquistou todas as insígnias máximas⁴⁷ de ramo (Cruzeiro do Sul, Lis de Ouro e Escoteiro da Pátria), exceto a pioneira (Insígnia de BP), apesar de ter realizado o trabalho para esta. É um dos “nomes-fortes” da juventude envolvida institucionalmente na UEB. O esquema “bola de neve” que fiz para esta

⁴⁵ Uma insígnia especial conferida a adultos do movimento escoteiro que atuem com a aplicação do programa pedagógico deste. Para recebê-la, é necessário fazer alguns cursos de formação de adultos e responder a um estudo apelidado de “Caderno”.

⁴⁶ Termo nativo para referir escoteiros que já fizeram 21 anos de idade, mas continuam freqüentando o ramo pioneiro por tempo indeterminado e em regime contrário ao indicado no programa pedagógico, por se negarem a deixar de ser membros juvenis.

⁴⁷ Insígnias máximas de ramo são condecorações que o jovem escoteiro pode receber quando está na fase final de cada ramo que participa, é um sinal de status entre os escoteiros tê-las.

pesquisa demonstra este aspecto sem dúvidas, pois grande parte das redes de contatos onde fui me inserindo e sendo inserido foram em decorrência desta aproximação com ele. É estudante de Relações Públicas na PUCRS.

Ainda outro interlocutor vital nesta pesquisa foi Diogo. Ele entrou no movimento escoteiro com 13 anos de idade, a convite de colegas de escola. Desde então esteve ativo no movimento, com um breve recesso em 2009. É mestre pioneiro do Clã Padawan, desde setembro de 2009, quando este ramo foi reaberto⁴⁸ no Grupo Escoteiro Taquató 97/RS. Participou do Jamboree Mundial Escoteiro em 2011 na Suécia, bem como do World Scout Youth Forum e do Jamboree Nacional de 2012. É um dos poucos exemplos de membros adultos que são elogiados por conseguir trabalhar na unidade local e nas instâncias estaduais ao mesmo tempo sem prejuízo em nenhuma das duas. Coordena no Rio Grande do Sul o Mutirão Nacional de Ação Comunitária (MutCom) e foi entre 2009-11 Comunicador do Núcleo Regional de Jovens Líderes (junto com o Áquila). É uma das figuras mais proeminentes do ramo pioneiro estadual dos últimos tempos, juntamente com a Evelise. Foi especialmente através da atuação dele que se estabeleceu a parceria entre a UEB e o Instituto Elos (Projeto OASIS⁴⁹). Representou, como jovem adulto a comissão da World Organization of the Scout Movement na Rio+20 em 2012. Juntamente com seu clã, organizou o XXXI Mutirão Regional Pioneiro, em S. S. Caí (março de 2012). Estuda Relações Públicas na Unisinos, tem 26 anos e trabalha em um escritório contábil.

No início da pesquisa, como já afirmei anteriormente, eu pensava em etnografar as práticas do que os escoteiros chamam de *mística pioneira*, conjunto de práticas rituais muito comum neste ramo do movimento escoteiro que possui, em geral, um *background* que envolve místicas medievais. Orientado nesta perspectiva, visitei junto ao Projeto Rio Grande Pioneiro da Evelise as cidades de Santa Maria, Erechim, Passo Fundo e algumas atividades menores na região metropolitana na primeira metade do ano de 2011.

Especialmente através de contatos estabelecidos através do Áquila, da participação de uma atividade internacional que aconteceu em Blumenau (em janeiro de 2011) e da participação no Jamboree Mundial Escoteiro na Suécia, novas questões foram ganhando

⁴⁸ Apesar dos grupos escoteiros serem compostos por quatro ramos, é comum que funcionem apenas com os ramos de menor idade por falta de efetivo adulto ou desinteresse da diretoria do grupo, o clã pioneiro aqui referido foi reaberto ao ter entrada de novos jovens candidatos a pioneiro e por ter um adulto que aceitasse ser responsável por eles.

⁴⁹ Falaremos um pouco mais desta “metodologia de empreendedorismo social” mais adiante neste capítulo.

maior força. A principal delas sempre orbitava em torno da tríade passagem-voluntariado-engajamento.

Novas perspectivas para a pesquisa vieram de espaços diversos. Em Blumenau, no World Scout Youth Forum, através de conversas com uma escoteira inglesa chamada Fiona, questões de envolvimento institucional foram postuladas. No Jamboree Mundial, percebi a diversidade presente no movimento escoteiro, sobre o qual desejava escrever, porém ainda mantendo um mesmo eixo semântico. E nos contatos agenciados por Áquila pela profusão de opiniões e de diferentes perspectivas sobre o escotismo conforme com quem conversava.

O objetivo do projeto de Evelise era aproximar pioneiros de cidades fora do eixo Porto Alegre-Serra das redes de contato mantidas por estes jovens e estimular intercâmbio e trocas em um espectro maior do que normalmente é possível. Eu a acompanhava para estabelecer contato com estes clãs e iniciar os processos de entrada em campo para esta pesquisa sobre *mística*.

Indo em outras atividades na região metropolitana, acabei, aos poucos, me dando conta da importância das redes de troca entre grupos existentes nesta região. Estas “trocas”, como aqui refiro, não se tratavam puramente de objetos como os apresentados no capítulo 2, ou trocas de *cases*⁵⁰ de sucesso sobre experiências locais. As “trocas” conformavam uma possibilidade incrível para um estudo de sociabilidades, eram trocas de amizade espontânea, trocas de histórias de vida, trocas de lenços, trocas de fidelidades. Em toda uma sorte de cartografias afetivas, difíceis de mapear.

Estes jovens construía suas identificações e seus pertencimentos nestas redes relacionais. E mais, construía suas próprias identidades através destes entrelaçamentos de vida, e buscavam construir respostas coletivas, motivos para dar razão a suas vidas.

A partir deste momento, abandonei a perspectiva de abordar o conjunto de rituais especificamente entendidos enquanto tais, que praticavam e decidi me esforçar por relatar as vivências destes jovens no momento de sua transição (conforme é entendida pelo movimento escoteiro) para se tornarem adultos.

Para isso, a análise deveria se basear em acompanhamento mais localizado no que os escoteiros chamam de unidade local, ou seja, um Grupo Escoteiro, e também nas redes de

⁵⁰ Para utilizar uma palavra que meus interlocutores adoram do campo da Gestão.

troca entre estes grupos, tanto por via institucional quanto por outras vias.

Acabei me aproximando principalmente de dois clãs em momentos diferentes da pesquisa e da Equipe Regional Pioneira⁵¹ (ERP, a partir de agora) que trabalhou na região escoteira do Rio Grande do Sul no ano de 2011.

O primeiro clã que vou descrever é o Clã Pioneiro Padawan (por sinal, nem todos os clãs possuem místicas baseada no mito arturiano, este, por exemplo, utiliza uma baseada na saga *Star Wars*). Este clã se formou em setembro de 2009, na cidade de São Sebastião do Caí, no Grupo Escoteiro Taquató 97/RS e sempre contou com Diogo como seu mestre pioneiro. Em 2010, contava com cerca de 13 membros, depois recebeu novos membros em várias levadas de entrada e saída e hoje conta com cerca de sete pioneiros. O que pode ser considerado “atípico”, em seu caso, é o adulto responsável por ele ser considerado (por outros membros do movimento escoteiro, como foi comentado comigo em diversos momentos) muito novo, com idade muito próxima da idade dos jovens. O outro ponto “atípico” é o fato de que é considerado como um clã grande para uma cidade tão pequena. O grupo escoteiro desta cidade conta sempre com um mínimo de cem membros (desde lobinhos até os adultos), porém o mais normal é ver um clã com 4, 6, no máximo 8 pioneiros. Como o clã chegou a contar com 15 membros certa época, passa a impressão de *case* de sucesso em relação a conseguir engajar e manter seus jovens.

Entre alguns interlocutores com quem estabeleci diálogo durante a pesquisa (não descrevo todos aqui), encontram-se:

Caroline que entrou no movimento com 9 anos de idade, levada por seu irmão mais velho que já era membro do grupo. Ela foi uma das pessoas que ajudou a fundar o Clã Padawan em 2009, do qual foi a primeira presidente. Hoje, com 21 anos, já se desligou do clã e está atuando no ramo sênior do mesmo grupo. Teve uma fase pioneira de muito enfrentamento à atuação do Diogo, pois possuíam discordância em vários aspectos, em momentos diferentes. Esses enfrentamentos decorriam especialmente por causa da dinâmica que um clã pioneiro adota: os pioneiros tem certa autonomia sobre suas decisões e ações enquanto grupo, e o mestre deve atuar mais como um orientador do que exercer um poder decisivo de fato. Processos de enfrentamento entre os dois acabaram por “minar a autoridade

⁵¹ Ver capítulo 1, ponto 1.3.

da presidência”. Caroline acabou por se cansar destas batalhas constantes, largou o cargo e continuou no ramo de maneira *pró-forma* até completar seus 21 anos. O último ano que passou no ramo foi mais calmo para ela, pois não fazia mais oposição ao Diogo (claro que também não participava do que não queria).

Afonso também ajudou a fundar o Clã Padawan em 2009, ao contrário da maioria dos pioneiros, entrou no movimento com 19 anos de idade, já no ramo pioneiro. Isso decorreu especialmente pelo fato de trabalhar com o Diogo, que foi quem o convidou. Hoje está com 22 anos de idade, atua como chefe no ramo escoteiro e foi eleito para o Núcleo Regional de Jovens Líderes no Rio Grande do Sul⁵². É visto pelos escoteiros como um bom exemplo de pessoa que entra no movimento quase adulto e permanece. Foi o presidente do clã após a saída da Caroline. Estuda Ciências Contábeis na UCS e trabalha em um escritório contábil.

Já Matheus, também ajudou a fundar o Clã Padawan em 2009, e é membro do movimento desde seus 12 anos de idade, tendo hoje 23. No seu período de pioneiro teve enfrentamentos com o Diogo da mesma forma que a Caroline. Isso acabou por levar ao seu afastamento do clã por um ano inteiro entre 2009 e 2010. Após esta fase, decidiu voltar ao clã, porém mudou a sua dinâmica e evitou enfrentamentos com o Diogo e outros membros. Hoje, oficialmente está desligado do grupo escoteiro (e institucionalmente do movimento escoteiro), mas extra-oficialmente participa de algumas atividades com o ramo escoteiro. Por morar em Porto Alegre, é difícil estar em atividade todo sábado em São Sebastião do Caí, porém não deseja ir atuar em outro grupo mais perto pela pecha de “traição” que isso conformaria em relação a seu grupo original de São Sebastião do Caí.

Maitê entrou no movimento com 9 anos de idade e entrou no clã na sua “segunda geração”, ou seja, em 2010. Teve alguns enfrentamentos para finalmente entrar no ramo pioneiro, pois queria permanecer no ramo sênior (quando finalmente “passou” estava já com 18 anos e meio, sendo que pela regra deveria ter entrado no máximo com 18). Sua vida pioneira passou por momentos de trabalho intenso em projetos onde se mostrou extremamente “proativa” e outros de enfrentamento frente ao Diogo. Hoje, está afastada do clã e do grupo, porém ainda está com 20 anos de idade, quase completando 21.

⁵² Núcleo de Jovens Líderes é uma instância de representação institucional a nível das regiões (estados) escoteiras. São quatro cargos concomitantes de dois anos de mandato cada. Os “Jovens Líderes” não constituem um outro ramo do movimento escoteiro (apesar de parecer confuso a um primeiro olhar), trata-se de uma iniciativa institucional para engajar pessoas mais jovens nas instâncias burocráticas da instituição.

Victor entrou no movimento escoteiro com 7 anos de idade. Entrou no clã pioneiro na mesma turma da Maitê, porém se afastou um ano depois por, como foi afirmado, “motivos de estudo”. Lucas entrou no movimento escoteiro com 7 anos de idade. Entrou no clã pioneiro na mesma turma de Maitê e Victor, é namorado de Caroline. Conquistou a insígnia Escoteiro da Pátria⁵³ do ramo sênior em 2010. Foi um pioneiro atuante durante os anos de 2010 e 2011, porém se afastou no começo do ano de 2012, “por outros interesses”. Na verdade, possuía certo enfrentamento (assim como Caroline, Matheus e Maitê) com Diogo. Cursa engenharia civil na Unisinos.

Renan tem tradição escoteira de família, seu pai foi escoteiro quando jovem no mesmo grupo. Entrou no movimento com 7 anos de idade, e se manteve desde então. Apenas teve um afastamento de 3 meses em 2012, “para recarregar as baterias”. Trabalha em um escritório contábil juntamente com Diogo e Afonso. Era chamado de “Tranca” quando mais jovem (um apelido com conotação extremamente pejorativa), quando passou para o ramo pioneiro, o Diogo iniciou um trabalho para que ninguém mais chamasse ele por este nome. Como resultado disso, hoje ele é o Renan e nada mais que isso. Tem uma índole extremamente pacífica e é o mais sério dos pioneiros do Padawan (que em geral são mais brincalhões).

Cíntia entrou no movimento com 15 anos de idade a convite de seu namorado. Apesar de que isto poderia ser visto como extremamente negativo, pois ele é também um adulto voluntário no seu grupo escoteiro. Este recorte entre quem é “jovem” e quem é “adulto”, realmente aparece em questões que envolvem maiores de 21 anos namorando menores de 21, especialmente se os menores tiverem menos de 18. É um fenômeno que ocorre bastante, porém sempre é acompanhado de perto por outros adultos preocupados pela manutenção de certo “decoro” que se acha necessário em atividades escoteiras. O fato de eles namorarem antes dela entrar no movimento contribui para o esforço de que este fator não seja negativado. Atualmente, já completou 21 anos e saiu do ramo pioneiro. Hoje, ocupa a cadeira destinada à União dos Escoteiros do Brasil no Conselho Nacional da Juventude.

Podemos ver, a partir destes perfis, que houve certos conflitos relacionais a partir da formação deste clã. Em 2012, estes relatos passaram a ser menos frequentes, beirando o silêncio, na verdade. Todos estes jovens cursam cursos de nível superior em diferentes

⁵³ Chamada condecoração máxima do ramo anterior ao pioneiro, cuja obtenção está atrelada a uma série de tarefas e da execução de um projeto que tenha como inspiração os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da ONU.

universidades e são moradores de São Sebastião do Caí. Por fazerem parte de um grupo escoteiro em uma cidade do interior, possuem grande poder de realização de projetos sociais. Este clã, inclusive, é bem conhecido por ter jovens engajados neste tipo de ação. Estes interlocutores foram os responsáveis pela organização do Mutirão Regional Pioneiro de São Sebastião do Caí, em abril de 2012.

Além disso, é importante frisar a participação que seus membros tem nas instâncias institucionais a nível estadual. Este perfil, penso é consequência da atuação do Diogo, por estimular que participem de atividades fora de seu município e, por vezes, de seu estado.

Outro clã que tive maior aproximação durante a pesquisa foi o Clã Pioneiro Guia Lopes, do grupo escoteiro de mesmo nome. A aproximação com este clã se deu de forma diferente, pois já conhecia os integrantes do clã de São Sebastião do Caí antes de iniciar a pesquisa, tive de negociar a entrada em campo no Guia Lopes através de dois contatos que tinha.

**Excerto do Caderno de Campo,
07 de abril de 2012, sábado, 20h.
Visita ao Grupo Escoteiro Guia Lopes, Ilha do Pavão, Porto Alegre.**

Estou agora sentado na doca interna que vai me levar ao Grêmio Náutico União, dentro do qual fica a sede do Grupo Escoteiro Guia Lopes, na Ilha do Pavão, no Rio Guaíba, em Porto Alegre.

Minha opção por este grupo para ser pesquisado parte de algumas premissas, um tanto quanto pessoais. Já conheço alguns dos pioneiros do grupo, e me sinto confortável com eles. Entrando no barco, sigo uma mulher de aproximadamente 30 anos com 4 crianças, supus que fossem sócios do clube, pois nenhum deles portava nenhum símbolo escoteiro nas roupas. Não sei precisar quantas pessoas estavam na barca, talvez 50, talvez mais. O que é chamado simplesmente de "Ilha" pelos escoteiros do Guia Lopes é, na verdade, uma das sedes deste grêmio aqui em Porto Alegre. Ela sedia as atividades de remo e algumas atividades recreativas deste clube (o local conta com quadras de tênis, futebol, basquete, além de churrasqueiras ao ar livre, lanchonete, quiosques e amplo espaço verde). A sede deste grupo escoteiro é composta de dois prédios: um deles é uma construção de madeira bem ampla que eles chamam de "forte" (dado ao seu formato, é uma construção em formato de U e com um pátio interno que conta com um muro de madeira e um portão coberto por um telhadinho).

Logo encontro o Vilches (Giovani Vilches), que é presidente do clã pioneiro e tinha ficado responsável de me receber e me apresentar as pessoas e as dependências onde as atividades acontecem. Fui recebido muito cordialmente (esse reconhecimento entre escoteiros sempre me espanta), cumprimentei algumas pessoas que já conhecia e fui introduzido a outras.

(anotações posteriores)

Naquele momento apenas encontrei o Audy (adulto responsável por este círculo de pioneiros), Henrique, Biga e Marcelo (além do Vilches, claro). Depois viria a conhecer outros pioneiros que faziam parte do clã: Gabriela (que nunca ia para as reuniões do grupo nos sábados à tarde, o que acabou gerando a piada neologista "gabrielar", que basicamente significa ser parte do clã e nunca aparecer em atividades escoteiras) e Sofia (com quem conversei algumas vezes e desenvolvi rapidamente profunda simpatia).

Frequentei as atividades junto com o clã pioneiro do Grupo Escoteiro Guia Lopes 002/RS desde o mês de abril de 2012 até o mês de novembro. Em geral, as atividades se desenvolvem nos sábados a tarde, em disposição diferente do clã caiense, pois este não só se reunia nos sábados a tarde como em outros dias da semana, frequentemente. Como dito no relato do diário de campo, o local de encontro destes jovens para as reuniões regulares é em uma sede do Grêmio Náutico União, na Ilha do Pavão, em Porto Alegre.

Para apresentar um contexto mais geral, acredito ser necessário um breve perfil de alguns interlocutores:

O primeiro interlocutor com quem fiz contato foi o Dreyer, ou "Mestre Dreyer", é um dos adultos envolvidos no clã. Ele trabalha como administrador e assim como a Evelise é visto como um bom exemplo de membro adulto envolvido com o ramo pioneiro, tem 29 anos. Como ele não está atualmente atuando no clã, tivemos contatos esporádicos, porém não substanciais. O primeiro contato que fiz para começar o campo junto ao Guia Lopes foi através dele (nos vimos bastante em 2011 no World Scout Youth Forum e no Jamboree Mundial), quando fui apresentado ao Mestre Jorge que estava desempenhando no momento o cargo de mestre do clã. Dreyer possui um longo percurso no movimento escoteiro, entrou ao redor dos 10 anos de idade e se manteve desde então atuando, com breves afastamentos. Atuou na gestão da Equipe Regional Pioneira em 1997, época em que houve fortalecimento e expansão de ações do ramo (em uma linha de trabalho que é seguida até hoje).

Já o Mestre Jorge Audy tem cerca de 49 anos de idade. Trabalha como consultor de gestão empresarial e planejamento estratégico do Grupo RBS. Possui menos intimidade com ele, pois o conheci apenas este ano. De seu percurso como escoteiro, sei apenas que entrou no movimento já adulto, no Grupo Escoteiro Tupã-Ci, em Porto Alegre, no começo dos anos 2000, após alguns anos de atuação lá, resolveu procurar um outro grupo escoteiro em Porto Alegre, processo que o levou até o Guia Lopes. Atuou durante algum tempo no ramo sênior e

no ano de 2010 foi auxiliar no ramo pioneiro, devido ao afastamento tácito do Mestre Dreyer. Bem humorado, tem uma personalidade que fecha com o tipo de trabalho que se faz neste ramo. Antes de entrar no movimento, estava acostumado a realizar trabalho voluntário em outras associações, coisa que continua a fazer. No segundo semestre de 2012, estava aos poucos se afastando do clã por motivos de trabalho.

O único pioneiro que conhecia deste clã quando comecei a fazer a pesquisa, era o Marcelo, um jovem de 20 anos de idade (na época), estudante de graduação em TI na PUCRS. Participa do movimento escoteiro no Guia Lopes desde seus 8 anos de idade. Por ser o pioneiro mais velho do clã, na época do começo da aproximação, em julho de 2012 acabou por sair do ramo, por um tempo buscou auxiliar o grupo na parte administrativa, porém sem muito engajamento. Acompanhei especialmente seu processo de desligamento do clã, já que os pioneiros reagem de formas diferentes a esse momento. No caso dele, foi um processo “pacífico”, ele não se sentia incomodado ou saudoso do ramo, tendo, na verdade, freqüentado menos as atividades do clã nos seus últimos meses. Sua opção por continuar trabalhando na parte administrativa foi resultado de “não se sentir preparado” para a responsabilidade de lidar com mais jovens do movimento. Na verdade, neste ponto se baseia muito na oposição com outro pioneiro deste clã, o Biga.

Matheus “Biga” é estudante de graduação na UFRGS. Está no movimento escoteiro desde os 7 anos, e sempre foi ligado ao Grupo Escoteiro Guia Lopes. Diferentemente da maioria dos outros escoteiros deste grupo, ele é membro associado do Grêmio Náutico e realiza outras atividades além do escotismo na sede da Ilha do Pavão (fazia parte do time de remo olímpico). Alguns detalhes mais relevantes sobre o Biga é que ele passou do ramo lobinho para o ramo escoteiro com 9 anos e meio, segundo o Marcelo, “por ser elétrico e forte demais”. Os dois perfis que observamos aqui, entre Marcelo e Biga, na verdade é um tipo de amizade cunhada na competição como às vezes acontece no movimento escoteiro. Eles mesmos se vêem de várias formas como uma dicotomia específica, por se conhecerem a mais de dez anos, os dois sabem os pontos de convergência e de oposição. Enquanto que o Marcelo é criticado por não se “comprometer com os jovens” o Biga é criticado por não aproveitar sua “vida pioneira”.

Henrique é irmão do Marcelo e uma pessoa mais reservada. Consegui ter pouca interlocução com ele no começo, mas acredito que depois acabou por se acostumar com minha presença. Sei que estuda engenharia e participa do movimento desde 8 anos de idade,

tendo hoje 20.

Gabriela, foi a primeira menina deste clã que conheci. Parece ser um tanto que fechada em si mesma, mas já tivemos uma boa aproximação. Tem 20 anos de idade, aproximadamente, e quase nunca apareceu nas atividades do clã durante a pesquisa. Fato este que não passa despercebido pelos outros pioneiros. Certa vez, ouvi eles fazendo uma piada com o uso do neologismo “gabrielar” que significava algo próximo a combinar ir a algum lugar e não aparecer.

Sofia foi a única outra pioneira deste clã que conheci. A aproximação foi fácil, pois desde o começo estabelecemos um diálogo mais próximo a partir de alguma discussão sobre teoria feminista. Participa deste grupo escoteiro desde lobinha. Considero que ela tenha dentre todos estes pioneiros descritos até agora o perfil mais “politizado”, apesar de admitir ser difícil descrever o exato porque desta afirmação.

O perfil deste grupo escoteiro e deste clã é diferente do clã de São Sebastião do Caí. Primeiramente, a sede onde ocorre a reunião deste grupo é no centro de Porto Alegre (a barca que vai até a ilha, ao menos, sai do centro, já que a sede deste grupo fica localizada em um ponta da ilha que não tem acesso por estrada) o que facilita o deslocamento dos membros dele. Acaba por acontecer que cada um mora em um lado da cidade e que eles realmente acabam se encontrando principalmente nos sábados a tarde e não em outros dias como ocorre no grupo do interior. Este clã também é menor em número de membros. Atualmente conta com cerca de seis membros e esta é uma regular de alguns anos.

Em uma entrevista que realizei com o Marcelo, obtive algumas informações relevantes que me descortinaram outros detalhes da vivência do ramo pioneiro de forma mais localizada. A primeira, foi sobre sua passagem do ramo sênior para o ramo pioneiro. O ramo sênior é o que ele chama de “geração competitiva”, em oposição à “geração pioneira”. O jeito que ele adjetivou esta dicotomia não me passou despercebida. Quando instado a falar ele me dá a seguinte declaração: que o ramo pioneiro “*não se preocupa tanto com troféus, cria-se o grupo (no caso, ele se refere ao clã) e o grupo é o incentivo para se manter. O escotismo é o meio, não o motivo*”. Ou seja, estar junto é o incentivo para se manter os encontros e as práticas, e o escotismo é o modo de fazer estas práticas, não o porque destas práticas.

Parte disso refere também às declarações destes enfrentamentos que afirma ter com o Biga, mas, preciso deixar claro, eles são amigos, o enfrentamento ao qual ele se referiu é de

diferentes perspectivas sobre o mesmo objeto. Segundo ele, enquanto o Biga acha que trabalhar com “o jovem” (ou seja, atuar como escotista em algum ramo (lobinho, escoteiro, por exemplo) é o mais válido foco de trabalho, ele acredita que existem perfis diferentes de atuação e que é possível colaborar para o andamento do escotismo de outras formas (como em seu caso de 2012, ajudando na administração do grupo). Mas ao mesmo tempo, sobre esta oposição de opiniões entre ele e o Biga, ele afirma que “*o escotismo força contato e mantém a amizade*”.

Nesta medida, os pequenos núcleos de atuação do escotismo são vitais e o embate interno de vontades, opiniões e a vivência do consenso na dissidência parece ser uma experiência enobrecedora, que cria responsabilidade. Neste sentido, as declarações do Diogo e do Águila sobre suas vivências do ramo pioneiro e o processo de fundação de seus clãs nos mostra falas que corroboram no sentido desta dinâmica de funcionamento de um clã pioneiro:

Diogo: não, não, meio que ninguém do clã participa de chefia⁵⁴ de ramos hoje. Ou é pioneiro ou é pioneiro. Não tem nem a chance de ser chefe. Pelo menos ninguém escolheu por isso ainda. Mas na época que eu era pioneiro a gente fazia essas duas coisas. Na verdade, neste período parecia que a gente tentava fazer o clã funcionar, abrir o clã e o grupo escoteiro não tinha interesse, na verdade, que tivesse o clã. Porque se impunha muitas dificuldades para nós, como naquela época era difícil, não tinha internet, não tinha as coisas.

Diogo: Na minha época, eu fui pioneiro até a finaleira mesmo, até meu último dia, tanto que teve um acampamento de grupo, em 15 de setembro de 2007, quando eu estava fazendo 21 anos e eu fui como pioneiro, ainda fui como "pio". Ai depois que eu sai do clã, eu sai um pouco, sai um pouco do movimento, dei um tempo para a cabeça. Em 2008, eu participei só do Camporee Gaúcho, que eu fui meio que pioneiro, ainda consegui me inscrever como pioneiro. Nem sei como passou, mas participei como pioneiro, bem tranquilo. Daí eu ajudei aqui no grupo, eu voltei em agosto para fazer uma atividade com os lobinhos, eu ajudei eles num acampamento, mas foi só uma instrução, assim... E aí, em 2009, setembro de 2009 que eu retornei, então eu fiquei quase dois anos fora, na verdade, fora do grupo. Dai eu retornei já com 23 para ser mestre pioneiro.

⁵⁴ “Traduzindo”: ninguém que está na idade entre 18 e 21 anos participa do grupo escoteiro como outra coisa além de ser pioneiro, desempenhar função de chefia seria participar como um membro adulto de algum outro ramo de idades inferior a 18 anos.

Diogo: mas isso é uma das minhas principais motivações para ser um chefe. Fico pensando, o potencial que tem para fazer atividade hoje, o potencial de coisas que dá para fazer e eu pensei, cara, não tive quase nada disso... Potencial, o grupo da nossa época era muito restrito, era isso, isso e isso. Feijão com arroz, sabe? Funcionou, não dá para negar que não foi ótimo, que é muito bacana. Mas hoje eu vejo que dá para fazer uma vivência muito mais proveitosa, sabe? Eu acho que isso é o meu motor, como eu queria ter tido chefes como eu sou hoje.

Diogo: Porque na verdade o ramo tem esse lance da integração das pessoas em volta. A ideia da UCLA, a União de Clãs Amigos⁵⁵. Não precisa ter nenhuma formalidade assim. É simplesmente a gente estar aqui junto, sabe? A gente decidiu que a gente é amigo e deu, sabe? E acho que isso é bem significativo. Acho que isso pode ter sido importante, essa vivência. Aí aqui tem o sentido destas atividades que eu fui...

Caio: Como chefe hoje, como mestre, como membro adulto do movimento. Qual é o teu trabalho em relação aos jovens, tu tens hoje 26 anos, trabalha com jovens que estão entre 18 e 21, dentro de todo programa pedagógico que os escoteiros tem desde lobinhos até os pioneiros. Tu és a única pessoa que esteve mais presente durante todo este tempo na pesquisa e que não está vivendo ou viveu o processo do programa pedagógico, que já passou por ele e agora está aplicando este processo. Como é o teu trabalho, como tu vês este trabalho, como tu faz este trabalho em relação aos jovens?

Diogo: Cara, uma coisa que sempre me vem à cabeça é respeitar a autonomia do clã e isso é uma coisa que os cursos me ensinaram bastante, sabe? De quando eu lidei com pessoas mais velhas que já trabalham com o ramo pioneiro. Tu vê... É um pouco do que eu tinha, mas é um pouco do que eu aprendi. É uma dose muito difícil de acertar. O Dé de Três Coroas que é meu assessor, ele fala uma frase que eu acho que é muito legal: o mestre pioneiro é um passo a frente e um passo atrás. Ao mesmo tempo em que tu não pode te omitir, quando tu vê que aquela poeira baixou, é aí que tu tem que ir lá e dizer: "pô, pessoal vamos fazer alguma coisa!". Que às vezes é mandar um e-mail, às vezes é xingar alguém e dizer: "tá parado isso aí" ou "tá parado aquele teu projeto", "vai tocar, ou não vai?", "vem aqui em casa, vamos trabalhar juntos!", sabe? Ao mesmo tempo em que é isso, às vezes é dizer assim: dou um passo para trás deixo eles quebrar a cabeça um pouco, deixo eles tocar, e mesmo que

⁵⁵ Outro projeto idealizado pela Evelise.

não toquem, às vezes tem que deixar não acontecer, sabe? E dai eu vejo que não é por aí: “óh pessoal vamos por outro caminho, vamos por aqui”; é uma questão de orientação, na verdade. Ao menos é o que está escrito nos livros, é isso que a gente tenta seguir por aí. Mas o que eu observo muito é isso, tu tem que sentir a coisa, tem que ver qual é o papel do pioneiro, ele tem que estar atuando, ele tem que estar trabalhando, tem que estar se mexendo, tem que estar fazendo alguma coisa. Se tu vê que não tá acontecendo, espera um pouco, deixa. Não vai rolar, vai lá: “óh meu, o que vocês vão fazer?; o que é que está acontecendo?; o que vocês estão fazendo?; qual é o projeto?”. “Ah tamo fazendo não sei o que...” Viu que o trabalho iniciou: “Ah mestre tu também podia...” “Não, não, com vocês.” Sai fora, deixa eles trabalhar e com o tempo deles a coisa vai amornando, vai parando e aí tem que ir lá de novo e dar uma quebrada. E depende muito das pessoas, sabe? Às vezes tu tem um pioneiro que tem o perfil pra frente, sem tempo ruim e ele puxa o clã e o clã vai na dele e ele vai. Cara, nestas horas teu trabalho é basicamente, assim, observar se alguém ficou pra trás e tu tem que ir lá e dar um empurrão. “Ah, quer conversar alguma coisa?” Se tu tiver alguém com o perfil pra frente, assim, dificilmente tu precisa estar atuando. Às vezes tu até precisa segurar. Eu brinco com os pioneiros quando eles montam alguma programação: “vão montando, se vocês começarem com estas coisas de tirar a roupa, eu mando parar. Só não pode ficar pelado”. Por quê? Por que... eles podem acampar, eles podem fazer atividade de aventura, eles podem ir para o cinema, eles podem ir visitar outro clã. Eles podem o que eles quiserem, eles que mandam na programação, só não pode fazer os absurdos, não pode programar nada que eu ache que fira o movimento.

Caio: ou seja, a “boa conduta”.

Diogo: eu uso este exemplo com eles: “só não pode ficar pelado, o resto vai tocando”.

Caio: O que é que faz o clã?

Diogo: o que é que faz o clã?

Caio: utilizando a tua própria pergunta...

Diogo: eu acho que é a energia dos pioneiros. Porque tu pode ter o mestre mais pilhado em fazer, mas se tu não tiver a galera que compre a briga, que não tenha vontade, a coisa não acontece, não adianta.

Ainda sobre estas dinâmicas de vivência do ramo pioneiro e a vida em clã, o Áquila oferece outra perspectiva:

Aquila: ...eu e o Gui tínhamos muitas ideias de montar o nome de um clã que fosse... que nos representasse, que a gente gostasse, uma coisa que nos agradasse. Mas ao mesmo tempo fosse aprazível para quem iria vir depois. Cara, por mim a gente bota, clã dos padawans. Tá ligado, era só dois, era eu e o Gui e foda-se. Era Star Wars o que a gente gostava, tá ligado? E nós não, a gente foi lá e pensou em uma coisa que outros iriam gostar também.

Caio: No caso, baseado na cultura gauchesca...

Aquila: que era uma coisa comum para todo mundo. Daí eles vão lá agora e mudam tudo para uma coisa que eles gostam⁵⁶. Essa coisa de Senhor do Anéis.

Caio: e futuros pioneiros não vão gostar?

Aquila: que nada, não se preocuparam com isso! E ao mesmo tempo eu e o Gui nos preocupamos tanto com isso, que a gente acabou fazendo uma coisa que, na verdade, eu e o Gui demos o braço a torcer em vários pontos. Eu queria muito fazer uma coisa Star Wars. Ao mesmo tempo, o Gui, era uma coisa de legionário romano. A gente pensou em colocar pirata, romano, que passou de Viking a Senhor dos Anéis. Eles devem acreditar em tal coisa. Ah, qual seria o cerimonial. O cerimonial, apesar de não ser o principal, ele é muito importante no Movimento Escoteiro. Eles têm cerimônia para tudo. Promessa: cerimônia, entrega de distintivo, tem cerimônia; entrega de medalha, tem cerimônia. Bandeira é cerimonia. Todo o dia tem bandeira⁵⁷. É um Movimento cerimonial, ritualístico. Então, porra, a gente se preocupa com isso.

Não é apenas a cotidianidade do clã que importa, mas também a influência em decisões pessoais. O movimento escoteiro acaba por abarcar outras esferas da vida, até a escolha profissional. E essas relações são construídas em meio a dinâmicas das atividades.

Aquila: a Lu me incentivou às Relações Públicas. A Lu que trabalha na comunicação comigo. O Juliano, foi um RP que trabalhou, quando ainda era aluno, no escritório. O Diogo, enfim...várias pessoas da área. A Maiara que fazia jornal, às vezes a gente conversava sobre

⁵⁶ Aqui, Áquila se refere aos pioneiros que ainda estão em seu antigo clã, após sua saída do ramo pioneiro, mencionando que ele e Guilherme haviam inventado uma mística baseada em gauchismo e que foi substituída por uma inspirada em Star Wars.

⁵⁷ Termo comum para se referir à abertura de qualquer atividade escoteira que conta com uma cerimônia própria de hasteamento da bandeira nacional.

isso.

Caio: O que tu achas deste corte de classe que os escoteiros tem? Tu não conhece quase nenhum que está envolvido nos escoteiros com a idade pioneiro ou pós-pioneiro que não esteja envolvido com alguma faculdade, por exemplo. É muito raro.

Aquila: quem não tá na faculdade, tá trabalhando. É uma questão de saber conciliar, mas é muito difícil. Dos 18 em diante é muito difícil conciliar, até os 18 tu só tem escola, curso técnico, inglês, coisa que tu te vira. É compromisso, mas ao mesmo tempo não é que tu não vai ter plano para aquilo, mas depois dos 18, a galera começa a trabalhar, a faculdade, quartel, e aí acaba. Das principais coisas que eu vejo no ramo pioneiro, as duas principais quebras que eu vejo é essa de responsabilidade e de programa⁵⁸, porque coisas vão transcorrendo no desenvolver do ramo pioneiro, uma coisa mais deliberativa e menos ação.

5.2 Trabalho Voluntário

Quanto a projetos realizados em processo deliberativo por estes clãs pioneiros, seu maior enfoque se dá no que podemos chamar de “projetos sociais”. Como já foi dito anteriormente, o final do processo pedagógico no movimento escoteiro é a base de ações comunitárias do ramo pioneiro. Estas experiências funcionam tanto como uma “dádiva espontânea” dos pioneiros, como um meio de “auto-aperfeiçoamento”: de busca de novas perspectivas de vida através do serviço para com o outro.

Um mutirão regional pioneiro é constituído basicamente do mesmo padrão, uma atividade de sábado e domingo. No sábado, atividade comunitária e festa a noite; no domingo, turismo pela cidade que está sediando o evento. Os pioneiros não realizam atividades comunitárias somente nos dois mutirões regionais que ocorrem a cada ano, mas também prestam serviço em projetos menores ou médios em seus locais de atuação, porém é o tipo de evento que reúne mais escoteiros de diversos lugares para esta prática.

Nos turnos da manhã e da tarde de sábado os participantes do evento são separados em equipes e divididos entre várias bases de atividade comunitária pela cidade do evento. Estas bases possuem dinâmicas diferentes conforme a necessidade. Por vezes consiste em organizar

⁵⁸ Programa pedagógico, no caso.

uma sala que vai abrigar um telecentro comunitário, limpar o pátio (capinar os inços, retirar o lixo, varrer, pintar uma grade) ou organizar atividades recreativas para crianças. É comum haver brincadeiras mesmo entre pessoas que se conheceram no mesmo dia.

Diogo: a gente foi para a Tia Lolô, para uma atividade comunitária lá, a gente se envolveu demais com a comunidade e o mutirão tinha uma sistemática que era muito legal porque eram três dias de atividades comunitárias e os participantes eram divididos em três grupos. Aí, era assim: um grupo ia num dia para uma base, o outro grupo na outra, e outro grupo na outra. No outro dia, invertia, então nos três dias tu participava das três bases nas atividades do mutirão. Só que era muito legal, porque quando a gente chegou lá no primeiro dia, os coordenadores dos projetos apresentaram como estavam os locais que a gente iria visitar nos três dias e o que precisava ser feito. Antes de a gente ir, no primeiro dia. Então, todo mundo saiu sabendo que eu ia para aquele lugar fazer tal coisa, o meu colega que tá indo para outra base tá saindo porque vai fazer tal coisa. E o outro tal, e outro tal. Aí, a gente ia para as bases, trabalhava e voltava. No outro dia de manhã, antes da gente ir para outra base, eles apresentavam de novo.

Caio: como havia ocorrido o trabalho do dia anterior?

Diogo: exatamente. Era assim: “bom pessoal, lembram como é que estava. O pessoal de ontem fez isso, isso e aquilo. Ainda falta isso, isso e aquilo.” E aí, todo mundo sabia o que seus colegas haviam feito no dia anterior e o que teria que ser feito neste dia.

Caio: o que gerava motivação...

Diogo: criava uma dimensão de desafio, sabe? Cara, a gente tem... Até criava umas competições, porque teve uma base que eles tinham moirões e tinham que cercar o local com moirões. E aí, a primeira equipe botou, tipo assim, 12 moirões e daí a segunda equipe foi para lá com o objetivo de, assim: “meu a gente tem que botar mais moirões que 12”. E a outra equipe foi lá e botou 26 moirões. Aí voltaram super felizes, “porra, a gente botou mais moirões, não sei o que...” E aí, quando os caras apresentaram, a primeira equipe botou 12, a segunda 26. Daí a minha equipe foi a última base dos moirões e daí tinha que organizar a biblioteca, e aí a biblioteca já tinha sido organizada. A primeira equipe já tinha tirado os livros de dentro do ônibus, tinha feito prateleira dentro do galpão e o segundo time tinha separado os livros por sessões e a nossa missão era colocar os livros nas estantes separados, criar um sistema de empréstimo e tirar alguns livros que tinham restado na casa da dona do

projeto... Daí foi muito legal quando nossa equipe foi para lá, né? Eu fui trabalhar na biblioteca e no final o nosso grupo botou sozinho 74 moirões. Foi algo impressionante!

Caio: Nota-se a motivação! Dá pra ver nos números ...

Diogo: exatamente! “Ah, tinha mais pessoas?” Não. “Ah, tinha mais ferramenta?” Não! Sangue no olho que a gurizada foi para lá assim oh: “a gente vai ser os caras que superaram eles”. E esta competição era positiva demais, porque era uma competição que surtiu o efeito que o projeto queria, que era botar o máximo de moirões possível. Então só que não era nem competição, mas era uma brincadeira muito legal. Tanto que a gente sabe que a gente voltou no nosso ônibus, a gente voltou da base até o local do acampamento gritando: “uh! é sete e quatro!”.

Caio: Então eram três bases ao todo. Esta que estavas falando dos moirões era na Tia Lolô, e quais eram as outras duas bases?

Diogo: A outra base era na Ilha dos Marinheiros em Porto Alegre, numa escola. A gente ajudou a reformar a escola, arrumou a biblioteca também. E tinha um pessoal que foi no projeto da comunidade que faz pães. E aí o pessoal fez pães a mais naquele dia e distribuiu na comunidades. Eu fiquei na reforma. E o terceiro era na Metz, numa casa com crianças excepcionais. E aí, esse foi bem emocionante. Porque a ideia era fazer jogos escoteiros e brincadeiras com os internos, e a maioria era criança. Aí foi muito bacana porque eles estavam super empolgados com a gente lá e brincavam do que a gente brincava. A criançada estava super feliz que a gente estava lá. E no final desta base, eu lembro que o coordenador se emocionou bastante para falar com a gente. No final, ele disse: “olha, eu queria comentar com vocês que nestes dois dias que vocês estiveram aqui, eu pude diminuir quase pela metade a dosagem dos remédios que eles usam para dormir”.

Caio: sério?

Diogo: acho que eles estavam tão cansados de ter brincado com a gente, mas estavam...

Caio: tranquilos...

Diogo: é, tranquilos...

Diogo: foi uma coisa muito forte, que a gente ficou conversando bastante tempo sobre isso. Tipo, o quanto que isso era, isto que ele tinha dito para nós, sabe? E outra, foi a

primeira vez que eu vi gente do Brasil inteiro, numa atividade escoteira. E gente, nossa, ninguém ficava parado: “vamos jogar bola”, “vamos ensinar uma música aqui”. Isso era bem bacana. Esse lance da amizade. Foi a primeira vez que eu saí de lá conhecendo gente de São Paulo, conhecendo gente de Brasília, do Nordeste. Então esta atividade marcou demais. Foi incrível.

Uma das hipóteses iniciais desta pesquisa era a constituição de alguma espécie de retorno que fosse fruto da ação social dos escoteiros. Em certo sentido, alguma reciprocidade deveria existir para que houvesse estímulo à existência destas práticas. Esta fala de Diogo, exemplifica algo que encontrei algumas vezes nas saídas de campo: os escoteiros executam projetos de auxílio a outras pessoas ou instituições baseados em valores altruístas, segundo seu discurso. Porém, é possível ver algum retorno, a conformação de uma identidade, uma sensação de dever cumprido. Eles se tornam pioneiros “dignos” ao auxiliar outros, em contrapartida referendam seus discursos, *e se sentem bem*. Esta contrapartida não advém de alguma ação dos receptores do auxílio prestado. Mas de uma dimensão simbólica. Neste sentido, os escoteiros doam seu serviço, “sem esperar nada receber”, e acabam recebendo algo em retorno, um contra-dom, simbólico.

Outra questão que chama a atenção é a divisão entre “trabalho e diversão”. O discurso do movimento escoteiro é muito focado no trabalho que é prestado. Mas eu vejo que os pioneiros talvez estejam interessados da mesma forma em servir a si mesmos, na medida em que as demonstrações de afetividades e as sociabilidades entre eles se desenvolvem tão facilmente. Pergunto-me o que realmente é mais importante, a festa ou o servir, a sociabilidade ou o trabalho voluntário.

Distinções entre empreendedorismo social, ação comunitária, projeto social, assistência, ajuda humanitária e outros tipos de auxílio a outrem não são itens de discussão entre estes interlocutores com quem desenvolvi a pesquisa. O espectro do que eles chamam principalmente de “projeto” e “serviço” é variado e diversificado, não possui uma tradução comum a primeira vista.

A partir disto, certas noções se confundem quando se busca sintetizar as experiências vividas por eles, porém esta confusão não é presente em seu pensamento nativo, estas dinâmicas são claras e entram, todas, dentro de uma mesma conceitualização que é a do que “os pioneiros fazem”.

Diogo: E aí a gente propôs, a gente fez o Oasis⁵⁹ que era uma coisa nova também. Foi muito bacana porque eu aprendi também no movimento escoteiro. No Encontro Nacional de Jovens Líderes, a gente foi lá para São Paulo. Foi eu e o Afonso do nosso grupo. E neste evento eu conheci o Edgar de Gouveia Junior que é o cara que criou o Oasis junto com o Instituto Elos. E então a gente definiu em agosto que a gente queria fazer atividade comunitária diferente. E a nossa ideia era que fosse uma coisa mais pessoal, os pioneiros mais em contato com a comunidade. E a ideia que a gente tinha tido naquela época era de fazer uma gincana nas escolas. Então a gente ia divulgar, dividir os pioneiros em 10 grupos, dividir em 10 escolas municipais e naquele dia seria dia letivo, as crianças iam estar estudando, tendo aula. E os pioneiros iriam para as escolas de manhã, ganhariam um programa pré-pronto da atividade, mas poderia modificar com o seu conhecimento, que isso é uma coisa que a gente queria valorizar. “Ah, eu sei um jogo que eu gostaria de aplicar”. Ele poderia colocar lá na gincana, sabe? E, de tarde ele aplicaria este jogo. Mas no meio do caminho a gente conheceu o Elos e a gente ouviu o que era o Oasis da boca do Edgar, que era o criador da metodologia... Isso é o que matou totalmente, sabe? Quando eu e o Afonso voltamos de lá, a gente estava “vomitando arco-íris”. Daí a gente chamou o clã e disse: “para tudo, a gente tem uma coisa bombástica para mostrar para vocês”. Daí a gente pegou os vídeos do Oasis e fez uma apresentação tentando ser tão empolgante quanto o Edgar. E aí, só para tu ter uma ideia, eu e o Afonso tentando ser o Edgar de empolgação, a gente conseguiu fazer todo mundo ficar empolgado no clã. Então todo mundo na hora disse assim, para tudo e a gente vai fazer o Oasis. E aí a gente começou a procurar como é que fazia o Oasis. E a gente encontrou uma menina em Porto Alegre chama Natalia, e recomendaram para nós: - a melhor maneira de fazer um Oasis é conversar com alguém que já fez um. E a gente marcou um dia na Redenção e foi tomar um sorvete com ela e lá ela conversou com a gente e disse que poderia vir para o Caí no mês que a gente fosse fazer e ajudava a fazer.

Caio: Como funciona esta relação do trabalho voluntário com o pioneiro?

Diogo: eu acho que uma coisa chama a outra. Eu acho que o principal é a interação

⁵⁹ Oasis: metodologia “de empreendedorismo social” inventada e gestada pelo Instituto Elos (Santos, SP). Uma espécie de modelo-pronto de como executar ações de impacto em comunidades carentes através de um programa dividido em 7 fases. É vendido como um programa de maior impacto social do que outros modelos existentes por envolver as comunidades e realizar projetos cujo objetivo são postulados por estas. “Oaseiros” voluntários acabaram firmando parcerias com escoteiros para executar esta metodologia em diferentes partes do Brasil, como no exemplo contado por Diogo.

com a comunidade. Acho que essa é a parte mais importante. Só que a melhor forma de te integrar com a comunidade é o trabalho voluntário. É que o trabalho voluntário é coisa que a gente fala pouco no Movimento Escoteiro. Mas na verdade toda a ação que tu organiza para beneficiar alguma coisa é um trabalho voluntário. E a gente acaba que nem vê isso desta forma, né? “Ah, vamos fazer a campanha do alimento aí, arrecadar alimento para uma instituição”. Tá, então a gente tá se dedicando por uma causa que a gente não tá ganhando nada por isso, financeiramente.

Podemos assumir, para retomar uma questão anterior, de que tanto a “festa” quanto o “trabalho” são necessários para as práticas desenvolvidas pelo ramo pioneiro. Os pioneiros que vão a atividades de maior porte buscam conhecer pessoas enquanto “fazem o que os escoteiros fazem”, ou seja, “ajudando ao próximo”.

Através de seu voluntariado, eles se engajam entre si como grupo distinto de outros por um sistema simbólico comum e não buscam necessariamente um engajamento com os locais que recebem a ajuda que oferecem. O contra-dom (Mauss, 1974a) que recebem por seu trabalho não advém dos receptadores desta doação. Por ser uma doação especificamente de si mesmos, seu resultado é a conformação de uma noção de pessoa (Mauss, 1974b). São novas amizades, novas experiências, “boas sensações de dever cumprido”. Nesta medida, posso constatar que esse voluntariado não significa necessariamente um trabalho voluntário, pois escoteiros se voluntariam em outras frentes além do serviço ao próximo idealizado de comunidades carentes.

Eles se voluntariam em seus grupos escoteiros, e esta dádiva de si significa mais uma noção de pertencimento na comunidade escoteira do que um engajamento em ações sociais comunitárias anti-hegemônicas que visam independência de grupos sociais cujas necessidades não são plenamente providas em nosso mercado capitalista, ou seja, as ações que executam não se preocupam com o desenvolvimento de autonomia destes grupos. Já o trabalho voluntário é algo mais específico e não essencial nas atividades destes escoteiros e corrobora na afirmação de sua distinção na sociedade, sendo o movimento escoteiro um lugar de “formação de cidadãos ideais”.

Estes mutirões e projetos aqui descritos nada mais são do que práticas lúdicas um tanto quanto singulares, sendo as relações afetivas que daí surgem tão importantes quanto ver o resultado da execução de projetos.

CAPÍTULO 6

Cosmogonia



























CAPÍTULO 7

O que é a dádiva de si no movimento escoteiro? Ou sobre engajamentos

Vós que entraís no inferno das imagens, perdei toda esperança.

(Paul Virilio)

Início este capítulo trazendo três falas necessárias para iniciar o último movimento desta dissertação. A primeira delas é de Áquila, a segunda é de minha autoria através de um excerto do caderno de campo e a terceira é uma conversa com Rebeca, “Bekah”, interlocutora ainda não apresentada até agora neste texto.

Em uma entrevista realizada com o Áquila em janeiro de 2013, me deparo com o seguinte diálogo:

Caio: se tu tivesses entrado no movimento escoteiro, qual teria sido teu percurso de vida?

Aquila: não tenho a menor idéia, porque eu entrei com 8 anos.

Caio: e consegues imaginar tua vida, sem os escoteiros?

Aquila: não.

Não, não é possível imaginar a vida dele sem o movimento escoteiro. Especialmente pelo fato de ter começado a participar com uma idade muito tenra, Áquila não consegue imaginar sua vida sem estar presente em seu cotidiano questões relacionadas ao escotismo. Mas, que tipo de engajamento é este para receber uma negativa tão enfática quando questionada a possibilidade de não haver mais envolvimentos cotidianos dele com este movimento? Por que ele não consegue conceber sua vida sem a prática do escotismo?

**Excerto do Caderno de Campo,
08 de julho de 2012, domingo, 11h.
Apartamento na Rua Riachuelo, Porto Alegre.**

“O que define o começo e o final do campo no âmbito desta pesquisa? Sou, sempre fui e sempre serei um escoteiro. Este pequeno relato fala justamente sobre o ponto em que o campo invade o ambiente privado de minha vida sem pedir licença. Estava recebendo em minha casa o Áquila e um adulto escoteiro da Colombia que ele conheceu através do Santi de Cordoba. John (é esse seu nome) está executando um projeto de viagem, iniciado em novembro de 2011, pela América do Sul. Até chegar a

Porto Alegre, ele já havia passado por Equador, Venezuela, Peru, Chile, Argentina e Uruguai. Toda a viagem, em seus vários quilômetros, foi percorrida sobre uma vespa de 1989, com placa de Equador, ‘chamada Matilda’. Estávamos conversando em meu apartamento sobre sua viagem e sobre várias fotos que ele tirou, quando me lembro das pedrinhas que trouxe da ilha de Brownsea. Na mesma hora, pensei que seria um bom presente para ele. Fui até meu quarto, peguei uma das pedras do pequeno baú onde está a coleção e voltei a sala, quando lhe disse: ‘John, conhece aquele ditado de que todas as estradas levam à Roma?’ Ele ficou um pouco confuso e respondeu que sim. Ao que continuo: ‘Bom, do mesmo jeito, todos os caminhos levam a Brownsea.’ Ele pegou a pedra (ainda confuso), quando comecei a explicar de onde peguei a pedra. Ele me falou: ‘Isso é um bom regalo’ e foi em direção à mochila para guardar a pedra. Na volta, trouxe junto de si uma fita de pulso oficial da viagem.

Nesse ponto, eu estava na cozinha passando um café preto, ele entrou na cozinha, enquanto eu demonstrava (ou imagino que demonstrava) um ar atarantado. De um jeito um pouco ‘despacito’, ele pegou minha mão e falou de uma forma solene: ‘Caio, esta é a fita oficial da Foto-Travesia Scout por America’ (nome do projeto da viagem que ele estava desenvolvendo). Por que estou relatando isto aqui? Bom, primeiro, é mais uma das tantas experiências com escoteiros de outros países que tive nesses dois anos ; segundo motivo, pelo jeito que ele falou e pelo gesto que ele fez. Aqui estava eu, em minha casa, e um escoteiro utiliza os mesmos artifícios que eu e outros escoteiros brasileiros utilizamos em ocasiões solenes. Este hábito da troca de presentes é algo comum e já observei/participei várias vezes desta prática, mas não é a natureza do presente em si que importa e sim o reconhecimento mútuo de irmandade ou de fraternidade entre iguais que está implícito ao gesto. Ou seja, além de escoteiros usarem lenços triangulares em torno do pescoço, eles também trocam presentes, suvenires e lembranças um monte de ‘caquêdo’, cuja importância é mais simbólica do que mercadológica.”

Busco desvelar a partir destes dois primeiros pontos a possibilidade de afirmar que existe um reconhecimento e um engajamento “vivencial” a partir do movimento escoteiro para seus membros. Estes engajamentos (Ramos, 2007. Hobsbawm, 2010) se dão de formas diversas, em vias institucionais, em vias de “filosofia de vida” e outros tipos de dispositivos.

Hobsbawm (2008:138) afirma que “‘engajamento’ é uma dessas palavras como ‘violência’ e ‘nação’, que escondem uma variedade de significados sob uma superfície simples e homogênea”. De forma alguma pretendo aqui estabelecer padrões conceituais específicos sobre engajamento enquanto um conceito fechado e único. Espero, apenas, atingir o que significa o engajamento segundo a visão de meus interlocutores face ao movimento escoteiro, pois este faz parte da constituição de um *noção de pessoa* específica, construída no movimento escoteiro através da doação de si mesmo.

Caio: Nunca saíste do movimento?

Bekah: nunca!

Caio: Nunca? Mas já chegaste a enjoar, deu vontade de sair?

Bekah: Sim!

Caio: E porque é que não saíste?

Bekah: (...) Não sei... A vontade que eu tenho de ter tempo livre é agora. Só que agora eu não posso mais.

Bekah acredita não ser mais possível se afastar do escotismo, ao menos no ano de 2013, por ter assumido certas responsabilidades institucionais. No início do ano, ela se tornou vice-presidente da região escoteira do Rio Grande do Sul, além de já coordenar a Rede de Jovens. Por ter assumido estes compromissos, se vê atrelada ao movimento escoteiro de uma forma que ultrapassa seus desejos. Passou, ao assumir estes cargos, a se considerar responsável, ao representar algo além dela mesma.

Este tipo de responsabilidade demonstra ser reflexo de sua formação no ramo pioneiro, como vemos a seguir.

Caio: Foste então, pioneira por três anos, e nesse período teve...

Bekah: um ano morto.

Caio: teve um ano que foi só para a ERP⁶⁰ também...

Bekah: não sei, eu tive um ano morto dentro do meu clã. Que eles não faziam nada e eu não fazia nada. Daí eu não conhecia o que rolava no ramo, daí não tinha ninguém para me apresentar. No meu primeiro ano de pioneira. Daí, no segundo, foi quando eu conheci os guris da ERP. Daí no mutirão de Farroupilha⁶¹, eu falei: "você não vão fazer nada?" Sei lá, muito fechado! Daí, eu fui conhecer gente. Peguei meu lenço e fui atrás de pessoas para trocar lenço e conheci os guris e participei de uma reunião onde falaram que ia cair a forquilha do ramo pioneiro... ia cair a ERP, ia cair tudo." Como assim?" E eu sempre fui questionadora, neste sentido. Daí eu fui conhecendo, conhecendo, quando eu vi, eu estava na ERP.

⁶⁰ ERP, Equipe Regional Pioneira, conforme explicado no primeiro capítulo.

⁶¹ Mutirão Regional Pioneiro que ocorreu em Farroupilha no ano de 2010.

Caio: então, no segundo ano, começaste a te envolver mais... com outras pessoas, de outros grupos e no terceiro foste representante da ERP. Tu era vice-presidente da ERP?

Bekah: é, eu era vice.

Caio: mas vocês tinham um sistema de que todo mundo fazia tudo...

Bekah: só tinha que ir no papel porque precisava. Porque eu, o Pavim, o Cássio, o Léo, a gente fez o trabalho, no mesmo nível. Todo o mundo trabalhava igual. Cada um tinha uma facilidade num quesito e a gente se completava, né?

Caio: O que levas desta experiência da ERP em nível organização do movimento?

Bekah: eu conheci uma coisa que meu grupo nunca me mostrou.

Caio: o quê?

Bekah: a parte institucional.

Caio: achas que esta é a parte mais importante?

Bekah: não, eu acho que é um complemento. Um depende do outro. A base local funciona muito bem, mas ela precisa da base institucional para deixar no caminho correto. Eu acho que um trabalho complementa outro.

Caio: E o que seria o caminho correto?

Bekah: não, não é o caminho correto, mas é uma comunicação de todos os caminhos, de todas as bases locais, sabe? É como se juntasse todas as bases, e deixasse elas na mesma rota.

Caio: Tu está querendo dizer que a integração/relação de diversos locais, pelo menos a nível nacional, só funciona se tiver esta instituição...

Bekah: não, é que um depende do outro, eu acho. Porque se deixar cada base local trabalhar por si, eu acho que a coisa ia se perder, ia se desorganizar. Eu acho que o institucional é necessário para deixar a coisa organizada.

Caio: Organizada em que sentido?

Bekah: de programa, de método educativo, de... Até de conhecimento de outras bases locais, sabe? É como fosse... interligado.

Caio: a instituição como espaço de troca?

Bekah: eu acho que é importante a parte institucional para o local, mas não é a mais importante. Quanto mais eu tô subindo, mais eu tô vendo que a parte institucional podia ser mais importante, mas não é.

Caio: Ocupando um cargo na diretoria regional, como vês este processo?

Bekah: eu acho que é uma puta conquista de espaço. Eu tô vendo que enquanto representante jovem, é uma puta conquista, mas eu tô vendo que as coisas não funcionam melhor porque as pessoas são idiotas. Se as pessoas tivessem mais boa vontade para o movimento e menos para si, iria funcionar muito melhor. É a mesma coisa que eu vejo com a política, eu acho ela extremamente bonita. Eu acho que o anarquismo ia funcionar, por exemplo. Mas ela não funciona por causa das pessoas. E o movimento escoteiro podia ser muito melhor, mas não funciona por causa das pessoas.

A partir disso, podemos ver algumas questões que aqui são suscitadas. Bekah acredita em um papel ativo de adultos voluntários jovens dentro do movimento escoteiro. E alerta sobre os usos que podem ser feitos do movimento escoteiro. Sobre o papel ativo de desempenho de funções que visam um “bem geral”. Assim como sobre posturas que usem o escotismo para promoção pessoal. Ela postula esta fala tanto da perspectiva de cargos institucionais que ocupa, quanto a partir de seu papel na formação de jovens na “base local”, como ela mesmo refere, já que também atua como escotista em um grupo na cidade de Canoas, além dos cargos regionais.

Caio: Naquela questão do “serviço ao próximo”, que é basicamente o cerne do ramo pioneiro, e é o cerne do movimento escoteiro de uma maneira de um pouco mais geral, está o altruísmo?

Bekah: aí é que tá, às vezes eu me monitoro muito nisso, para não usar o Movimento Escoteiro como impulsionador de alguma coisa. Eu me controlo, porque às vezes tu não nota e quando vê tu aproveitou o Movimento Escoteiro, sabe? E não contribuiu, só aproveitou. Claro, de fato, tu aproveita, mas tu tem que contribuir para o Movimento Escoteiro, mais do que aproveitar. Essa é, mais ou menos, a visão que eu tenho como chefe. Eu aprendi muita coisa, me passou muita coisa, agora tá na hora de devolver.

Caio: eu entendi. Tu acha que o Movimento não é voltado para ti.

Bekah: não, eu cuido para não me aproveitar do Movimento Escoteiro, porque sendo da diretoria, sendo já um líder, sendo conhecida institucionalmente em viagens, em

atividades, em coisas. E deixar, às vezes, o local para trás. E deixar o importante que é o jovem no Movimento Escoteiro para trás. Porque eu vejo como o Áquila faz, por exemplo. Eu acho que o Áquila aproveita o Movimento Escoteiro para ele e não contribui.

Caio: porque dar mais importância para a base local?

Bekah: porque é de onde sai o jovem. A gente faz a base local. O jovem, que é o principal do Movimento Escoteiro, está localizado na base local. E o Movimento Escoteiro tem de ser aproveitado por ele, logo tem que ser feito para ele. E se num momento que eu fico pensando num Movimento Escoteiro só para mim, e não penso nisso, eu deixo para trás ele. Daí eu me monitoro para não fazer um aproveitamento errado do Movimento Escoteiro.

Categorias sobre qual o envolvimento “válido” dentro do escotismo mudam de forma conforme o enunciador. Áquila, por exemplo, tem noção das críticas que sofre, como temos aqui o exemplo enunciado por Bekah. Os engajamentos (Ramos, 2007. Hobsbawm, 2010. Silva, 2012) aqui discutidos se dão mais no nível institucional do que em outros, porém isto é reflexo dos interlocutores com quem tive estas conversas. Estas noções entre a base local e a dimensão institucional atravessaram em vários momentos as falas deles. Parte disso uma preocupação de entender o escotismo enquanto um movimento que busca uma certa “homogeneidade” em sua “heterogeneidade”, como ainda foi colocado pela Bekah, sendo a base local o lugar de aprendizados e práticas e a instituição o lugar da reflexão sobre os métodos utilizados e o lugar de desenvolvimento de novas práticas políticas. Já, neste quesito, papéis mais individualistas são por vezes rechaçados em contraponto à idéia de *vida em equipe*, como mencionado no capítulo 3.

Caio: te consideras um líder?

Aquila: eu não vou dizer isso.

Caio: por quê?

Aquila: não vou! Acho que é “se achar”. Acho que dizer “sou um líder” é... grrr!⁶²

Caio: não gostas de dizer “sou um líder”?

Aquila: não gosto de dizer “sou”.

⁶² Aquila, por vezes, utiliza este som para expressar descontentamento, enquanto contrai os ombros. É mais usual quando considera alguma discussão tensionada demais ou sobre assuntos delicados.

Caio: ou “estou” um líder, então.

Aquila: não, de escrever no currículo “eu, sei lá, tenho facilidade com liderança de equipe”... Eu me sinto mal de escrever isso. Mas, sim, é verdade. Mas eu me sinto mal.

Caio: porque tu acha...

Aquila: que é se achar? É tipo uma coisa que não parece que tu tá sendo humilde. Porque parece que o líder é o mais importante. E não é, a gente aprende isso nos escoteiros. O líder não é o mais importante. Mas a liderança é estimulada porque sabe-se que a liderança é importante na sociedade. A gente diz de forma livre isso, a gente enche a boca para dizer isso.

Caio: mas então qual a questão que aqui entra? Qual achas que é o “diferencial” do movimento escoteiro?

Aquila: é a vivencia que eu tive desde os 11 anos. Desde os 7, dependendo o caso. E lidar com equipe, sempre tem gente diferente, sempre tem gestão de conflitos, uma caralhada de coisa que tem universitário que não sabe.

Caio: e qual é o teu perfil de envolvimento hoje? Eu sei que tu não...várias pessoas dizem que... na tua frente inclusive. Às vezes o pessoal diz que não terias exatamente um perfil para trabalhar com jovens. Para ser um chefe, um escotista. Como é que entendes teu envolvimento com os escoteiro hoje? Como esse envolvimento vai se dar a partir de agora, daqui para frente?

Aquila: desde que eu era pioneiro, eu sempre pensei assim: o movimento escoteiro tem 100 anos e vendo também o que é, ele é um movimento amplo e cabe todo mundo, seja quem for, seja o que ele quiser fazer. Como movimento educacional ele precisa de recepcionista, educadores. Mas como organização ele precisa de administradores, de contábeis, ele precisa de comunicadores, ele precisa de políticos, ele precisa de outras coisas como organização. Como uma empresa precisa de vendedores, precisa de gerentes, precisa de... E tem distintas facetas, ele é organização e movimento. Esta dissociação eu também tenho bem em mente, tá ligado? Eu hoje não trabalharia para o movimento. Trabalho para a organização do movimento. Para a estrutura político-burocrática e não para o movimento. Mas eu não consigo desvalidar esta... invalidar esta minha... meu envolvimento. Então eles dizem que eu não consigo trabalhar com jovem por eu não ter perfil, não ter saco, enfim... Mas me interessei mais pelo trabalho político-burocrático do que estar longe do jovem, porém visando

ele no final do processo! Não que eu não seja útil ao grupo escoteiro. Mas eu sou útil ao jovem indiretamente. Eu acredito que isso tem fim indireto ao jovem associado. Por exemplo, imagina que lá no CONJUVE⁶³ eu consigo uma verba para o Grupo Escoteiro. Essa verba acaba por trazer mais jovens carentes. Vai que uma entidade carente na Paraíba que vai tentar ter verba do governo federal, que fui eu que impliquei. Para mim...

Caio: Isso é uma hipótese, mas tem um caso parecido que é o caso do escotismo nas escolas do Rio Grande do Norte.

Aquila: é, alguém fez um lobby com o governador e com a secretária de educação e hoje tem um monte de gente que é beneficiado com isso, quase 8 mil jovens dentro do Estado do Rio Grande do Norte. Alguém não estava com o jovem no sábado à tarde, mas estava com o governador. Eu não tô com jovens todo sábado, mas eu tô numa reunião a cada dois meses em Brasília, ou eu estou com o Ministro, ou Deputado... O Pacto Escoteiro mostra bem isso. Saiu do Governo Federal o Pacto da Juventude pelo CONJUVE. Eu peguei, me apropriei dele, li e passei para Cris. A Cris digeriu, o Diogo “Opa, vamos fazer o Pacto Escoteiro!”. A gente fez. A gente fez a parte de planejamento dele, a gente fez a execução, porque, por exemplo, em São Paulo eu participei da assinatura de um cara. A gente fez o relatório agora e, por exemplo, no Ceará tem um Grupo Escoteiro que conseguiu 20 assinaturas. 15 vereadores e 5 com a do prefeito. O prefeito eleito assinou. E 12 vereadores dos 15 foram eleitos. Eles tem todo o legislativo e todo o executivo na mão; eles precisam de uma sede. Ou seja, ele estão conseguindo a sede.

Caio: a partir do pacto escoteiro.

Aquila: sim. E o cara é meu brother. Eu falei com ele lá no encontrão em Natal e falei: “tu viu que afudê, o teu grupo escoteiro foi citado como exemplo nacional...” Então tinha um Grupo no interior do Ceara que vai ser beneficiado com uma coisa que eu ajudei a fazer. Eu, o Diogo, a Carla... Eu queria muito que meu serviço indireto fosse mais próximo, que meu grupo conseguisse ver, que o Estado conseguisse ver. Hoje não consegue. Ok, beleza, mas eu acredito que um dia vai dar certo. Um dia eu posso dizer, “ah que legal o cara tá fazendo isso”. Porque não rola um reconhecimento. Porque eu tô longe dos jovens. Eu tento me aproximar do jovem, enfim, porque tenho muitos amigos que trabalham com jovens. Daí eu

⁶³ Conselho Nacional de Juventude.

acabo tendo que me aproximar sem ter um comprometimento, e daí a galera diz: “tu não quer nada com nada. Sai fora daqui”. Ou: “ é muito fácil ficar pulando de atividade em atividade e só ir às coisas boas” e não pegar...e nunca pegar o pega-prá-capar da sessão todo o sábado. É verdade, mas ao mesmo tempo, o tipo de compromisso que eu assumo de uma quarta-feira de tarde, estar em Brasília, o cara não assume. Mas eu não julgo ele por isso. Estranho, né?

Caio: Parece que a tua relação não é inversamente igual, digamos assim.

Áquila: não, porque o movimento escoteiro permite isso. Porque se o movimento escoteiro fosse que nem uma escola, uma escola certinha, não ia precisar de gente com trato político. É uma escola, tem educadores, alunos e um corpo diretivo. Mas não, o Movimento Escoteiro é amplo.

Áquila: sim, é uma ONG. Ele tem que captar recurso. Tem que gerir recurso, ela tem que distribuir recurso, ela tem que captar jovens, ela tem que gerir jovens, ela tem que captar a mídia, ela tem que gerir a mídia. É muito coisa.

Caio: E achas que este trabalho somente é feito com um objetivo completamente altruísta, ou achas que tem alguém se promovendo com isso?

Aquila: ah, tu sabe como é! A gente sabe que tem muita gente que se promove à custa do movimento escoteiro. Mas ao mesmo tempo são casos isolados.

Caio: casos isolados, mas existem.

Áquila: sim existem. Mas ao menos o movimento escoteiro... O movimento escoteiro dá uma visibilidade para a sociedade, mas não é o melhor lugar para isso. O Salamuni foi presidente da UEB duas vezes já. Ele se elegeu como vereador mais votado de Curitiba. Muito por ele ser polêmico e ir atrás de causas e acreditar em causas. Mas também por ser escoteiro, levou vários votos dos escoteiros de Curitiba. Ok... acabam votando nele por ser escoteiro. Ele se promove. Mas aí que é engraçado...ah, o cara é presidente da União dos Escoteiros do Brasil, grandes merda! Fora do Movimento Escoteiro que diferença isso faz? Que adianta ser considerado para 70 mil pessoas como presidente?

Caio: mas espalhados pelo Brasil inteiro que não podem votar nele, porque está fora de jurisdição.

Aquila: ter fama...o cara é conhecido dentro dos escoteiro. Qual é a fama que isso me

dá? Qual é o bem que isto me faz? Eu como escoteiro... As pessoas de fora pensam “o cara é honrado, o cara é reto, o cara é gente boa”. A gente tem uma fama, a gente tem uma bagagem de... uma acumulação de bom caráter. Isso para fora é bom. Talvez isto... Mas isso é indireto. Eu não vejo o cara se promover como "escoteiro".

Deste ponto, é possível ver a forte influência do princípio de “exemplo”, tão comum entre os escoteiros. Eles se vêem e são vistos como bom exemplo. E existe uma real preocupação sobre isso entre eles.

Caio: Acreditas que teu trabalho na diretoria do escotismo gaúcho vai influir na vida dos jovens?

Bekah: eu acho que vai dar coragem para o pessoal mais novo. De achar que pode ser escutado, ser menos preconceituoso com a região institucional. Mas também mostrar para a galera, mais nova, assim, do meu grupo, porque eles não têm a noção do que é a diretoria. Lá no meu grupo eles não têm noção disso. Mas eles sabem que é algo importante, e é como se fosse algo em longo prazo. Quando for a vez deles de serem, de começarem a contribuir e eles verem que eles têm espaço dentro do institucional. Que eu acho que a gente começa a ter esta consciência do institucional quando a gente vai para o ramo pioneiro. Porque a gente já tá mais amadurecido, o programa para de ser feito para nós, a gente começa a ver os problemas que vem da parte institucional. Daí começa a questionar. Porque o ramo escoteiro não vê isso, e o sênior também não vê.

Caio: Este papel do questionamento é muito importante. Justamente porque se trabalha em equipes, o tempo inteiro no Movimento.

Bekah: é, e daí eu acho que o pessoal vê que tem alguém na diretoria, ou que tem engajamento da Rede Jovem, ou participação em âmbito institucional, é para eles perceberem que eles podem, que eles são ouvidos! Porque no momento que tu perde este link com a regional, e a região não procura também (o que acontece em muitas regiões), o pessoal fica cético e começa a largar o movimento ou acha que não tem futuro, ou acha que não vale a pena. Que, apesar de estar começando a achar que... ah... Cada vez que eu assumo mais, eu tô me decepcionando mais com o Movimento Escoteiro em âmbito institucional. Mas eu acho

*que é importante o pessoal ver que tem como questionar direto no programa*⁶⁴.

O movimento escoteiro é “vendido” para pais e responsáveis de seus novos integrantes juvenis como uma atividade de lazer e um método educacional extra-curricular. Acredito já ter demonstrado até aqui que não é este o modo como estes três interlocutores encaram o escotismo. Ele acaba por “atrapalhar” outras esferas da cotidianidade destes jovens adultos envolvidos. O começo deste processo, acredito, é o que Bekah referencia como essa vontade questionadora que se inicia ou é estimulada no ramo pioneiro.

Acaba por conformar uma dádiva de si, na medida em que estas pessoas possuem grande envolvimento com práticas, dinâmicas, dispositivos e discursos deste movimento, pensam ser impossível imaginar sua vida longe dele e negociam outros aspectos de sua vida com a opção pela prática do escotismo ou a sua não-prática.

Diogo: meu último ano de pioneiro foi bem complicado porque eu estava dividindo o teatro com o escotismo e o escotismo ganhava sempre na balança, todas às vezes. Aí isso, às vezes, me deixava chateado, porque daí tinha uma peça que eu não ia participar porque eu sabia que não ia poder ir aos ensaios, então eu não participava. Então isso me criava uma coisa assim: “pô, será que eu tô fazendo uma escolha certa pelo escotismo”, sabe? Mas ao mesmo tempo era claro que eu tinha que escolher o escotismo, sabe? Quando eu fiz 21, eu pensei assim: “cara, agora, de repente é um ano para eu dar uma chance para o teatro, para ver se é isso mesmo que eu quero”, sabe? É por isso que eu saí. Então, eu fiquei de fora, larguei tudo e disse assim: “agora eu vou fazer teatro”, sabe? Aquele ano eu fui para o grupo de teatro, a gente ensaiou peças, apresentei, e no final do ano eu vi que não, não era teatro que eu queria fazer. E aí, em 2009, quando eu voltei, eu ainda estava trabalhando no projeto de teatro, então eu ainda tinha um vínculo forte com lá e estava naquela de sai, não sai, sai! Então eu voltei a participar de novo em setembro quando eu fui me aproximando do grupo de novo, sabe? E aí, foi bem um ano antes dos 50 anos do grupo (em 2010) e aí, na verdade, eu estava voltando, porque eu já estava pensando... não sei se eu já tinha entrado na faculdade, acho que não. Mas eu estava pensando nesta questão de eventos e já estava trabalhando nisso também. Então eu pensei: “posso dar uma mão para o grupo ajudando a organizar esses eventos dos 50 anos”, daí eu voltei por causa disso, só que aí quando eu voltei já deu

⁶⁴ Como comumente é referido o “programa de jovens”, ou seja, o projeto pedagógico de formação do movimento escoteiro.

mudanças lá no grupo e aí sobrou uma vaga de mestre pioneiro. Então eu disse: “dá aqui para mim!” Daí eu peguei e voltei para o clã e tô até hoje como mestre pioneiro. Até hoje.

Caio: sim, mas a questão, a incógnita é o que a gente ganha com isso de se envolver com o movimento escoteiro, porque a gente ganha alguma coisa...

Diogo: cara, eu vejo milhões de pagamentos por isso. Para mim, eu sempre briguei com isso, às vezes tem um pioneiro que diz: “ah, eu não vou investir nesta atividade porque eu não tenho dinheiro, vou perder dinheiro nesta atividade. Tô indo lá para trabalhar de graça”. Já ouvi isso várias vezes. E cara, tem muita coisa que eu aprendi aqui, nesta mesa aqui (ele aponta para os distintivos de atividades que estava me mostrando e que se encontram sobre a mesa em que estávamos sentados⁶⁵). Cara, muita mesmo, muita mesmo. Hoje, por exemplo, eu posso sentar no computador, no Corel Draw, no programinha de desenho e fazer estampa de camiseta. E eu faço umas estampas que eu acho bem bonitas no final das contas. E tem muita gente que diz que as estampas são bonitas. Nunca eu imaginava que eu faria criação de alguma coisa antes disso aqui, entendeu? Todas as referências aqui me serviram para criar coisas. A própria coisa da edição de vídeo. Eu não sabia editar vídeo no início e teve alguma destas atividades que eu precisei editar vídeo e comecei a aprender e fui, fui, fui e comecei a aprender e comecei a fazer. Mas aprendi por causa das atividades. Sem dúvidas nenhuma, isso aqui foi um motor para eu pesquisar como se faz um projeto, para eu pesquisar.. Agora, recentemente, o grupo foi o motor para eu saber como é que se faz o cadastro na Nota Fiscal Gaúcha, como é que se faz o cadastro no Conselho Municipal dos Direitos da Criança do Cai. Na verdade, o que é que eu estou ganhando com isso? Qual é o dinheiro que eu estou ganhando por isso? Não, mas agora eu sei cadastrar no sistema, eu conheço o programa. Tem umas pessoas que eu conheço, assim, que são amigos meus, que eu considero, eu gosto muito de conversar, que são aquelas pessoas que viajaram bastante, aquela pessoas que já leram bastante, aquela pessoa vivida, aquela pessoa culta... Não culta no sentido de estudada, ela é culta, tu pode sentar com ela e ela vai ter, todos os assuntos ela vai poder conversar, sabe? E isso, no final das contas, é um objetivo meu, de poder ser uma pessoa que alguém vai dizer assim: “bah, como eu gosto de ir lá e conversar com o Diogo, porque ele já viajou bastante, conhece bastante coisa, se eu falo sobre um assunto ele consegue opinar, consegue conversar sobre”. Eu acho que isso é uma coisa que internamente

⁶⁵ Ver fotos do capítulo 2.

me move.

Caio: é uma realização que tu teve na vivência do escotismo, esse que é o ponto.

Diogo: isso. E é isso, hoje, que me ajuda em um monte de coisas, é isso que eu tento explicar para as pessoas. Eu aprendi a organizar eventos e isso aqui (aponta novamente para os distintivos). Hoje eu organizei um, por exemplo, na minha empresa e eu não ganho nada a mais na minha empresa por isso, mas meu patrão gosta porque sei organizar evento lá para ele. E eu acredito que isso me deu algumas vantagens por eu ter uma aproximação. Hoje, por exemplo, na nossa empresa, eu que faço a apresentação, a fala na festa de final de ano, fazem três anos já que eu sou o orador lá da festa. E fora isso, ainda as atividades mesmo, ou estas coisas, assim, de tu saber se virar, sabe? Assim, como quando tu diz: “aconteceu um imprevisto”, e aí, “meu Deus, que é que nós vamos fazer agora?” “Não, péra aí, pessoal, vamos dar um jeito.” “Ah como é que tu sabe isso aí?” “Escoteiro tem que saber servir para alguma coisa”... Às vezes tu dá umas ganhadas nas pessoas com isso.

Caio: uma vez eu ouvi esta mesma frase. Da Evelise. Exatamente a mesma coisa, esse certo dom que não é tão comum, de “saber se virar”. Isso é interessante. Consegues te imaginar daqui a dez anos fora do movimento Escoteiro?

Diogo: não. A menos tenha que ir viajar ou... A única coisa que eu coloco acima do movimento escoteiro é o estudo. Bah, eu tenho que estudar, eu tenho que continuar, eu tenho que continuar evoluindo na questão do estudo, porque isso sim vai me dar ferramentas para trabalhar melhor e para ser uma pessoa melhor. Mas eu acho que depois vem o escotismo, sem dúvidas.

Estes engajamentos no movimento possuem uma contrapartida, um *contra-dom*, o escoteiro se engaja, faz atividades, vive diferentes experiências. E ganha, em retorno, confiança em si mesmo, exhibe com orgulho uma certa autossuficiência, qualidade necessária para ser um “bom escoteiro”, desenvolve *skills* (Ingold, 2000) advindas de diferentes contextos aos quais ele se expõe, em um processo parecido ao descrito no capítulo 3 na experiência do acampamento, porém em outros locais, em outras idades.

Ao completar 18 anos e se tornar integrante do ramo pioneiro, o escoteiro começa a sofrer interpelações a partir de atores do movimento escoteiro. É estimulado a agenciar projetos sociais, projetos em prol da instituição em diferentes níveis e a “desenvolver desenvoltura”. Este processo se torna ao mesmo tempo um compromisso (“eu tinha que

escolher o escotismo, sabe?” como disse Diogo) e uma busca (“eu sempre fui questionadora(...). Daí fui conhecendo, conhecendo, quando eu vi, eu estava na ERP” como disse Bekah), cujo objetivo é o desenvolvimento da individualidade em conjunto com a facilidade de trabalho em equipe (“(...) de escrever no currículo ‘(...)tenho facilidade com liderança de equipe’... Eu me sinto mal de escrever isso. Mas, sim, é verdade. Mas eu me sinto mal.” como afirmou Aquila). Este trabalho se resume em diversificar o léxico de conhecimentos práticos destes escoteiros, enquanto um projeto para tornar-se “alguém melhor”, como afirmou Diogo. Os diversos distintivos que me foram mostrados por Diogo e por Aquila (que se no segundo capítulo) são representações físicas de marcas simbólicas do percurso, da *passagem*, destes escoteiros pelo processo que culminou em seus “eus” atuais. Eles adquiriram estes conhecimentos, estas qualidades, estes *skills*, através de uma doação de si mesmos e de um engajamento com os valores defendidos pelo movimento escoteiro, de se estar preparado para poder auxiliar a outros (e a si mesmos).

A preparação para o mundo adulto no movimento escoteiro se dá através deste processo de, através de trabalho em equipes (seja trabalho voluntário, seja apenas a voluntarização de si), se confrontar com adversidades e aprender na prática *skills* necessárias para *sobreviver*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conversa de Fogo de Conselho n°. 29

De fato, cada resposta implica fechamento, fim de estrada, fim de conversa. Também sugere nitidez, harmonia, elegância; enfim, qualidades que o mundo narrado não possui. Tenta forçar o mundo numa camisa-de-força na qual ele definitivamente não cabe. Corta as opções, a multidão de sentidos e possibilidades que toda condição humana implica a cada momento. Promete falsamente uma solução simples para uma busca provocada e impelida pela complexidade. Também remete, pois declara que as contradições e incompatibilidades que provocam as questões são fantasmas – efeitos de erros lingüísticos ou lógicos, em vez de qualidades acadêmicas endêmicas e irremovíveis da condição humana. (Zygmunt Bauman, em entrevista à Folha de São Paulo, 19/10/11)

Através da vivência da pesquisa de campo, constantemente deparei-me com o discurso de “serviço ao próximo” e o debate sobre a “formação de melhores cidadãos” no movimento escoteiro. Minha proposta neste estudo foi etnografar como o movimento escoteiro, em suas práticas e discursos, relacionava as categorias de “juventude” e “trabalho voluntário” em seu programa pedagógico, e como este buscava gerar engajamentos específicos.

Penso ser possível afirmar um modo de agir e pensar construído através do pertencimento e da frequência semanal ou quinzenal de uma pessoa no movimento escoteiro. Isto não se refere somente aos símbolos distintivos que escoteiros reconhecem entre si, mas também se refere a uma busca de desenvolvimento de qualidades que podem ser resumidas em “saber se virar”. E para saber se virar é requisitado que este escoteiro se engaje em um processo de aprendizagem e em uma defesa de valores baseados na promessa e lei escoteiras.

Esta qualidades são o resultado de um processo de vivência e aprendizado que sinaliza a oposição ao *pata-tenra*, alterego deste escoteiro ideal. Sinaliza que aquele que um dia foi *pata-tenra* tornou-se, formou-se, conformou-se através de um processo de passagem marcado por rituais e por marcos pedagógicos para desenvolver habilidades específicas requeridas para ser reconhecido em uma comunidade de pertença imaginária.

Observei o ramo pioneiro neste sentido, como um momento de passagem da

juventude para maioria, através do programa pedagógico proposto pelo movimento escoteiro. E como característica essencial para reconhecer esta entrada no mundo adulto, é valorizado o “servir” a uma entidade comunal acima de qualquer outro sentido.

Ou seja, para desenvolver as qualidades necessárias, o escoteiro deve realizar uma doação de si próprio e engajar-se nos processos e valores defendidos por este movimento e “ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião”. Desta forma é constituído um discurso comum e uma identidade comum aos escoteiros, enquanto pessoas que “fazem o bem” ou que “buscam criar um mundo melhor”.

Esta dissertação foi dividida em quatro capítulos escritos e três capítulos fotoetnográficos. Em cada um dos quatro capítulos escritos busquei exprimir uma faceta específica de abordagem da problemática desta pesquisa, compondo juntamente aos capítulos fotoetnográficos um mosaico proposto para formar uma narrativa através de diferentes falas e perspectivas.

O primeiro capítulo disserta sobre “raízes históricas” do movimento escoteiro e sobre o “cerne” do tema desta dissertação através da análise do significado da cerimônia de promessa escoteira, do livro *Escotismo para Rapazes* de Baden-Powell e do acampamento experimental na Ilha de Brownsea de 1907, além de uma discussão sobre episódios históricos descritos por Baden-Powell que compõem um resumo da noção de “serviço ao próximo” esperado dos escoteiros. Em seu terceiro movimento, explico resumidamente as definições institucionais e dinâmicas necessárias para o entendimento do universo desta pesquisa. Através da história, construída no processo histórico, mas a partir de um viés nativo (por isso o uso do termo etnohistória), busquei conjugar o que seria a noção de doação de si mesmo para os escoteiros. Uma ação de oferecimento de si, de seu trabalho, em prol de um sentido de comunidade de pertença.

O segundo capítulo trouxe fotografias tiradas durante as entrevistas que realizei com três interlocutores, Diogo, Áquila e Rebeca, além de momentos da pesquisa de campo em atividades escoteiras: em Brownsea, no Jamboree Mundial, em Gilwell Park e na sede do Grupo Escoteiro Guia Lopes. Este conjunto tinha o objetivo de mostrar como acontecem as coleções de memória de escoteiros, que conjugam os locais e experiências por onde passam na performance de usar, colecionar e fetichizar objetos que são resultados físicos destas vivências. Eles passam por um processo estético próprio: o roto pode ser um sinal distintivo positivo ao invés de sinal de desleixo, o excesso visual por demasia de símbolos adquiridos é

sinal de muitas histórias e os símbolos são pensados apenas para serem reconhecidos pelos iniciados.

No terceiro capítulo, apresentei dois ensaios que são interligados entre si e falam sobre o acampamento conforme concebido por escoteiros. O primeiro ensaio se preocupa em teorizar o “aprender-fazendo” e sobre como o acampamento se constitui como o ápice do sistema pedagógico do movimento escoteiro, que estimula ao mesmo tempo o aprendizado individual (portanto instila a “independência”) e o trabalho em equipe, através do que é considerado uma competição sadia no contexto da “natureza selvagem”. O segundo ensaio descreve a experiência de um acampamento cujo objetivo é estimular a “fraternidade mundial” escoteira e a proposta de “celebração pacífica dos povos”. Estes itens buscam construir a identidade deste movimento, mas conformam acima de tudo um esquema tradicional inventado, um ideal de “pessoa a tornar-se” e de um “como tornar-se”.

O quarto capítulo traz retratos destes jovens e algumas fotografias espontâneas tiradas em atividades onde estes se encontravam. Meu objetivo era dar-lhes rosto e expressão. Apesar do ambiente institucional ser hierarquizado, isto não significa que as atividades e as performances destes jovens também o são. Os jovens que encontrei no ramo pioneiro demonstram características líquidas, tanto em suas relações de afeto, quanto em seus corpos, e não acredito que havia melhor forma de explorar esta faceta do que através deste relato fotoetnográfico.

O quinto capítulo possui relação direta com o quarto, pois aborda a questão do trabalho voluntário, da vivência do ramo pioneiro e de como este processo se modela como um momento de passagem experiencial para estes jovens onde tanto a “festa” quanto o “trabalho” são elementos essenciais. Retornando ao que foi discutido no primeiro capítulo, acredito ser possível afirmar que os escoteiros executam um voluntariado, na medida em que doam seu tempo e seu trabalho com o objetivo de serem enquadrados em comunidades de pertença específicas, mas que seu compromisso é mais interno ao movimento do que às pessoas que recebem seus auxílios. Sendo que as relações afetivas e a construção identitária resultante desta disposição de si são o contra-dom que recebem.

Ao chamar o sexto capítulo de Cosmogonia, busquei trazer a nuance de um ato criador a partir do qual discursos e políticas referendam valores defendidos pelo movimento escoteiro. A criação de sentido de seus modos de existência e de suas práticas está ligada a estas ações de “serviço ao próximo”. Ao apresentar fotografias tiradas em projetos escoteiros

sendo executados e em mutirões regionais, além de outras em que eles estão em repouso ou conversando durante uma atividade, busquei oferecer um olhar interno sobre estas práticas, como complemento a outros momentos descritos na dissertação.

O sétimo capítulo traz majoritariamente falas a partir das três entrevistas realizadas conformando um debate sobre o que seria o engajamento e a dádiva de si no movimento escoteiro. Neste ponto foi levantada a questão do que seria um envolvimento “válido” para jovens adultos do movimento escoteiro, o que corrobora a noção de que o voluntariado de fato exercido é interno com a instituição, seja a nível local ou nacional.

Teoricamente este envolvimento dos pioneiros visa a prática de projetos sociais, ou melhor, o auxílio a outros, o “serviço ao próximo”. Acabam modelando, não obstante, mais um envolvimento de escoteiros com a instituição deste movimento, ou seja, um engajamento interno. Os escoteiros doam-se em projeto que visam não-escoteiros, porém esta prática de certa forma possui poder embaixador de discursos específicos e, de certa forma, despolitizados em um espectro mais amplo de ação política.

A dádiva de si no movimento escoteiro opera uma noção muito específica de engajamento: a doação de tempo de vida, o aceite de um sistema de valores expressados na ritualística que envolve a promessa escoteira e o estabelecimento de vínculos fraternais, relacionais ou comunitários entre membros destes grupos.

Estas práticas acabam por denotar categorias como voluntariado, movimento, instituição, jovem, “ação social” em entendimentos também específicos que conformam um modo de existência.

A romantização das passagens da vida e dos relatos “históricos” de Baden-Powell são o mito-fundador desta condição e, a partir daí, a tradição inventada do escotismo funda seus alicerces, naturaliza comportamentos “exóticos” (como, por exemplo a troca de lenços) e torna realidade uma noção identitária específica do *ser escoteiro*. Busquei trazer a lume estas noções, através de uma abordagem etnohistórica deste assunto.

Nos dois ensaios mais pontuais, e um pouco desvinculados com a territorialidade de minha pesquisa, analisei de forma mais integrativa o *habitat* primordial dos escoteiros, que é o espaço do acampamento. Espaço este que é essencial e dá *conjuntura* a todo propósito deste movimento: a colaboração em equipe, o aprender fazendo, o expor-se ao mundo.

Busquei em uma segunda parte da dissertação dar rosto e nome a estes interlocutores.

Ao questionar o que estas pessoas fazem e o que faz delas, elas mesmas, tentei oferecer uma perspectiva, a partir da voz ativa delas, sobre como entendem a vivência deste momento de passagem (Guedes, 1997) que é o ramo pioneiro e busquei encontrar o valor “quintessencial” que dá sentido ao seu sistema de pensamento. Onde ofereço a perspectiva nativa de imbricamento da ludicidade e do trabalho ou da sociabilidade e do compromisso. Que eles fazem estas atividades crendo no valor de seu serviço para quem recebe esta ajuda e, ao mesmo tempo, buscam nestas atividades o estabelecimento de novas relações afetivas entre escoteiros ou a manutenção de velhas relações

O que nos leva à questão da visão deles sobre a noção de engajamento necessário no movimento escoteiro e como esta forma específica de engajamento se manifesta. Uma característica visível ao longo de toda a história do movimento escoteiro é o fator da “espontaneidade”. É possível observar este fenômeno em vários níveis, mas uma síntese possível é a de que a institucionalidade vem após o início de uma prática, ou seja, a instituição é um complemento para o melhor funcionamento de um fenômeno que já ocorria de forma independente. Como exemplo: Baden-Powell escreveu um livro, jovens começaram a fazer o que este livro dizia; dada à popularidade e rápida adesão de dezenas de jovens, uma instituição começa a ser elaborada para homogeneizar estas práticas.

Porém, apesar de apresentar-se como um movimento e a partir disso configurar uma instituição de certa forma centralizadora, ainda assim o movimento escoteiro é um *movimento de juventude*, de certa forma fluída.

A “juventude” conforme categoria citada ao longo deste texto não oferece elementos catalisadores suficientes para uma síntese. Além dos recortes pragmáticos de idade fixados nos documentos oficiais da União dos Escoteiros do Brasil, não vi falas e práticas suficientes para fazê-lo, porém é implícito que a “juventude” não se pensa, não se autoanalisa. Ela simplesmente *é*, inclusive ela não se dá o nome de juventude, nem se dá nenhum outro nome, quem deu esse nome a ela fomos nós, os *adultos*.

Isto fica claro, especialmente, no último capítulo. “O jovem” parece mais uma figura idealizada do que uma categoria específica com recorte de idade dentro do movimento escoteiro. Não que isso desautorize o que é afirmado por meus interlocutores sobre o trabalho com o jovem: existem jovens, mas eles são mais multifacetados e heterogêneos do que o vocábulo “jovem” possibilita sintetizar.

Quanto ao trabalho voluntário, este se provou como um item de suma importância no entendimento destes escoteiros com quem conversei durante esses quase dois anos de pesquisa. E, espero, explicita a relação, conforme a vejo, que se estabelece entre o dom, o contra-dom e a reciprocidade. Buscando aliar o *Ensaio sobre a Dádiva* de Mauss (1974a) a outras perspectivas e releituras (Sabourin, 2008. Sigaud, 1999. Le Gall-Ely, Urbain, Gonzales, 2010), porém primando pela análise etnográfica criticamente construída a partir da pesquisa de campo.

Escoteiros doam seu serviço ao próximo ou fazem trabalhos voluntários “porque é isso o que o escoteiro faz”, já o receptor desta dádiva difere conforme o projeto desenvolvido pelo clã ou outro tipo de equipe de trabalho. Mas, especialmente, espero ter explicitado de forma clara o contra-dom (Mauss, 1974a) existente nesta dinâmica, o desenvolvimento de qualidades específicas, de *skill*, de ferramentas que servirão para ajudar o escoteiro a sobreviver na adversidade, seja *into the wild*, seja na selva de concreto. Talvez, a resposta que o movimento escoteiro brasileiro esteja procurando para a questão do que é um voluntariado voltado para dinâmicas internas e do que é um trabalho voluntário efetivo seja que estes não devem se referir nem a tendências ufanistas, nem a filantropia judaico-cristã, mas sim a um engajamento *no mundo, com* as pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUTTI, Luiz E. R. **Fotoetnografia**: Um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1997.

ACHUTTI, Luiz E. R. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Tomo Editorial, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

ALBERT, Bruce. “Ethnographic Situation’ and Ethnic Movements: notes on post-malinowskian fieldwork”. In: **Critique of Anthropology**. Vol. 17(1). London: Sage Publications, 1997. P. 53-65

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (org.). **Culturas Jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo (org.). **Diferenças, Igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASHE, Geoffrey. **The Quest for Arthur’s Britain**. Aylesbury: Granada Publishing, 1972.

BADEN-POWELL, Robert S. S. **Escotismo para Rapazes**. Curitiba: UEB, 1986.

_____. **Lições da Escola da Vida**. Curitiba: UEB, 1986a.

_____. **Caminho para o Sucesso**. Porto Alegre: UEB, 2000.

_____. **Guia do Chefe Escoteiro**: teoria do adestramento escoteiro, um subsídio para a tarefa dos chefes. Porto Alegre: Ed. Escoteira, União dos Escoteiros do Brasil, 2000.

_____. **De Lobinho a Pioneiro**: a criança e o jovem com quem lidamos. Curitiba: UEB, 2010.

_____. **Aids to Scouting**. Acessado em fevereiro de 2011. Disponível em: <http://pt.scribd.com/Old%20Skool%20Scout/d/208509-Aids-to-Scouting>. (livro original de 1899).

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.

BATESON, Gregory. MEAD, Margaret. **Balinese Character**: a photographic analysis. New York: New York Academy of Sciences, 1942.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Globalização**: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge

Zahar Ed., 2004.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **44 cartas do Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

_____. **Isto Não É Um Diário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

BECKER, Howard. "Response to the 'Manifesto'". In: **Ethnography**; nº 1; Sage Publications, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BOULANGER, Antonio. **O Chapelão: histórias da vida de Baden-Powell**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2008.

BOURDIEU, P. "Gosto de classe e estilo de vida". In: ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Atica, 1983.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

_____. "É possível um ato desinteressado?" In: **Razões Práticas**. Campinas, Papirus, 1996, p. 137-161.

BRAUDEL, F. **The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II**. 2 vol. New York: Harper and Row, 1972.

BRUNER, Edward M. "Ethnography as Narrative". In: TURNER, Victor; BRUNER, Edward. **The Anthropology of Experience**. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1986.

BUREAU MONDIAL DU SCOUTISME. **Scoutisme et Paix**. Genebra: WOSM/UNESCO, 2002.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

_____. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever" In.: **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2000.

CAVALCANTE, Thiago L. V. "Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância de pesquisa". In: **Revista História**; v. 30, n.1, jan/jun; São Paulo; 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHANIAL, Philippe. "Ce que le donner donne a voir: esquisse d'une grammaire des relations humaines en cle de don". In: **Mauss Vivant: Seminaire International** (13-20 de junho), Cerisy-la-Salle, 2009, p.31-61.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: A História entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.

CLIFFORD, James. "Sobre a autoridade etnográfica". In: _____. **A experiência etnográfica**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro:

Rocco, 1987.

_____. “O Ofício do etnólogo, ou como ter *anthropological blues*” In: NUNES, E.O. (org.). **A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DUARTE, Adriana. **Informação, comunicação e sociabilidade na internet: um estudo das interações no ciberespaço entre membros do Movimento Escoteiro** (tese de doutorado). PPGCI/UFMG, 2005.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser Afetado”. In **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

FONSECA, Maria de Lurdes. **Cidadania, Democracia, Juventude e Voluntariado numa Abordagem Sociológica**. Lisboa: USCSP-UTL, 2001.

GABRIEL, Yara C. **Prescrições cívico-morais e a formação do cidadão: um estudo sobre a introdução do escotismo nas escolas públicas de São Paulo (1917-1922)**. (Dissertação de mestrado). São Paulo: PPGEd/PUCSP, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUEDES, Simoni. **Jogo de Corpo: um estudo de construção social de trabalhadores**. Niterói: EDUFF, 1997.

HENAFF, Henaff. “Sur la norme de reciprocité”. In: **Mauss Vivant: Seminaire International** (13-20 de junho), Cerisy-la-Salle, 2009, p.67-77.

HOBBSAWM, Eric. “Symboles, vêtements et socialisme”. In: **Actes de la Recherche**. N° 23, set. 1978.

_____. “Introdução: a invenção das tradições”. In: _____. RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Tempos Interessantes: uma vida no séc. XX**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 2008

HOFF, Antonio C. **Para Que Não Se Dê por Passado: o escotismo gaúcho de 1968 a 1982**. Porto Alegre: Editora RJR, 2005

INGOLD, Tim. **The Perception of Environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. Londres: Routledge, 2000.

_____. “Anthropology is not Ethnography”. In: _____. **Being Alive: essays on movement, knowledge and description**. Londres: Routledge, 2011.

_____. “Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem”. In: STEIL, Carlos A.; CARVALHO, Isabel C. de Moura. **Cultura, Percepção e Ambiente: diálogo com Tim Ingold**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

KRAKAUER, Jon. **Na Natureza Selvagem**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2011.

LA BRETÈQUE, François de. “Le Regard du Cinéma sur Le Moyen Âge”. In: LE GOFF, Jacques; LOBRICHON, Guy (dir.). **Le Moyen Age Aujourd'hui**. Paris: Éditions Leopard d'Or, 1970.

LAVE, Jean. “Situating learning in communities of practice”. In: RESNICK, L. LEVINE, J. TEASLEY, S (ed.). **Perspectives on Socially Shared Cognition**. Hyattsville, MD: American

Psychological Association, 1991. pp. 63-84.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional, 1970.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

LE GALL-ELY, Marine. URBAIN, Caroline. GONZALEZ, Christine. **“Je donne donc je suis”** ou comment le don participe de la construction identitaire. Paris: Agence Nationale de la Recherche, 2010.

LE GOFF, Jacques. “Introduction”. In: _____. **L’imaginaire Médiéval**. Paris: Gallimard, 1985.

_____. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LONDON, Jack. **Caninos Brancos**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2001

LONDON, Jack. **O Chamado da Floresta**. São Paulo: L&PM, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. (Col. Os Pensadores). São Paulo: Ed. Abril, 1978.

MACIEL, M. E.; ALVES, Caleb F (org.). **O Lugar Comum da Diferença**. Porto Alegre, RS.: Editora da UFRGS, 2009.

MAUSS, Marcel. “Essai sur le don: forme et raison de l’échange dans les sociétés archaïques”. In _____, **Sociologie et anthropologie**, Paris, 1923-1924. Disponível em: classiques.uqac.ca/classiques/mauss_marcel/socio_et_anthropo/2_essai_sur_le_don/essai_sur_le_don.html. Acessado em outubro de 2011.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974a.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção de “eu”. In: _____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974b.

MEAD, Margaret. "Visual Anthropology in a discipline of words", In:_____. **Principles of Visual Anthropology**. Paul Hockings (ed.), Mouton Publisher, 1975.

MEIRA, Monica B. V. “Sobre estruturas etárias e ritos de passagem”. In: **Ponto-e-Vírgula**. n° 5: p.185-201, 2009.

MELUCCI, Alberto. “Juventude, Tempo e Movimentos Sociais” (tradução de Angelina Teixeira Peralva). In: **Revista Brasileira de Educação**. Mai/Jun/Jul/Ago, N° 5; Set/Out/Nov/Dez, N° 6. 1997.

MOTT, Luiz. **Etno-história da Homossexualidade na América Latina**. (Seminário-Taller de Historia de las Mentalidades y los Imaginarios). Bogotá: Pontificia Universidade Javeriana, 1994.

MOTTA, Maria I. F. **Bandeirantismo no Brasil**: Um estudo de caso sobre mulher e modernidade (dissertacao de mestrado). Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ, 1988.

NASCIMENTO, Jorge C. **A Escola de Baden-Powell**: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

NETO, David Izeckson. **Brownsea**: conhecendo o local onde o escotismo começou. Curitiba: UEB, 2010.

- PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1995.
- PERO, Elvio. **Acampar e Explorar**. Curitiba: UEB, sem ano. (primeira edição chilena em 1992).
- UFRGS. Projeto Percurso do Artista: **Achutti** (catálogo da exposição organizada pelo Departamento de Difusão Cultural da UFRGS; artista Luiz Eduardo Robinson Achutti). Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- PULLMAN, Philip. **A Faca Sútil**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- RAMOS, Alcida. **Do Engajamento ao Desprendimento**. Revista Campos, nº 8(1). 2007. P. 11-32.
- SABOURIN, Eric. **Marcel Mauss: de dádiva à questão da reciprocidade**. RBCS Vol. 23 nº. 66 fevereiro/2008
- SAKA, Erkan. **Blogging as a research tool for ethnographic fieldwork**. (paper apresentado à) EASA: Media Anthropology Network e-seminar: Istanbul Bilgi University, 2008. Disponível em: www.media-anthropology.net. Acessado em: novembro de 2012.
- SANTOS JR, Lourival F. **Escoteiros de Tupã-Ci: 60 anos cultivando um ideal 1941-2001**. Porto Alegre: Graf. Metropole, 2001.
- SCHERER, Joanna. “Documento Fotográfico: fotografias como dado primário na pesquisa antropológica”. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**. No. 1. Rio de Janeiro: UERJ, NAI, 1996.
- SCHWARCZ, Lilian. Questões de fronteira: sobre uma antropologia da história. **Novos estudos – CEBRAP**. Nº72. São Paulo, 2005.
- SIGAUD, Lygia. “As vicissitudes do ensaio sobre o dom”. In: **Mana: Estudos de Antropologia Social**, 5 (2): p. 89-124, Rio de Janeiro, 1999.
- SILVA, Patricia Kunrath. **Vestindo a Camiseta: engajamento institucional e construção de identidades no contexto de intercâmbios culturais da AIESEC**. (dissertação de mestrado). Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 2012.
- SONTAG, Susan. **Contra a Interpretação**. Porto Alegre: P&PM, 1987.
- _____. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SOUSA, Mauro. “Práticas de recepção mediática como práticas de pertencimento publico”. In: **Novos Olhares**, USP, no. 3, 1999, p.12-30.
- SOUZA, Max. **Pensamento social conservador na modernidade brasileira contemporânea: estudo de caso sobre o Movimento Escoteiro**. (dissertação de mestrado) São Paulo: PPGAS/USP, 2010.
- SOUZA, Regina M. “Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz”. In: **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**. Nº 1(1): p. 1-28, 2009.
- THOMÉ, Nilson. “Escotismo em Caçador (SC): História de uma instituição extra-classe”. In: **Anais da VI Jornada do HISTEDBR**, Ponta Grossa, 8/11/2005. Cd Rom.
- _____. Movimento Escoteiro: projeto educativo extra-escolar. In: **Revista HISTEDBR Online**. Campinas, n. 23, p. 171-194, set. 2006.
- TURNER, Victor. **O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VAN GENNEP, Arnold. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

VANHOENACKER, Maxime. “De la difficulté à résister et au consensus pour des animateurs bénévoles des EEDF (Éclaireuses et Éclaireurs de France – mouvement laïque Du scoutisme français)”. LAIOS-EHESS/CNRS. In: **ADELS – Xiè Rencontres de la démocratie locale**. 2009.

VELOSO, Mariza. “O Fetiche do Patrimônio”. In: **Habitus**, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 437-454, jan-jul/2006.

UNIAO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Relatório Anual 2010**. Curitiba: UEB, 2011.

UNIAO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL. **Relatório Anual 2012**. Curitiba: UEB, 2013.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma**: notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 294

WILLIS, Paul. **Common Culture**: symbolic work at play in the everyday cultures of the young. Buckingham: Open University Press, 1990.

_____. TRONDMAN, Mats. “Manifesto for Ethnography”. In: **Ethnography**; nº 1; Sage Publications, 2000.

WORLD SCOUT ORGANIZATION. **As Características Essenciais do Escotismo**. Curitiba: UEB, 2008.

ZAPATA, Laura. **La mano que caricia la pobreza**: etnografía del voluntariado católico. Buenos Aires: Antropofagia, 2005.

ZUQUIM, Judith. CYTRYNOWICZ, Roney. “Notas para uma historia do escotismo no Brasil: a ‘psicologia’ escoteira e a teoria do carater como pedagogia do civismo” (1914-1937). In: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 35, p. 43-58, jul. 2002.

_____. **60 anos de Escotismo e Judaísmo (1938-98)**: A construção de um projeto para a juventude. Uma historia do Grupo Escoteiro e Distrito Escoteiro Anhandava. São Paulo: Congresso Israelita Paulista, 1999.